



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO EM HISTÓRIA

**EM BUSCA DE OMAGUA E DORADO:
MITO E REBELIÃO NA JORNADA DE PEDRO DE URSUA/LOPE DE
AGUIRRE SEGUNDO OS CRONISTAS PEDRARIAS DE
ALMESTO, FRANCISCO VÁZQUEZ E GONZALO DE ZÚÑIGA
(1560-1561)**

Discente: Lígia Maria Ferreira Amazonas
Orientador: Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte

Manaus, setembro de 2008.

LÍGIA MARIA FERREIRA AMAZONAS

**EM BUSCA DE OMAGUA E DORADO:
MITO E REBELIÃO NA JORNADA DE PEDRO DE URSUA/LOPE DE
AGUIRRE SEGUNDO OS CRONISTAS PEDRARIAS DE
ALMESTO, FRANCISCO VÁZQUEZ E GONZALO DE ZÚÑIGA
(1560-1561)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, do Instituto de Ciências Humanas e
Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito
para a obtenção do título de Mestre em História, na área de
História Social.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Auxiliomar Silva Ugarte - Orientador

Prof^a Dr^a Elsa Otilia Heufemann-Barría

Prof. Dr. Síval Carlos Mello Gonçalves

Para Tony,
“meu herói”

Agradecimentos

Por maior que seja o esforço individual dispensado a um trabalho acadêmico, ele é o resultado da ação de vários seres humanos, alguns colaborando indiretamente, outros diretamente envolvidos.

O meu primeiro agradecimento vai para a *pessoa* do professor Auxiliomar Ugarte, pelo seu apoio, sua presença, seus preciosos conselhos e, acima de tudo, humildade. Certamente que, sem sua parceria, este humilde trabalho não sairia a contento.

Agradeço de modo especial a meus pais, Ila e José Amazonas, pelo fato de terem me proporcionado uma ótima formação humana, além de terem me concedido, ainda na juventude, o acesso a excelentes instituições de ensino.

Agradeço especialmente a meu irmão Paulo, que me proporcionou, na infância, o acesso a bons livros e por ter despertado em mim o interesse pela leitura. Aos demais irmãos Efraim, Liziamara, Aline, Ângela e Débora, por terem se tornado ótimos exemplos de pessoas para irmã sua caçula. Ao meu sobrinho Ernesto, pela sua calorosa amizade.

Agradeço também à valiosa colaboração de meu marido Tony que, apesar de ser biólogo, interessou-se positivamente pela minha pesquisa, auxiliando-me no acesso a trabalhos atuais e especializados e apoiando-me desmesuradamente na condução da pesquisa.

Aos meus “filhos-de-pêlo” Maurício Erê, Toquinho, Magali, Cascão, Jeremias (Nêgo), Maria Cebolinha (Lôra), Branca, Sophia, Caçula e Adrianinha, por seu carinho incondicional.

Aos colegas de curso, pela sua companhia durante as breves conversas nos intervalos das disciplinas ou em encontros ao acaso dentro do Campus. Quero registrar principalmente as colegas Simone Villanova, por ter dado valiosas contribuições para a pesquisa, e à Carla Lima, por seu apoio e assessoria profissional nos momentos mais difíceis.

À bibliotecária Arlete, pela atenção e ajuda com a aquisição de alguns livros.

Ao Edwin Agudelo, Julian Malzate e Antonio Esteves, pesquisadores e colaboradores virtuais, os quais também me proporcionaram valiosíssimos materiais para pesquisa; o primeiro, enviando livros de Barcelona; o segundo, material da Colômbia, e Antonio Esteves, diretamente de São Paulo.

Ao professor Paulo Koguruma, *in memoriam*, pelas críticas aos primeiros trabalhos realizados e pelo incentivo dado ao longo da disciplina que ministrou.

A Paulo Christian, outro colaborador virtual, e a Luís Carlos, pelo auxílio com o *abstract*.

Meu agradecimento vai também a toda minha família, amigos e chegados, de cuja companhia em reuniões sociais tive que abrir mão porque quase sempre, nos finais de semana, tinha que estudar. Agradeço à sua compreensão.

Finalmente, a todas as pessoas que, pelas limitações da memória, não foram aqui lembradas, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar, em uma expedição específica do século XVI e que foi testemunhada pelos cronistas Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto e Gonzalo de Zúñiga, todos soldados sobreviventes, duas temáticas bem definidas, quais sejam, o mito ou fábula do El Dorado e a representação do soldado Lope de Aguirre. El Dorado tratava-se, na época, de uma região supostamente rica em metais preciosos e de grande densidade demográfica, cuja expectativa para encontrá-la seduzia muitos conquistadores espanhóis, os quais devassavam territórios inóspitos e desconhecidos em pleno território sul-americano motivados pela esperança concreta de enriquecimento. Fazendo parte da mesma temática, o trabalho igualmente busca apresentar uma versão de como o mais famoso protagonista desta expedição, o soldado Lope de Aguirre, que pôs fim às buscas pelo El Dorado por ter iniciado e comandando uma rebelião contra a Monarquia Espanhola, foi representado pelos cronistas. Por causa do relevo que este personagem da história das Américas ganhou ao longo dos séculos, procuramos também compreender as causas que o teriam levado àquele ato de insubordinação. Neste sentido é que o contexto histórico específico vivenciado por estes atores sociais também foi contemplado, cujo entendimento é de imprescindível importância para nos remetermos àquele momento específico. Em função desta demanda, este trabalho insere-se na abordagem da História Cultural, a qual procura exatamente dar conta desta tarefa, que é traduzir um outro, distante no tempo e no espaço.

ABSTRACT

This work aims to research, in a specific expedition in the 16th century and which was witnessed for the chroniclers Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto and Gonzalo de Zúñiga, all of them were soldiers who survived. These are two well delimited themes: the *myth or tale of El Dorado* and the idea of the soldier Lope de Aguirre. El Dorado was, at that time, a legendary region which was very rich in precious metals and with large population density. The conquerors hope to find it seduced many Spanish persons, who wandered through wild and unknown lands in the heart of the South American territory. Those people was attracted by the hope of wealth. Inside the same theme, this work also aims to present a reading of the chroniclers description of Lope de Aguirre, who ended the expedition for the *El Dorado* because he had begun a rebellion against the Spanish Monarchy. Due his meaning as character of the History of Americas, we also tried to understand the reasons which took him to this insubordination act. In this sense, the specific historical context lived for these social actors also was center of attention, because this knowledge has deep substance in order that we can conduct our study to that precise moment. For the reason of that prerequisite, this work takes place inside the approach of the Culture History, which will researches this purpose, which is to *translate* one other far away in the time and in the space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1. A EXPEDIÇÃO PEDRO DE URSUA/LOPE DE AGUIRRE.....	14
1.1. Apresentação da expedição.....	15
1.2. As Crônicas.....	24
1.3. Os Cronistas.....	31
 CAPÍTULO 2. O PERU PÓS-CONQUISTA E A GERAÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE: DESAFIOS PARA O IMPÉRIO ESPANHOL.....	 33
2.1. A Expedição e seu Contexto: a Espanha de Carlos V e o Sacro Império Romano Germânico.....	35
2.2. Os conquistadores, senhores do Peru: desafios à Monarquia Espanhola.....	40
 CAPÍTULO 3. OMAGUA E DORADO: OS OBJETIVOS DA EXPEDIÇÃO NAS CRÔNICAS DE ZÚÑIGA, ALMESTO E VÁZQUEZ.....	 47
3.1. Espanha, a Geografia Visionária do Novo Mundo e o El Dorado.....	48
3.2. Os índios brasis, a expedição de Francisco de Orellana e a formação da Jornada de Pedro de Ursua.....	54
3.3. Os Objetivos da Expedição.....	56
3.3.1. Antecedentes: a preparação da Jornada.....	58
3.3.2. A hora de pôr à prova o testemunho dos “brasis”: da partida até Machifaro.....	68
3.3.3. De Machifaro ao Atlântico: o fim das buscas a Omagua e Dorado e o novo objetivo da expedição.....	82
 CAPÍTULO 4. REBELIÃO NA JORNADA SEGUNDO OS CRONISTAS PEDRARIAS DE ALMESTO, FRANCISCO VÁZQUEZ E GONZALO DE ZÚÑIGA: A REPRESENTAÇÃO DE LOPE DE AGUIRRE.....	 93
4.1. Um breve passeio pela historiografia.....	96
4.2. Aguirre pelos cronistas: temido, odiado ou amado?.....	103
4.3. Um vizcaíno contra Felipe II.....	113
4.4. Aguirre, um homem do seu tempo?.....	123
CONCLUSÃO.....	138
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	141
ANEXOS.....	145

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Do grupo de viagens de exploração ao território sul americano no século XVI, algumas ganham destaque especial, como é o caso da expedição de Francisco de Orellana, ocorrida entre os anos de 1541 e 1542. A crônica de Frei Gaspar de Carvajal, relato testemunhal da expedição, inspira até os dias de hoje estudos nas áreas de História, Etno-História, Antropologia e outras áreas do conhecimento, uma vez que o frade dominicano registrou informações detalhadas sobre o modo de vida de várias sociedades américo-amazônicas daquele período, bem como sobre o seu meio ambiente¹.

Do mesmo modo, a expedição de Pedro de Ursua-Lope de Aguirre, ocorrida entre os anos 1560 e 1561, também faz parte deste grupo de expedições de destaque. É uma expedição rica em informações: cerca de onze ou doze relatos, escritos não por cronistas profissionais, mas simples soldados, os quais, na condição de *sobreviventes*, deixaram por escrito a memória daquela expedição nefasta que entrou para a história não por ter alcançado os objetivos previstos e/ou similares, mas sim por ter se transformado numa rebelião tão sangrenta quanto durou a existência de seu líder, o soldado Lope de Aguirre.

A respeito do conteúdo relativo ao ambiente que teriam percorrido no percurso da jornada, o etno-historiador Antonio Porro sublinha que os relatos de Vázquez, Altamirano, Zúñiga e Monguía, os quais foram examinados por ele, dão um tratamento sumário à geografia do médio e baixo Amazonas. Apesar da pobreza de informações sobre as sociedades encontradas pelos expedicionários e que para ele é traço comum às demais narrativas do período, Porro enfatiza: no caso específico da expedição Ursua-Aguirre, as informações são poucas porque, além de tudo, “*a traição de Aguirre transformou o que devia*

¹ Cf. CARVAJAL, Gaspar de. *Relação do Rio Marañón segundo o que escreveu frei Gaspar de Carvajal*. In: PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas: notas etnohistóricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

*ser uma viagem de exploração e conquista numa fuga desordenada em que a maior preocupação da tripulação parece ter sido sobreviver aos humores do tirano.”*²

Lope de Aguirre foi apontado como o principal líder da rebelião que pôs fim às buscas das regiões de Omagua/Dorado porque, como vários de seus companheiros, desejava regressar ao Peru, considerando que era lá que deveriam buscar as riquezas, uma vez que era certa sua existência, e não numa região desconhecida. Como Pedro de Ursua, governador das novas terras e líder oficial da expedição não concordasse com a idéia, foi assassinado na província de Machifaro — a terceira província encontrada e assim denominada —, dando-se início a uma saga que teve seu desfecho com a execução e o posterior esquartejamento do soldado acusado de alta traição.

É sobre esta expedição que desenvolveremos o trabalho, o qual está dividido em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “*A expedição Pedro de Ursua-Lope de Aguirre*” tem como preocupação apresentar ao leitor a expedição e seus principais acontecimentos. Nele também há informações sobre as *crônicas*, que constituem as fontes históricas desta pesquisa, sua definição, os objetivos a que atendiam, etc. Finalmente, há também informações sobre os cronistas, os autores dos relatos analisados, informações estas que foram retiradas desses escritos quinhentistas e de trabalhos de importantes estudiosos. Em nossa pesquisa, elegemos para investigação as crônicas de Francisco Vázquez, Pedrarias de Alместo e Gonzalo de Zúñiga. Como fontes de apoio, consultamos as crônicas de Custodio Hernandez, Pedro de Monguia e a Relação Anônima.

O segundo capítulo é etapa fundamental no trabalho. Sob o título “*O Peru pós-conquista e a geração de uma nova realidade: desafios para o império espanhol*”, buscamos desta vez situar o leitor no novo cenário criado a partir da conquista do Peru, bem como ressaltar a natureza das relações entre os conquistadores *indianizados* e a Monarquia

² Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas...*, p. 84.

Espanhola, a qual a partir daquele momento iria sofrer uma mudança substancial em decorrência, como veremos, do próprio processo de Conquista.

Já no Capítulo 3, com o título “*Omagua e El Dorado: os objetivos da expedição nas crônicas de Zúñiga, Alместo e Vázquez*” entraremos em contato propriamente com o conteúdo das narrativas. Nesta parte, nosso objetivo será o de verificar de que forma os expedicionários envolvidos naquela missão lidaram com a expectativa de encontrar as supostas regiões ricas, ao mesmo tempo em que experimentavam a natureza do ambiente amazônico.

Finalmente, no último capítulo, intitulado “*Rebelião na Jornada segundo os cronistas Pedrarias de Alместo, Francisco Vázquez e Gonzalo de Zúñiga: a representação de Lope de Aguirre*”, procuramos dar destaque à personalidade do conquistador, buscando, através de várias abordagens, compreender a sua atitude como um homem de sua época. Procuramos também, pela leitura atenta dos três relatos, dar conta da forma como ele foi percebido pelos seus soldados durante a condução da rebelião, não obstante ser veementemente qualificado como *tirano* pelos cronistas. Neste sentido, é interessante ressaltarmos o quanto as ferramentas metodológicas que utilizamos foram fundamentais nesta tarefa.

Por isto, este trabalho insere-se na História Cultural³. A partir da metodologia adotada por esta abordagem, conseguimos, com as *ferramentas* adequadas, captar alguns traços importantes. Assim, por meio do conceito de *imaginário* atingimos aquele nível de realidade mais cotidiano, ou seja, a forma como aqueles homens e mulheres viviam, suas crenças, seus valores, a vivência de sua realidade, seus desejos e aspirações, etc. Ferramenta fundamental do trabalho, possibilitou-nos apreender, por exemplo, o *mito* ou *fábula* de El Dorado e a

³ A História Cultural é uma tendência que vem ganhando espaço no mundo inteiro como importante vertente historiográfica, apesar das críticas de seus oponentes. Esta escola, herdeira da tradição dos *Annales*, privilegia aspectos antes considerados de ínfima importância para a compreensão dos fenômenos estudados pelos historiadores e ligados ao cotidiano, como modos de ser, de sentir e de pensar, estudos de gênero, história da sexualidade, a *microhistória*, etc. Para maiores detalhes dos impasses e sucessos desta escola, consultar: VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

expectativa que animava aquelas pessoas a encontrá-lo, apesar das muitas tentativas infrutíferas. Sem este artifício, tornar-se-ia muito difícil, para não dizermos *impossível* a aproximação nossa com o momento histórico único experimentado por aqueles homens e mulheres, onde a realidade geográfica experimentada confundia-se, como veremos, como seu horizonte de expectativas, misturando em uma só experiência o fabuloso e o concreto, mundos opostos para nossa sociedade histórica atual⁴. O *imaginário* é, nesse sentido, categoria indispensável para se atingir uma sociedade distante no tempo e no espaço.

Por meio do conceito de *representação*, pudemos nos aproximar da forma como Aguirre foi percebido entre os soldados, bem como perceber o grande poder pessoal que emanava do chefe junto a seus *marañones*. Este conceito foi importante também para diferenciar esta última forma de representação, mais sutil, da *oficial*, pela qual os cronistas, utilizando-se do adjetivo *tirano* buscaram identificá-lo como um criminoso, um traidor; o que já era esperado, uma vez que nenhum quis ser acusado de ser cúmplice do *caudillo*. Por meio, então, da *representação*, chegamos a duas maneiras de ver e interpretar o personagem: uma, no nível oficial, uma representação *explícita*, e a outra, implícita, que foi encontrada pelo exame minucioso das três crônicas⁵.

⁴ A respeito da importância do *imaginário* para o trabalho do historiador, especialmente em caso de períodos bem distantes da nossa era, Aaron Gurevich alerta que “o historiador deve se dar conta de que os mitos e fantasias dos homens, as suas construções mentais, que a consciência racionalista dos homens da Idade Moderna tende a qualificar como ‘preconceitos’ e incluir na categoria de ‘falsa consciência’, determinaram grandemente o conteúdo dos textos que são fontes para o historiador, e que a primeira coisa que o pesquisador encontra é a estrutura da consciência humana reproduzida em monumentos. Conseqüentemente, antes de emitir um juízo sobre a falsidade ou a veracidade da informação neles contida, é necessário compreender a natureza das fontes históricas, seu condicionamento sociocultural e a sua função no contexto da época que os gerou.” Cf. GUREVICH, Aaron. *A Síntese Histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 209.

⁵ Utilizamos-nos do conceito de *representação* tal qual foi compreendido por historiadores renomados da História Cultural, a exemplo de Carlo Ginzburg e Sandra Pesavento. De acordo com estes estudiosos, a *representação* “dá a ver uma ausência”, no sentido de se evocar uma presença real, concreta, por meio, neste caso, de um discurso, que é a crônica. Neste sentido, o discurso tem, entre outros, a função de construir uma imagem, por meio de aproximações que remetem ao representado. Além disso, a *representação* tem o poder de evocar uma presença, como neste caso, uma pessoa real, cujos feitos narrados servem de testemunho de sua real existência, testemunhada por seus contemporâneos. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003; GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

A *representação* ajudou-nos também a construir uma versão da realidade daquele soldado, dirigindo-nos às suas origens, aos seus traços comuns com homens de sua época. Tal noção permitiu que nos aproximássemos daquele contexto e, assim, entender suas atitudes, de outro modo completamente incompreensíveis⁶.

Com o conceito de *sensibilidades* tivemos como preocupação recuperar aquele traço presente nas narrativas e que escapa ao controle do cronista, como o não-dito, o não-elaborado. Esta categoria revela-se importante principalmente para atingirmos a forma como Lope de Aguirre foi representado pelos soldados. Certamente não era da vontade dos autores das narrativas dar ao leitor a chance de ao menos desconfiar que Aguirre gozava de certa simpatia junto a seu corpo expedicionário; no entanto, por meio das *sensibilidades* nos foi permitido chegar àquela impressão que escapa aos autores, mas que aparece em seu trabalho, resultado de um trabalho inconsciente⁷. O mais interessante no resultado deste tipo de análise é que, muitas vezes, este discurso inconsciente informa muito mais do que o discurso elaborado, reportando-nos a um contexto histórico compartilhado por segmentos sociais cujas características únicas e inéditas nos permitem compreendê-las em seus traços próprios graças à tentativa de “decifração de seus códigos”.

Todas estas categorias de análise — elencamos as principais utilizadas em nosso trabalho — possibilitaram, em conjunto, uma aproximação maior com nosso objeto de estudo. Sua importância reside na forma como as narrativas devem ser trabalhadas, constituindo-se

⁶ “Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo. Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria, contudo, o grande desafio para a História Cultural (...).” Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural...*, p. 42.

⁷ Em relação a este aspecto particular próprio das *sensibilidades*, Sandra Pesavento destaca que, entre outras coisas, “a história das sensibilidades interessa-se pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas.” Nos relatos dos cronistas, foram justamente estas “brechas” — isto é, aquilo que escapa ao controle do discurso narrativo consciente — que nos permitiram construir uma outra representação de Lope de Aguirre, paralela àquela que os cronistas intencionaram pintar e que fazia parte do chamado “discurso oficial”. Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 7.

assim em instrumentos indispensáveis de pesquisa da História Cultural, sem as quais a pesquisa torna-se improcedente.

Com este trabalho, esperamos ter somado contribuição prestimosa às pesquisas do período — o qual é na verdade o objetivo principal deste estudo. Alimentamos também a esperança de que ele também sirva de estímulo para trabalhos posteriores a respeito deste momento tão singular da história da humanidade e tão fecundo para os pesquisadores em geral, que é o período da Conquista.

CAPÍTULO 1

A EXPEDIÇÃO PEDRO DE URSUA/LOPE DE AGUIRRE

CAPÍTULO 1

A EXPEDIÇÃO PEDRO DE URSUA/LOPE DE AGUIRRE

1.1. Apresentação da expedição

A expedição de Pedro de Ursua-Lope de Aguirre (1560-1561) partiu naquele ano com um objetivo determinado: encontrar “*ciertas provincias que llaman Amagua y Dorado*”⁸. Para tanto, o Marquês de Cañete, então vice-rei do Peru, nomeou Pedro de Ursua governador das províncias, “*cuja incerta localização aumentava o fascínio de muitos espanhóis pelas riquezas imaginadas naqueles territórios.*”⁹

Os cronistas Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto e Gonzalo de Zúñiga informam que o conhecimento que se obteve das províncias supostamente existentes para além do Peru — “*grandes e ricos países a leste dos Andes*”, segundo Antonio Porro¹⁰, partiu tanto de Francisco de Orellana e de seus colegas expedicionários como de índios Tupi que chegaram às terras peruanas em 1549. Os cronistas comunicam em suas relações, respectivamente, que as informações sobre estas terras chegaram até os colonos por meio destas duas fontes:

*“Estos indios Brasiles contaron grandes cosas del rio y de las provincias a él comarcanas, especialmente de la provincia de Amagua, así de la muchedumbre de naturales y riqueza que en ella había, por lo cual pusieron deseo a muchas personas de las ir a ver y descubrir.”*¹¹

⁸ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente de Peru. Tratase, asimismo, del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos.* In: *El Dorado. Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre.* Madrid, Alianza Editorial, 1987. Introdução e notas de Javier Ortiz de la Tabla, p. 49.

⁹ “Era o governador Pedro de Orsua natural de Navarra (...) tendo o marquês de Cañete sabido de seu valor e habilidade, o encarregou da jornada de el Dorado (...)”. In: VÁZQUEZ, Francisco. *Relação...*, p. 85. In: PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia.* Petrópolis: Vozes, 1993.

¹⁰ Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 81.

¹¹ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 50.

“(...) provincias y tierras comarcanas, de que se tenía gran noticia en los reinos del Pirú, así por las grandes cosas que dijo haber visto el capitán Orellana y los que con él vinieron desde el Pirú por este río del Marañón abajo, donde decían que estaban las dichas provincias, como por lo que dijeron ciertos indios brasiles, que desde su tierra subieron por este Río arriba, descubriendo y conquistando, hasta que llegaron al Pirú, al tiempo que estaba en él el presidente Gasca.”¹²

“(...) tan rica y grande tierra, como se creyó seria, por la noticia de las Amazonas que Orellava llevó á España, y por las grandes nuevas que llevaron doce mill indios del Brasil, que por el dicho rio Marañon subieron á Pirú, en tiempo quel Licenciado de la Gasca gobernaba aquellos reinos.”¹³

De acordo com Rafael Díaz¹⁴ e Javier Ortiz de la Tabla¹⁵, a jornada era um sonho antigo de Pedro de Ursua. Ortiz de La Tabla informa que Ursua acalentava o projeto desde sua chegada à América. Por conta disto, o comandante, determinado, não mediu esforços para levar a cabo seu empreendimento.

Os preparativos para a expedição duraram cerca de um ano e meio. Naquela época, as entradas de descobrimento ficavam por conta de seus chefes¹⁶. Durante este longo período, Ursua enfrentou vários obstáculos. Um fato por pouco não pôs fim à jornada: a nomeação de um novo vice-rei para o Peru, que substituiria Andrés Hurtado de Mendoza, o Marquês de

¹² ALMESTO, Pedrarias de. *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Orsúa fue a descubrir por poderes y comisiones que e dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú, por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón, el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo de alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre, y de las crueldades de estos perversos tiranos*. In: CARVAJAL; ALMESTO; ROJAS. *La aventura del Amazonas*. Madri, Historia 16 (Crónicas de América 19), 1986, p. 102.

¹³ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el río del Marañón, en la provincia del Dorado, hecha por el gobernador Pedro de Orsua, dende que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de Los reinos del Pirú y de la muerte del dicho Pedro de Orsua y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzman y Lope de Aguirre su subcesor, y de lo que hicieron fasta llegar á la Margarita y salir della*. In: *Colección de Documentos Inéditos...de América y oceanía*. Madri, Colección del Archivo de Indias, 1865, vol. 4, p. 217.

¹⁴ Cf. DÍAZ, Rafael. “Introducción”. In: ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 101-102.

¹⁵ LA TABLA, Javier Ortiz de. “Introducción”. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado. Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 24.

¹⁶ Cf. MAHN-LOT, Marianne. *A conquista da América Espanhola*. Campinas, SP: Papirus, 1990. trad. Marina Appenzeller, p. 12.

Cañete. De acordo com Almesto, esta notícia teve o efeito de um “balde de água fria” no Marquês, e quase arruinou os planos da expedição:

*“(...) el gobernador Pedro de Ursua [...] estuvo en un punto de deshacerse la jornada, porque a esta sazón vino nueva de España que su Majestad había nuevamente proveído por visorey del Pirú a D. Diego de Acebedo, con la cual nueva el marqués de Cañete no le hacía ni osaba hacer tantas mercedes y favores como al principio; y los Oidores y vecinos del Pirú decían que no convenía que se hiciese junta de gente en tal tiempo; (...)”.*¹⁷

Entretanto,

*“(...) Estando los negocios en estos términos medio suspensos, vino otra nueva de España que D. Diego de Azevedo había muerto en Sevilla estando para embarcarse a servir su plaza de virrey, y con esta nueva el Marqués tornó a favorecer al dicho Ursua más que antes (...)”.*¹⁸

Os cronistas não informam em que condições se deu a morte de D. Diego de Azevedo. A preocupação deles foi demonstrar que a expedição enfrentou dificuldades para a sua realização, mas que, apesar disto, Ursua partiu em setembro de 1560. Com ele, cerca de “370 soldados, dois bergantins, sete chatas, 20 balsas e um sem-número de canoas”, além de “mais de 500 índios e uma despensa ambulante de 1.000 porcos.”¹⁹

Aqui é interessante ressaltar que há a presença de mulheres na expedição, muito embora elas não tenham aparecido nos números oficiais. Dois exemplos são ilustrativos:

¹⁷ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 104; VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 51.

¹⁸ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 52.

¹⁹ Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 81. Segundo Elena González, fazia parte das cláusulas referentes às expedições de descobrimento e colonização o provimento do novo continente com homens e também com animais, uma vez que, na época, ambos escasseavam naquelas partes. Cf. GONZÁLEZ, Elena Mampel. “Prólogo”. In: *Lope de Aguirre: crônicas (1559-1561)*. Ediciones Universidad de Barcelona, Editorial 7½ S. A., 1981, p. 3.

Dona Inês, amiga pessoal de Ursua, e Elvira, filha de Lope de Aguirre. Suas presenças não irão passar despercebidas pelos cronistas, especialmente a de Dona Inês. Entretanto, por ora gostaríamos apenas de registrar que as crônicas registram a presença destas mulheres, muito embora somente Inês de Atienza tenha recebido algum relevo²⁰. Há também referências à presença de índias²¹ fazendo parte do contingente da expedição.

Desta forma, e em meio a dificuldades²², como poucos recursos financeiros e a demora levada para se levantar fundos, a expedição partiu do estaleiro em setembro do ano de 1560 em busca de seu objetivo, que era encontrar os míticos reinos de Omagua e Dourado.

Em vários momentos da narrativa da expedição, pode-se identificar a existência de uma tensão generalizada entre uma parcela dos soldados. Dependendo dos rumos tomados pela jornada, esta tensão vinha à tona.

²⁰ A mestiça Inês de Atienza ganhou destaque pelo fato de os cronistas, bem como a tripulação como um todo, terem atribuído a ela a causa da mudança de comportamento de Ursua: dizia-se que o governador estava “enfeitiçado” (*hechizado*). Como portadora deste atributo, a amiga do governador o havia “enfeitiçado”, uma explicação, portanto, de natureza sobrenatural e bem acolhida naquele contexto. Enquanto portadora deste atributo, Inês de Atienza seria uma espécie de “agente de satã”, embora o fosse de maneira inconsciente, isto é, sem a intenção de sê-lo. Conforme demonstra Auxiliomar Ugarte, tanto *bruxos* quanto *feiticeiros* agiam como instrumentos do mal, sendo os bruxos os “agentes conscientes”. Já os feiticeiros eram aqueles que “*havian sucumbido inconscientemente aos artifícios do Diabo, e não que tivessem realizado um pacto consciente com ele.*” Todas estas manifestações sobrenaturais são compreendidas por Ronald Raminelli como elementos do imaginário europeu: com a vitória do cristianismo neste continente, explica o historiador que os demônios, expulsos, migraram desta vez para o Novo Mundo; ali, fora da atmosfera cristã, estavam “soltos”, portanto, livres para fazer “discípulos”. Por sua vez, esta crença explica também as razões dadas pelo cronista Zúñiga para justificar as tentativas infrutíferas dos soldados de matarem Aguirre: dizia ele que o caudilho era “protegido pelo demônio”. Cf. RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 103 e 18-19, respectivamente; UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visa dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado, p. 333; e ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 238 e 248. Para mais informações sobre a existência de elementos sobrenaturais presentes nas narrativas do período, vide também: HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales de Las Crônicas Coloniales Españolas: las “Relaciones” del Río Amazonas*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado

²¹ Vázquez menciona em seu relato, embora *in passant*, a presença de algumas índias na jornada. Entretanto, só encontraremos referências a estas quando, para o cronista, o seu registro é necessário. Podemos imaginar, então, o número de mulheres que se encontravam na expedição, mas que por alguma razão não foram registradas!

²² As dificuldades enfrentadas por Pedro de Ursua para realizar a sua expedição foram várias. O governador enfrentou, por exemplo, a situação instável criada pela nomeação de um novo vice-rei, já relatada acima. Um outro contratempo sério foi a falta de dinheiro. Sobre este assunto, Zúñiga chega a comentar que Ursua havido sido até irresponsável e teimoso, pois insistiu em fazer a jornada mesmo com poucos recursos (Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 218). Houve também o problema com as embarcações que, ao serem lançadas na água, na hora da partida, a maior parte se rompeu, obrigando a tripulação a se desfazer de parte de sua bagagem, cavalos e provisões. Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 223; ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p.110; VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 59.

Como exemplo desta situação, tem-se a presença Dona Inês, que ia na condição de acompanhante do governador Pedro de Ursua²³. Vázquez deixa claro, por exemplo, que a presença desta mulher era contrária à vontade de todos, ou seja, Pedro de Ursua não levou em consideração, segundo Vázquez, a opinião da tropa, levando sua amiga mesmo sem o consentimento da maioria. O cronista dá a entender que, com esta atitude, Ursua desafiou sua própria armada, e adianta que a tropa respondeu a esta afronta com extrema violência:

“(...) vino a donde Motilones una D.^a Inês moza mui hermosa, la cual era amiga del gobernador, y venía para irse con él a la dicha jornada, bien contra la opinión de los amigos del gobernador, que se lo estorbaban, y él lo hizo contra la voluntad de todos, de lo cual pesó a mayor parte del campo, lo uno por el mal ejemplo y lo otro porque se decía que la dicha D.^a Inés tenía mala fama y peores hechos y mañas, la cual fue la causa principal de la muerte del gobernador y de nuestra total destrucción”.²⁴

Na sequência, o cronista procura mostrar que a ida de Dona Inês foi um entre vários fatores que concorreram para o agravamento das tensões já existentes, argumento que pode ser encontrado também na relação de Almesto²⁵. Além disso, ajuda a explicar, na opinião dos autores, o motim ocorrido e a morte do comandante da expedição, como veremos a seguir.

Após um ano e meio, a expedição, saindo em busca das riquezas almeçadas, passou por algumas regiões identificadas por *Provincia dos Caperuzos, Carari, Maricuri e Machifaro*.²⁶ Mas, entre um “poblado” e outro, a armada enfrenta imensas regiões desabitadas. Não podiam compreender este fato, uma vez que tanto Orellana e seus homens quanto os índios-guia (*línguas*) haviam testemunhado que Omagua e Dorado seriam terras

²³ Pelos dados de que dispomos, D. Inês era viúva de um *encomendero*, e Ursua, até onde se sabe, era solteiro. Neste caso, poderia-se concluir que Inês de Atienza era *concubina* de Ursua; entretanto, não nos utilizamos deste vocábulo porque os cronistas referem-se a ela como *amiga* do governador. Igualmente, não encontramos nenhum termo correspondente que, na época, pudesse melhor esclarecer a natureza da relação entre o governador e sua amiga.

²⁴ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 57.

²⁵ Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 108

²⁶ Vide crônicas.

densamente povoadas. Nesta última província, mais especificamente no Povoado de *Mocomoco*²⁷, o governador é assassinado. As causas relacionadas que resultaram neste crime foram dadas pelos cronistas: o governador havia sido relapso nas suas funções de comandante; problemas logísticos; a ida de Inês, mesmo contra a vontade do grupo; e, finalmente, entre as causas mais imediatas, a situação de angústia gerada ao verem-se perdidos, uma vez que não encontravam as ditas províncias ricas:

*“Aquí pareció a la mayor parte de la gente del campo que las guías que traíamos, que eran ciertos indios brasiles de los que por ese río salieron a Pirú (...) habían dado falsa relación y mentían en toda la noticia que nos habian dado (...), y así la gente comenzó a desconfiar de la noticia, teniéndola por burla, e deseaban volver al Pirú, que decían que no había más que buscar (...).”*²⁸

Por conta desta situação de frustração, associada aos inúmeros problemas enfrentados, alguns dos quais já mencionados, os expedicionários que já traziam intenção de fazer motim, vendo que Ursua era leal ao ideal de Serviço de Deus e de Sua Majestade²⁹ e que, portanto, não organizaria nenhum levante, como acreditavam, decidiram eliminá-lo.³⁰

A partir dali, a expedição, que iniciara com Pedro de Ursua, conhece uma realidade cuja história lhe rendeu fama: a história da expedição que se tornara a mais famosa do período não pelos seus feitos, *“nulos em face de seus objetivos”*³¹, mas pelos inomináveis assassinatos que se sucedem ao longo da viagem de regresso ao Peru. Conforme assinalou Auxiliomar Ugarte, nesta segunda etapa, a expedição mergulharia em sangue, pois Lope de Aguirre,

²⁷ Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 229.

²⁸ Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 122.

²⁹ Comentaremos esta idéia de “serviço” no capítulo 2.

³⁰ Já comentamos que, durante os preparativos da expedição, chegaram notícias da Espanha informando que o rei havia nomeado D. Diego de Azevedo para substituir o então vice-rei do Peru, Hurtado de Mendoza. Por conta disto, de acordo com os cronistas, teoricamente o vice-rei, decepcionado porque tencionavam retirar-lhe o cargo, e como por vingança, organizava não uma entrada de descobrimento, mas um motim. Desta sorte, vários expedicionários — entre eles Lope de Aguirre — haviam se alistado apostando neste resultado. Para mais detalhes, vide VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 52 e ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 123.

³¹ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 56.

utilizando-se de todos os meios de que dispunha, eliminando opositores reais ou imaginários, pôs fim às buscas a Omagua e Dorado e deu início a uma das mais sangrentas rebeliões do período.³²

Após o assassinato do comandante, a expedição enfrenta uma situação temporária de indecisão e rivalidade entre os líderes rebeldes Juan Alonso de la Bandera e Lope de Aguirre. O motivo do desacordo era a falta de clareza a respeito do que fariam dali em diante, já que não haviam encontrado o que procuravam. Juan Alonso de la Bandera, representando a ala moderada, foi da opinião de que se continuasse a busca pelas províncias, a fim de não serem condenados pelo crime de traição. Já Aguirre, representante da facção radical, utilizando-se de manipulação e astúcia, convenceu os demais de que deveriam voltar ao Peru para tomá-lo das autoridades reais. Prosseguindo com seus planos, matou o rival Juan Alonso de la Bandera, fez com que elessem Fernando de Guzman como o novo general da expedição e, num ato completamente insólito e que iria inspirar posteriormente muitos escritos, nomeou o novo comandante Príncipe do Peru a ser coroado ao chegarem ao seu destino.

Em meio a estes acontecimentos, prosseguiram viagem. Mas a jornada seria o tempo todo assolada pelo terror: Aguirre, tomado por um temor gigantesco de que seu plano pudesse fracassar, foi eliminando, pouco a pouco, dezenas de soldados. O seu plano era voltar imediatamente ao Peru, passando por Margarita, Nombre de Dios e atingir o vice-reino. Nestes lugares, se contassem com o apoio dos locais, poderiam equipar a armada com embarcações e munições. Aguirre calculou também que, nestas passagens, conseguiria convencer outros aliados, fortalecendo assim a rebelião e aumentando as chances de

³² Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. In: DEL PRIORI, Mary; GOMES, Flávio dos Santos (org). In: *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 26.

reconquistar o Peru para ele e para seus *marañones*, nome pelo qual ele “batizou” seus soldados.

Entretanto, Aguirre, ao invés de aliados, fez vítimas e inimigos por onde passou. Seus soldados, amedrontados pelo terror inspirado pelo comandante e pelo temor de que fossem condenados pelo crime de lesa-majestade, desertavam quando tinham chance, enfraquecendo assim o movimento. Na realidade, não tinham muita escolha, mas, entre o perigo de ser morto pelo chefe e ser condenado pelas autoridades de seu município, certamente optaram pela condenação, e com razão: ao menos neste caso teriam mais chances de se defenderem, e em segurança.

A todo instante, sem motivo real ou aparente, alguém aparecia morto. Nas palavras do ensaísta Anthony Smith, “*na verdade, é incrível que tenha sobrado alguém para contar a história.*”³³ Se no início o caudilho ainda teve alguma chance de obter a adesão espontânea da maioria do grupo, com o decorrer dos assassinatos essa chance reduziu drasticamente, de forma que o chefe foi delatado. Ao passar pelas governações de Venezuela, as autoridades locais foram avisadas, e finalmente em Barquisimeto, Aguirre é rendido e assassinado.

Foi desta forma então que, segundo os cronistas, o rebelde entrou para a história como *tirano*, um verdadeiro “Judas”, como o quiseram. E a expedição da qual participou e comandou na sua segunda etapa tornou-se uma das mais conhecidas pelo seu caráter trágico. Apesar de tudo isso, após sua morte, Aguirre teve o destino que havia pedido; desse modo, *el tirano*

“había dicho muchas veces que cuando no pudiese pasar al Perú y destruir y matar a todos los que contra él fuesen, que a lo menos quedaría eterna en la memoria de los

³³ Cf. SMITH, Anthony. *Lope de Aguirre, que matou até mesmo seu sonho*. In: *Os Conquistadores do Amazonas. Quatro Séculos de Exploração no Maior Rio do Mundo*. CAVALLARI, Maria Therezinha M. (trad). São Paulo: Editora Best Seller, 1990, p. 117.

hombres la fama de sus crueldades, y que su cabeza sería puesta en el rollo para que su memoria no pereciese, y con esto se contentaba, y así se cumplió (...).³⁴

Ainda segundo Vázquez, seu corpo, esquartejado, fora exibido publicamente, destino comum aos culpados por traição à Monarquia³⁵. A intenção das autoridades era, além de mostrar a punição que seria esperada por todos aqueles que ousassem contra os poderes reais, apagar para sempre da face da terra a lembrança do traidor. Mas, neste caso, parecia que se daria o inverso, e o cronista constata: o desejo de Aguirre de permanecer vivo, ainda que na memória, se cumpria:

“Muerto el tirano le fue cortada la cabeza y salió con ella al encuentro al gobernador que ya venía con su gente, Custodio Hernández, y luego mandó el gobernador hacer cuartos e ponerle en cuatro caminos alrededor de Barraquisinieto, y su cabeza fue llevada a la ciudad del Tocuyo y puesta en el rollo en una jaula de hierro en medio de la plaza, y la mano derecha llevó el capitán Pedro Bravo a Mérida, y la izquierda a Valencia, como si fueran reliquias de algún santo, con que se cumplió bien su profecía que era lo que el deseaba (...)”.³⁶

Lope de Aguirre foi imortalizado. Seu destino já era conhecido por ele mesmo, que reconhecia que para ele não havia salvação. Entretanto, foi tão ousado que morreu pela sua causa, mesmo não sendo das mais nobres:

“Decía este tirano maldito algunas veces, que ya sabía de cierto que su alma no se podía salvar, y que estando vivo ardía en los infiernos, y pues no podía ser más negro

³⁴ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 165.

³⁵ Os corpos dos rebeldes Francisco de Carvajal — o “demônio dos Andes” — e Gonzalo Pizarro também tiveram este destino. Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 575.

³⁶ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 166.

el cuervo que sus alas que había de hacer cuantas crueldades y maldades pudiese (...)”.³⁷

Acreditamos que Lope de Aguirre tinha razões para agir da maneira que agiu. Não estamos com isso querendo justificar seus atos; seu julgamento já fora realizado pelos próprios cronistas e pelo próprio Estado, que o condenara à morte. Apenas desejamos conhecer e explicitar o significado de suas ações, aproximando-nos um pouco da *visão de mundo* da época, o que constitui um dos objetivos deste trabalho.

1.2. As Crônicas

De acordo com Ugarte, os sobreviventes da expedição de Ursua- Aguirre tiveram impressas em suas personalidades os “*trágicos acontecimentos ocorridos*”. O autor considera que “*tantas tragédias, assim, não poderiam ser olvidadas*” porque “*alguém se encarregaria de assentá-las por escrito, procurando entender, explicar e historiar os motivos de sua ocorrência*”.³⁸ E seria esse caráter trágico o fator explicativo da “relativa abundância de relações”, de acordo com Rafael Diaz.³⁹

A expedição Pedro de Ursua-Lope de Aguirre ficou conhecida na historiografia graças a estes testemunhos escritos, relatos de soldados sobreviventes. Emiliano Jos, autor que realizou um exaustivo levantamento documental sobre a expedição, afirmava, em 1927, que, até aquele momento, existiam cerca de dez relações publicadas. Seus autores seriam: Pedro de Monguia, Gonzalo de Zúñiga, Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto, Toribio de Ortiguera, filho de Juan Pérez, Custodio Hernández, Relação Anônima, Pedrarias de Almesto

³⁷ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 166.

³⁸ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 58.

³⁹ Ibidem, p. 58. Para Rafael Díaz (Díaz *apud* Ugarte), “*é esse caráter trágico que pode se tomado como fator explicativo da ‘relativa abundancia de relaciones y documentos que se produjeron referidos a estos viajes’*”. Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 58

e Diego de Aguilar y Córdoba. Apesar de ser um número expressivo — se a compararmos, por exemplo, com a expedição de Francisco de Orellana, a qual teve somente um relator — , Emiliano Jos não descartava a possibilidade de se descobrirem mais relatos. Quando do levantamento documental empreendido, tanto em bibliotecas espanholas quanto estrangeiras⁴⁰, Emiliano Jos encontrou vários documentos que, segundo ele, de algum modo informavam sobre a expedição. Neste sentido, e tendo em vista a variedade da natureza dos documentos, o autor observa:

“Sabemos que además de todas las relaciones enumeradas, existen o han existido otras. (...) Bernáldez en su carta al Rey, escribe que hizo una Relación copiosa de lo sucedido desde la muerte de Ursúa a la de Aguirre, según informes de buenos testigos. Otra Relación fue hecha por la Audiencia de la Española. Argote de Molina en el Catálogo de Libros de Manos de su Biblioteca cita una Historia de los tiranos Lope de Aguirre y don Fernando de Guzmán”.⁴¹

Entretanto, com o objetivo de sistematizar seu estudo, e evitando fazer confusões, Emiliano Jos detém-se àqueles relatos já assinalados, sem esgotar a possibilidade de, no futuro, surgirem outros relatos identificados como testemunhos escritos da expedição. E foi exatamente o que aconteceu. De acordo com Ugarte, o norte-americano Upson Clark publicou duas versões da relação de Altamirano, um outro soldado sobrevivente. Uma versão inglesa do relato foi publicada em 1942. A outra, foi publicada no idioma original espanhol, em 1948, presente na obra de Antonio Vázquez de Espinosa⁴².

⁴⁰ JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, Espana, 1927, p. 8 (Prólogo).

⁴¹ Ibidem, p. 29. A este respeito, Esteves também observa que “*também há uma série de documentos como os depoimentos dos implicados na rebelião, prestados à justiça e que fazem parte de vários processos guardados em diversos arquivos*”. Cf. ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História*. In: Anuário brasileiro de estudos hispânicos. São Paulo, 1997, p. 174.

⁴² Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 59.

Rafael Díaz, que editou a relação de Pedrarias de Almesto, informava, em 1986, que existiam cerca de onze relatos, sendo seus autores: Monguia, Zúñiga, Vázquez, Almesto (dois relatos), Ortiguera, Filho de Juan Pérez, Hernández, Relação Anônima e Aguilar y Córdoba⁴³.

Javier Ortiz de la Tabla, por sua vez, em 1989 edita uma versão da relação de Vázquez, e acrescenta à lista mais um autor: Juan Vargas Zapata, totalizando cerca de doze relatos⁴⁴.

Emiliano Jos já havia comentado sobre a possibilidade de a carta que Juan Vargas Zapata escrevera à sua família ser considerada uma relação, juntamente com a de Gutierrez de la Pena e a de Pablo Collado, governador da Venezuela. Mas o autor optou por não aumentar a lista, embora nesta conste a relação do filho de Juan Pérez, a qual também, de acordo com Emiliano Jos, era uma carta enviada ao pai possivelmente da prisão, em Santa Fé⁴⁵.

Antonio Porro, em dois trabalhos⁴⁶, informa que há quatro fontes primárias, ou crônicas desta expedição, que são os relatos dos soldados Vázquez, Altamirano, Zúñiga e Monguia⁴⁷. Antonio Porro inclusive apresenta, em um de seus trabalhos, a maior parte destes relatos traduzida⁴⁸. Entretanto, se apresenta estas fontes como sendo as fontes primárias, não informa nada sobre as não-primárias.

Antonio Esteves por sua vez afirma tratarem-se de cerca de doze relatos, dos quais dez são de testemunhas presenciais. São eles: Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto (dois relatos), Toribio Ortiguera, Pedro de Monguía, Gonzalo de Zúñiga, Custodio Hernández, Relação Anônima, filho de Juan Pérez, Vargas Zapata, Aguilar y Córdoba e Altamirano.⁴⁹

Elsa Barría elenca, em seu trabalho, cerca de onze relatos. São seus autores: Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto (dois relatos), Gonzalo de Zúñiga, Custodio Hernández,

⁴³ DÍAZ, Rafael. "Introducción". In: ALMESTO, Pedrarias. *Relación.....*, p.18-22.

⁴⁴ LA TABLA, Javier Ortiz de. "Introducción"... In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado...*, p. 34-35.

⁴⁵ JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 22 e 26.

⁴⁶ PORRO, Antonio. *As Crônicas...*; PORRO, Antonio. *O Povo das Águas. Ensaios de Etno-História Amazônica*. São Paulo: Edusp; Petrópolis: Vozes, 1995.

⁴⁷ Ibidem, p. 82 e p. 44, respectivamente.

⁴⁸ PORRO, Antonio. *As Crônicas...*, p. 85-114.

⁴⁹ ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História...*, p. 174-177.

Pedro de Monguia, Toribio de Ortiguera, filho de Juan Pérez, Anônimo, Vargas Zapata e Diego de Aguilar e Córdoba.⁵⁰ Observamos que tanto Esteves quanto Elsa Barría, além de Javier Ortiz de la Tabla, consideram como relação da expedição a carta de Juan Vargas Zapata.

Finalmente, para Auxiliomar Ugarte, há ao todo onze relatos, “*dos quais sete são de testemunhas presenciais*”. São eles: Pedro de Monguia, Gonzalo de Zúñiga, Francisco Vázquez, Toribio de Ortiguera, Pedrarias de Alместo (dois relatos), Filho de Juan Pérez, Custodio Hernández, Anônimo, Diego de Aguilar y Córdoba e Altamirano.⁵¹

Assim, verificamos que há variações nas considerações dos autores no que se refere ao número de relatos oriundos direta ou indiretamente da trágica expedição.⁵² Todavia, há uma outra questão a eles relacionada: em que gênero narrativo eles devem ser classificados? Para definirmos estes documentos, examinaremos as considerações de Elsa Barria⁵³ e Ugarte⁵⁴, autores mais recentes que utilizaram em suas pesquisas fontes desta natureza.

De acordo com Elsa Barría, os primeiros espanhóis que chegaram ao Novo Mundo foram responsáveis pelas primeiras criações literárias do continente. Embora não fossem “*hombres de letras*” — pois eram “homens de ação” (soldados, administradores, sacerdotes) —, aqueles homens tinham a necessidade e a obrigação de informar à Sua Majestade tudo aquilo que presenciavam e que ocorriam nas Índias.

Deste modo, e com base nos estudos de Walter Mignolo, a autora apresenta três tipos discursivos que se desenvolveram no contexto da conquista americana: cartas relatórias,

⁵⁰ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, vide “Anexos”.

⁵¹ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 59.

⁵² Assim é que Ribamar Bessa Freire, em 1991, informava que havia três relatos que testemunham a expedição. Seus autores seriam: Francisco Vázquez, Pedrarias de Alместo e Altamirano. Já Márcio Souza vai mais longe, e escreve, em 1994, que “*a expedição não teve um relator*”, pois o mesmo teria sido morto por Aguirre no começo da expedição. O autor claramente refere-se ao filme de Herzog, no qual consta que o relator oficial da expedição é o padre Gaspar de Carvajal, o qual foi na realidade o relator oficial da expedição de Francisco de Orellana. Assim, Márcio Souza apenas reproduz o equívoco historiográfico que foi exibido no filme do diretor alemão, sem ter a preocupação de se certificar dos fatos.

⁵³ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 65-75.

⁵⁴ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 21-35.

relações e crônicas. Destas, podemos constatar que os relatos-testemunhos da expedição a que nos referimos aproximam-se mais das *relações* e das *cartas relatórias*, pois as crônicas exigiam antes de tudo que seus autores fossem letrados, pois seu texto deveria ser bem escrito.

Já as *cartas relatórias* e as *relações*, em relação às *crônicas*, eram tipos discursivos que tinham como preocupação maior informar ao monarca e a seus representantes, o mais imediatamente possível, acerca de alguma descoberta e/ou conquista realizada, bem como prestar informações a respeito das características desta parte recém-adquirida do Novo Mundo. Elsa Barría informa, por exemplo, que as cartas deveriam informar a posição das novas terras. Colombo, que se utilizava com frequência deste documento, complementava as suas com mapas.

As relações também deveriam, como já vimos, informar às autoridades reais aspectos do Novo Continente. Entretanto, segundo a autora, este tipo discursivo encaixava-se de maneira mais apropriada dentro dos critérios de informação exigidos pela Coroa porque geralmente guiava-se por um questionário.

Segundo Barría, este questionário torna-se oficial a partir de 1574. No entanto, antes disso, a partir de 1533, em Zaragoza, um esboço daquilo que no futuro seria o questionário oficial já começava a estipular algumas exigências referentes ao conteúdo da relação. De acordo com a autora, este esboço, ou “cédula” estipulava que:

“(...) se informen de los nombres de todas las provincias, poblaciones, etc; (...) se averigüe cuáles fueron los primeros conquistadores; (...) se diga cuántas provincias hay pobladas de españoles; (...) se determine en qué partes hay minas de metales, piedras, pesquería de piedras, etc. (...)”.⁵⁵

⁵⁵ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 71.

Portanto, da mesma forma que a autora opta por qualificar suas fontes de pesquisa como *relações*, uma das quais a relação de Francisco Vázquez, tanto pelo fato de os próprios autores assim denominarem seus escritos quanto pela aproximação de seu conteúdo a este tipo discursivo, nós também identificaremos as fontes testemunhais de nossa pesquisa como *relações*, não obstante a confusão existente em torno da terminologia dos relatos feitos pelos primeiros conquistadores. Quanto aos autores, Elsa Barría afirma que, como produto desta confusão, “*cualquier autor de algún relato del descubrimiento o conquista del Nuevo Mundo es un cronista (...)*”.⁵⁶

Auxiliomar Ugarte, que também utilizou, como já afirmamos, documentos desta natureza em seu estudo, constata que, apesar da diversidade existente de documentos com finalidades semelhantes, de um modo geral, na historiografia, o termo-guia desse conjunto de escritos será *crônica*, pela falta de um outro mais adequado, embora nem todos eles se assemelhem a este modelo.⁵⁷

Assim, e a partir do exame das considerações de vários autores que estudaram e procuraram sistematizar estes tipos discursivos — entre os quais Walter Mignolo, Francisco Morales Padrón, José Miguel Oviedo, entre outros —, Ugarte constata:

“(...) é visível a falta de clareza quanto à terminologia para nomear a produção textual dos conquistadores. Na historiografia, de um modo geral, o termo-guia desse conjunto de escritos é a *crônica*, embora nem todos eles se coadunem ao modelo *cronístico*.”⁵⁸

⁵⁶ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 74. Baseados nesta afirmação da literata, e amparados nela, faremos uso da expressão “cronista” para nos dirigirmos a cada um dos autores dos relatos.

⁵⁷ UGARTE, Auxiliomar. *O Mundo Natural...*, p. 27.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 27.

E conclui: “Desse modo, a *cronística* consolida-se como designação tipológica de uma variada produção textual surgida no Novo Mundo em consequência da penetração colonial (...).”⁵⁹

Além das cartas relatórias, relações e crônicas já assinaladas por Elsa Barria, de conformidade com os estudos de Walter Mignolo, Auxiliomar Ugarte acrescenta outros tipos discursivos existentes no mesmo período, como histórias, diários, informes, notícias, roteiros e descrições. Deste modo, e diante de tanta diversidade, a confusão já apontada por Elsa Barria toma maiores proporções. Entretanto, sem entrarmos em maiores discussões, como já assinalamos, optamos por também identificar os autores dos documentos como cronistas, e seus documentos, como crônicas ou relações, cientes de que, não obstante a falta de clareza quanto à nomenclatura mais correta para este tipo de fonte testemunhal, o uso do termo crônica é justificado pela falta de não existir um outro mais adequado, como já afirmou Ugarte.

Talvez esta confusão também explique a consideração de alguns autores, já mencionados, sobre o que seriam ou poderiam ser considerados relatos desta expedição. Como também não é do nosso interesse aprofundar aqui estas considerações, visto tratar-se de avaliações de cunho subjetivo, optamos por declarar que os cronistas selecionados para este trabalho – Pedrarias de Alместo, Francisco Vázquez e Gonzalo de Zúñiga – são autores que são admitidos enquanto tais pela maioria dos especialistas que trabalham com o tema. Desta forma, qualquer discussão sobre o que seria ou não um relato da expedição não caberia neste trabalho, pois se revelaria dispensável.

⁵⁹ UGARTE, Auxiliomar. *O Mundo Natural...*, p. 27.

1.3. Os Cronistas

Tendo em vista a impossibilidade real de examinar todos os testemunhos escritos desta expedição, optamos por trabalhar com três relatos. Desta forma, após a leitura atenta de seis destes documentos⁶⁰, optamos pelos escritos de Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto e Gonzalo de Zúñiga. Tendo como temas-guia a rebelião e o *mito* ou *fábula*⁶¹ de El Dorado, procederemos a uma breve análise de como os três cronistas tratam destes assuntos.

A relação de Francisco Vázquez é uma das mais completas e importantes, de acordo com Esteves⁶² e Antonio Porro⁶³, respectivamente. Ugarte informa que Vázquez, diferentemente dos outros cronistas da expedição, era um homem letrado com formação jurídica⁶⁴. Talvez por este motivo a sua relação seja uma das mais utilizadas pelos estudiosos. Esteves também informa que seu relato foi o primeiro a ser publicado, em 1842.⁶⁵

Pedrarias de Almesto, de acordo com os autores já citados, tem dois relatos de sua autoria: uma relação pessoal e outra baseada na de Francisco Vázquez. A relação de Pedrarias de Almesto que iremos examinar é a que contém o relato de Vázquez acrescida dos comentários de Almesto, razão pela qual se torna mais completa e mais valiosa. Segundo Ugarte, que também utilizou como uma das fontes de sua pesquisa a relação de Almesto, embora tenha sido elaborada em grande parte sobre o relato de Francisco Vázquez, mesmo

⁶⁰ Além dos três relatos que foram escolhidos, examinamos também os relatos de: Custódio Hernandez, Pedro de Monguía e a Relação Anônima. Os relatos de Custódio Hernandez e a Relação Anônima encontram-se editadas na obra *La Expedición de Ursúa al Dorado...*, de Emiliano Jos. Já a relação de Pedro de Monguía ao qual tivemos acesso encontra-se publicada, juntamente com a de Gonzalo de Zúñiga, na *Colección de documentos inéditos...de América y Oceanía*. Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 84.

⁶¹ Conforme veremos no capítulo 3, que trata da região fantástica do El Dorado, cuja busca constituía o objetivo oficial da expedição, não encontramos consenso entre os autores pesquisados se El Dorado (ou Eldorado) trata-se de mito, fábula ou lenda, de forma que, entre os autores, predominam as três denominações, ocorrendo inclusive situações onde um mesmo autor utiliza-se de dois adjetivos simultaneamente. Por esta razão, optamos por não escolher uma terminologia específica para qualificar a região fantástica, detendo-nos muito mais ao significado intrínseco que ela trouxe para elucidar alguns aspectos importantes da história da Conquista americana.

⁶² ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História...*, p. 174.

⁶³ PORRO, Antonio. *As Crônicas...*, p. 85-114.

⁶⁴ UGARTE, Auxiliomar. *O Mundo Natural...*, p. 65.

⁶⁵ ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História...*, p. 174.

assim esta crônica traz notícias inéditas, pois Almesto inseriu nesta segunda versão as notícias presentes em seu primeiro relato.⁶⁶

Gonzalo de Zúñiga é nosso terceiro e último cronista. De acordo com Antonio Porro, Zúñiga fugiu do acampamento de Aguirre ao chegar à Ilha Margarita⁶⁷. Seu relato foi publicado em 1865. Segundo Emiliano Jos, sua relação era na verdade uma carta que escreveu com destino a seus familiares. Diferentemente das duas anteriores, a relação de Zúñiga não termina com a morte de Lope de Aguirre. A justificativa, segundo Emiliano Jos, é o fato de que, ao fugir na Ilha Margarita, Zúñiga não retornou para a armada, e ficou escondido na ilha até que Aguirre a deixou, no dia 31 de agosto.⁶⁸

Um elemento comum às três relações, que percebemos após o contato com elas e que orientou a nossa escolha é que, do grupo das seis examinadas, elas são as mais completas – muito embora a de Zúñiga não chegue, como às outras, até a morte de Lope de Aguirre. Deste modo, possibilitam analisar com maior riqueza de detalhes um de nossos temas — a rebelião — em três versões, embora este aspecto possa ser abordado com mais riqueza nas duas primeiras, como veremos mais adiante. Em compensação, a notícia sobre Omagua e El Dorado ganha maior relevo em Zúñiga. Apesar disso, todas trazem, em maior ou menor profundidade, o relato dos acontecimentos desta expedição, de modo que os dois temas serão examinados em todos os três relatos.

⁶⁶ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 62.

⁶⁷ PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 84.

⁶⁸ JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 22.

CAPÍTULO 2

O PERU PÓS-CONQUISTA E A GERAÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE: DESAFIOS PARA O IMPÉRIO ESPAÑHOL

CAPÍTULO 2

O PERU PÓS-CONQUISTA E A GERAÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE: DESAFIOS PARA O IMPÉRIO ESPANHOL

Javier Ortiz de la Tabla, na Introdução da edição da crônica de Vázquez, se expressa da seguinte maneira: “*sin la perspectiva del mundo hispanoperuano del momento, de los antecedentes y componentes de la «jornada», ésta resulta totalmente fantástica y demencial.*”⁶⁹ O autor estava referindo-se, à época, aos estudos que procuravam ora exaltar, ora denegrir a imagem de Lope de Aguirre, procurando, neste último caso, responsabilizar o traço psicológico do soldado como o fator causador da rebelião e das mortes efetivadas sob seu comando.

Não estamos, com este comentário, tentando retirar a culpa do soldado que se torna protagonista de uma ação tão inusitada; de fato, não deve ter sido a intenção de Javier Ortiz de la Tabla levantar bandeira em sua defesa. O que procuramos ressaltar, à semelhança do que fez este estudioso, é que, em grande parte, suas ações, bem como as dos demais soldados da expedição refletem em boa parte o clima tenso geral que reinava na emergente sociedade hispanoperuana de então.

Neste sentido, procederemos, neste primeiro capítulo, a um breve, mas necessário exame do ambiente político, social e econômico do Peru pós-conquista, a fim de nos aproximarmos da realidade mais imediata na qual viveram nossos expedicionários⁷⁰, tentando, com isso, vislumbrar, ainda que com muitas limitações, aquela particular *alteridade*.

⁶⁹ ORTIZ DE LA TABLA, Javier. “Introducción”. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado. Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 11.

⁷⁰ Limitaremos-nos a examinar as relações mantidas entre os conquistadores espanhóis e as autoridades reais, excluindo, neste caso, as relações entre os espanhóis e a sociedade inca. Para um exame interessante deste assunto, consultar: BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. trad. Cristina Murachco.

2.1. A Expedição e seu Contexto: A Espanha de Carlos V e o Sacro Império Romano Germânico

A fim de compreendermos a configuração do Peru pós-conquista, principalmente a situação das guerras civis que, de certa forma e num curto período de tempo, chegaram a ameaçar o domínio da Coroa de Castela, é necessário que nos remetamos à realidade histórica que de certo modo “gerou” esta nova realidade, que é a sociedade espanhola do século XVI.

Para aquele período da Conquista, a professora Elsa Barria nos mostra que, durante a Idade Média, e estendendo-se até inícios do século XVI, Espanha era formada pelos Reinos Cristãos, e não por uma nação ou um país tal como conhecemos hoje. A situação jurídica muda a partir do momento em que Carlos I de Espanha herda os territórios de seus avós, como por exemplo, os reinos de Nápoles, de Aragão, Castela, Navarra, Flandres, o Império de Áustria e Alemanha e também as *Índias*. Em 1519 Carlos I é eleito Imperador do Sacro Império Romano Germânico, tornando-se Carlos V.⁷¹

Investido de um grande poder, mas também de uma enorme responsabilidade, o imperador Carlos V enfrenta vários obstáculos para dirigir seu Império: dentro da Península Ibérica, o *movimento comunero* reivindicava uma participação mais direta do Estado nos assuntos políticos.⁷² Fora dela, os enfrentamentos se dão contra várias nações no intuito de proteger ou anexar territórios. Além disso, havia ainda que enfrentar a rebelião de Martín Lutero, que ameaçava a hegemonia católica na Europa e, conseqüentemente, a unidade do Império.⁷³

⁷¹ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales de Las Crônicas Coloniales Españolas: las Relaciones del Rio Amazonas*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado, p. 38-39.

⁷² O *movimento comunero* caracterizou-se por revoltas ocorridas entre os anos 1520 e 1521 nas cidades do reino de Castela (ou *Castilla*), cujo objetivo era limitar o poder arbitrário da coroa. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 39.

⁷³ De acordo com Elsa Barria, Espanha, no início do século XVI, “no tiene unidad política ni administrativa, sino que constituye una serie de territorios que han ido uniéndose por sucesión, en que un soberano hereda de sus padres y transmite a su vez para sus hijos. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 38.

Para compreendermos melhor o significado que assumiu este singular projeto imperial, é mister examinarmos a contribuição do historiador Jonh Elliott.⁷⁴ Para este historiador, o Império Espanhol pode ser compreendido sob dois aspectos: ideológico e geográfico. A tradução ideológica deste Império — verdadeiramente o único no mundo ocidental — assumiu a forma de um “universalismo messiânico”, uma vez que os espanhóis viram-se investidos de uma missão muito especial, que era “*la unión de toda la humanidad bajo el gobierno de un solo legislador.*”⁷⁵ Havia também um outro lado mais específico, representado pela expansão geográfica e que completava este sentimento: na medida em que ultrapassaram os limites europeus — as “colunas de Hércules” —, os espanhóis deram a conhecer um mundo muito mais amplo:

*“Los limites tradicionales de Europa eran las columnas de Hércules, <<más allá>>, como escribió Dante, <<no se pueden ir>>. <<Más allá>> (piu oltre, traducido al latín como Plus Ultra) se convirtió, escrito sobre una cinta que rodeaba las columnas gemelas, en la divisa imperial de Carlos V.”*⁷⁶

Jonh Elliott entende que aqueles espanhóis estavam conscientes de sua missão, divina por excelência: a propagação da fé aos povos não-cristãos e a conservação da mesma em toda a extensão da cristandade ocidental, ameaçada pelo avanço da reforma protestante. O historiador recorda, por exemplo, que “*el círculo de humanistas que rodeaban a Carlos V abrazaron el tema imperial con entusiasmo y le imaginaban en camino de conseguir un imperio universal (...).*”⁷⁷ Este sentimento era muito importante, na medida em que, tendo

⁷⁴ ELLIOTT, Jonh H. *España y Su Império en los siglos XVI y XVII*. In: *España y su mundo (1500-1700)*. Madrid: Alianza, 1990. Colección Taurus Historia.

⁷⁵ Ibidem, p. 2.

⁷⁶ Ibidem, p. 1.

⁷⁷ De acordo com Jonh Elliott, até então, somente o Império Romano fora considerado o maior da história de toda a Europa. Como aqueles espanhóis o houvessem transformado em referência e porque chegaram a ultrapassar seus limites, os castelhanos do século XVII enxergaram-se como sucessores daquele, efetivamente, a caminho de conseguir atingir dimensões globais, um ato inédito no Velho Continente. Cf. ELLIOTT, Jonh H. *España...*, p. 2.

como ponto de referência o Império Romano, os castelhanos ultrapassaram a marca do antigo império tanto em extensão quanto em número de habitantes.⁷⁸ Esta *proeza* rendeu aos espanhóis sentimentos como arrogância e superioridade, que os fazia sentir especiais porque portadores de uma missão especial: eles se consideravam a caminho da efetivação de um império de dimensões globais. Consciente desta missão imperial, tem-se o castelhano do século XVI que percebe a si mesmo como membro de uma raça dominante.⁷⁹

Ainda segundo o historiador Jonh Elliott, um projeto de tamanhas dimensões representava, entre outros, um grande custo. Neste sentido é que um dos maiores desafios enfrentados pelo *sacro império* foi o de como governar os distantes territórios das Índias. A este respeito, o historiador observa que, neste ponto, os espanhóis realizaram uma verdadeira façanha, uma vez que tinham como obstáculos naturais o tempo e o espaço.

Tendo como estímulo esta imensa, mas necessária tarefa, Jonh Elliott destaca que Espanha realizou uma revolução no exercício de governo, de Carlos a Felipe. O desenvolvimento de uma forte e eficiente estrutura burocrática e de uma classe administrativa habilitada foi o resultado palpável do desafio colocado ao Estado. De acordo com o sistema adotado⁸⁰, o rei estava representado nas Índias por um vice-rei; por sua vez, os distantes territórios estavam representados na mãe-pátria pelo Conselho das Índias.⁸¹ Mais adiante, voltaremos a este ponto.

Além da necessidade do controle administrativo, outras tarefas igualmente desafiadoras e inéditas se impuseram ao império católico pela força das circunstâncias. Neste aspecto, Jonh Elliott ressalta que um dos problemas praticamente sem precedentes com o qual os espanhóis se viram envolvidos era o da determinação do *status* jurídico dos índios

⁷⁸ “Sobrepasó, por tanto, en extensión y en número de habitantes, al mayor imperio de la historia de Europa, el romano. Cf. ELLIOTT, Jonh H. *España...*, p. 2.

⁷⁹ Ibidem, p. 2.

⁸⁰ Conforme Francisco Morales Padrón, o sistema ou modelo adotado foi o castelhano. Cf. PADRÓN, Francisco Morales. *Los virreinos de América*. Conferencia pronunciada en el curso “La fundación de Occidente”. Ensayo. *Revista Cuenta y Razon*, nº 115, 2000, p. 2.

⁸¹ Ibidem, p. 3.

americanos, os novos súditos da Coroa de Castela. Como resultado do debate, que, segundo Elliott, durou meio século e que envolveu nomes como *Las Casas* e *Sepúlveda*, os índios não foram considerados escravos, sentença esta que demandaria a partir daquele momento sua proteção efetiva pelas autoridades espanholas da exploração dos colonos.⁸² Em relação a esta nova demanda, e para além dos conflitos obtidos com esta nova resolução, os quais examinaremos com mais detalhes adiante, Jonh Elliott ressalta o êxito espanhol sobre mais um obstáculo, reconhecendo que

*“(...) España triunfó en la construcción de una burocracia global, que funcionó con un grado mayor o menor de eficiencia y que permitió mantener unidos los numerosos y dispares territorios del Rey.”*⁸³

É neste sentido que o autor procura chamar a atenção, ao longo do seu trabalho, para o sentido que adquiriu o império espanhol: o de uma experiência inédita que, não obstante o fracasso na tentativa de consolidar uma hegemonia — a *hegemonia católica* na Europa Ocidental —, triunfou em vários aspectos, entre eles, na condução efetiva de um império ultramarino que requeria controle nos mais variados setores.

Esta condução que, de um lado, se deu pelo controle administrativo burocrático e, de outro, por um igualmente eficiente mecanismo de regulação econômica⁸⁴, se torna ainda mais surpreendente, tendo-se em vista o mecanismo jurídico que prevalecia dentro dos reinos espanhóis. Nesse aspecto particular, Sérgio Buarque de Holanda, comparando a experiência administrativa daqueles reinos com a dos territórios recém-conquistados, explica que

⁸² “El resultado efectivo de estos cincuenta años de debate fue que los índios no eran esclavos y por tanto no debían ser tratados como tales; que, faltándoles el cristianismo y la verdadera civilización, debían ser instruídos en la fe y en las costumbres de los cristianos; que esto requería una estrecha supervisión temporal y espiritual, que colocaba a los índios en un estatus especial, aunque subordinado, por el que debían recibir la protección de la corona (...).” Cf. ELLIOTT, Jonh H. *España...*, p. 5.

⁸³ Ibidem, p. 5.

⁸⁴ “(...) cuando hablamos del imperio español, no debemos pensar unicamente en territorios grandes y dispersos, ni en una compleja estructura burocrática, sino también en un intrincado mecanismo económico que requería la regulación más cuidadosa.” Cf. ELLIOTT, Jonh H. *España...*, p. 9.

*“(...) a aparente descentralização que vamos encontrar nas terras castelhanas de aquém-mar é como um reflexo da carência de verdadeira unidade nacional, a despeito das unidades simplesmente dinásticas, que se verifica pela mesma época nas terras européias submetidas à Coroa de Castela. Cada um dos antigos reinos peninsulares mantinha sua própria personalidade política e jurídica. Em terras de Castela, continuavam, na ocasião dos descobrimentos marítimos, a prevalecer as normas jurídicas peculiares ao Direito castelhano.”*⁸⁵

O historiador compreende que esta mesma ausência de centralização política dentro da península como que explica a atitude dos primeiros conquistadores — a exemplo de Fernão Cortez — quando do processo da Conquista. Entendendo que esta teria se pautado, *ao menos nos momentos iniciais*, e em grande parte, no esforço particular, individual, daqueles homens⁸⁶, tão afeitos às atividades guerreiras, Sérgio Buarque de Holanda defende a idéia de que esta iniciativa individual e popular foi fundamental para a implementação do império nas Índias. A despeito desta relação, escreve o historiador o que significou o esforço de um Fernão Cortez:

*“(...) não é talvez por acaso se o grande passo inicial para a construção do império espanhol naquelas partes, que incluirá juntamente com as ilhas também a terra firme, se devesse ao filho de um dos soldados da Reconquista estabelecido entre aqueles colonos, colono ele mesmo, e encomendero.”*⁸⁷

O historiador brasileiro, à semelhança de John Elliott, também compreende a construção do império espanhol como um fato inusitado, um *“produto novo e verdadeiramente sem precedentes na história*. Ele defende a idéia de que, na verdade, este

⁸⁵ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 327.

⁸⁶ *“Hasta 1518 el Nuevo Mundo fue considerado como adquirido a título personal. En el testamento de los Reyes Católicos figura que la parte de cada uno se ha de incorporar a la corona de Castilla cuando ellos mueran, pero mientras, son bienes personales de ellos.”* Cf. PADRÓN, Francisco Morales. *Los virreinos...*, p. 2.

⁸⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso...*, p. 318.

“produto novo”, ou obra humana, constituiu obra involuntária; para ele, Carlos V, quando assume o reinado, *“as Índias Ocidentais não iam além de um pequeno grupo de ilhas, governadas, se assim se pode dizer, de São Domingos (...).”*⁸⁸ Além disso, chama a atenção o que representavam aqueles domínios distantes para o Império: tratavam-se de mero instrumento da política aplicada à Europa.⁸⁹ Mas esta obra, a qual teria, segundo Buarque de Holanda, contado sobretudo com o “pendor natural dos conquistadores espanhóis”, a exemplo de Cortez e Pizarro, resultou na expansão dos castelhanos pelo novo continente e no moderno império espanhol.

2.2. Os conquistadores, senhores do Peru: desafios à Monarquia Espanhola

Conforme atesta Elsa Barria, a sociedade espanhola daquele período apresentava-se como sociedade estamental. Esta sociedade, como já é sabido, não permitia o acesso de indivíduos que não fizessem parte da nobreza. Como resultado, tem-se, para os reinos de Espanha de então, uma população cuja ocupação principal é o serviço no campo. As novas terras tornam-se então, para muitos homens, a única possibilidade de melhorar de vida.⁹⁰

Jonh Elliott acrescenta um outro fator que teria colaborado ou mesmo determinado estas migrações. De acordo com este historiador,

*“En las circunstancias de la Europa del siglo XVI, donde una población en expansión presionaba cada vez mayor sobre unos recursos alimentícios limitados, esta pérdida de población o de población potencial pudo haber sido beneficiosa. América representaba un seguro para el exceso de población de la península ibérica (...).”*⁹¹

⁸⁸ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso...*, p. 318.

⁸⁹ Ibidem, p. 324.

⁹⁰ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 42-43.

⁹¹ Cf. ELLIOTT, Jonh H. *España...*, p. 4.

É também dessa forma que podemos entender o significado que adquiriu a conquista para muitos aventureiros que se engajaram nas viagens para as distantes Índias Ocidentais e que lograram êxito — ao menos nos momentos iniciais. É o caso de Francisco Pizarro. De acordo com Elsa Barria, Francisco Pizarro, após ter retirado o Peru dos caciques incas, “*se sentia dueño y señor legítimo de las tierras descubiertas.*”⁹²

Ainda conforme a literata, inicialmente os conquistadores haviam recebido das mãos do rei de Espanha, Carlos I, o direito de exercerem com autonomia os poderes administrativos, políticos e militares;⁹³ Francisco Carvajal havia sido enviado ao Peru com o título de governador⁹⁴. Portanto, antes mesmo de tomar posse, seja em seu nome ou em nome da Coroa de Castela, o conquistador já era, de antemão, uma autoridade.

Neste sentido, não podemos perder de vista o significado efetivo desta conquista. Ora, estes conquistadores, veteranos de guerra, haviam conquistado o que era, até pouco tempo, um Império. Este feito deveria representar, para alguém que não era nobre de nascimento, uma grande realização pessoal e social. Francisco Pizarro, seus irmãos, amigos e chegados estavam saboreando uma vitória que, afinal de contas, havia sido conquistada, em grande parte, graças à sua coragem e determinação. E, como havia sido uma conquista muito difícil, era muito natural que não quisessem se desfazer dos frutos de sua vitória.⁹⁵

Carmen Bernand e Serge Gruzinski nos relatam com certa riqueza de detalhes o que deve ter sido este cotidiano para aqueles conquistadores do Novo Mundo. Narram estes autores, por exemplo, que Francisco Pizarro, em Lima, reunia “*uma multidão de parentes, de*

⁹² Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 53.

⁹³ “(...) *hasta la instalación del virreinato, el rey había atribuído los poderes administrativos, políticos y militares a los propios conquistadores, poderes estos que fueron paulatinamente transferidos para los representantes del rey (...).*” Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 56.

⁹⁴ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. trad. Cristina Murachco, p. 488-490.

⁹⁵ “*A conquista do Peru é conhecida, principalmente, em sua fase final: a destruição do Império Inca e a morte de seu soberano Atahualpa. Antes desses acontecimentos, Pizarro e seus homens viveram quatro anos de errância, nos limites das forças humanas. A fome, a miséria, a doença e a morte faziam parte de seu cotidiano, comprometendo a todo instante o empreendimento do Mar do Sul.*” Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 473.

*companheiros, de criados e de índios (...).*⁹⁶ Atahualpa, um dos pretendentes ao trono do Império Inca que havia sido capturado por Francisco Pizarro, ofereceu-lhe sua jovem irmã, Quispe Sisa, a *Pizpita*, a fim de selar com ele uma aliança. Com a jovem inca, Pizarro teve dois filhos: Francisca e Gonzalo.⁹⁷

Deste modo, “*el señor gobernador*” havia conquistado para si uma posição da qual certamente não desejara desfazer-se, e acabou habituando-se aos privilégios adquiridos com aquela nova situação, embora testemunhos o caracterizem como um homem modesto.⁹⁸ É neste sentido que o governador, que agora também era *marquês*, iria encarar como uma afronta a traição de Diego de Almagro.

Diego de Almagro, após ter recebido do imperador os títulos de *adelantado* e de governador da Nova Toledo — região ao sul dos territórios de Pizarro —, organiza a expedição do Chile. Mas, em meio à expedição, obtém duas informações importantes: por decreto real, passariam a ser seus todos os territórios localizados a cem léguas da jurisdição de Francisco Pizarro. Além disso, soube também que Manco Inca organizava a reação contra os espanhóis.⁹⁹

Entre estes territórios, estava a cidade de Cusco. O conquistador poderia, com muita razão, reivindicar e até tomar posse de seus direitos, não fosse o momento, tão inadequado, para fazê-lo. Manco Inca comandava a insurreição, ameaçando o comando espanhol e todo o árduo trabalho da conquista. Almagro não esperou por melhores circunstâncias: chegando a Cusco, exigiu de Pizarro uma posição acerca de seus direitos. Como Almagro estivesse fechado a qualquer tipo de negociação, Pizarro entendeu que na ocasião estava lidando com

⁹⁶ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 537.

⁹⁷ Ibidem, p. 516.

⁹⁸ “*Embora tivesse um título de nobreza, seus gostos haviam continuado plebeus. Gostava de jogar bolas com as pessoas do povo, moleiros ou marinheiros que andavam por Lima, ou com o mourisco Cristóbal de Burgos. O mundo da terra em que tinha crescido atraía-o quase tanto quanto a guerra e, quando podia, dedicava-se a trabalhos manuais, construindo até mesmo, com suas próprias mãos, dois moinhos nas margens do Rimac.*” Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 537.

⁹⁹ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 529.

um inimigo, e passou a tratá-lo como tal. O novo conflito dividiu os espanhóis entre *almagristas* e *pizarristas*. Mas, embora enfraquecida pela insurreição do inca, a facção pizarrista levou a melhor: capturado por Hernando Pizarro, irmão do governador, Diego de Almagro foi decapitado em julho de 1538, então com setenta anos de idade.¹⁰⁰

Mas a sorte estava lançada, e o jovem Diego de Almagro resolve vingar a morte do pai. Francisco Pizarro fica sabendo do “complô”, mas não dá importância aos “boatos”, até que Diego de Almagro, *el Mozo*, juntamente com seus partidários, invade sua casa, num domingo de junho de 1541, matando Francisco Pizarro e seu irmão Francisco Martín de Alcântara.¹⁰¹

Carmen Bernand e Serge Gruzinski já haviam destacado que, mesmo distantes, os conquistadores ainda eram súditos da coroa e, portanto, deviam prestar contas de seus atos. Isto queria dizer, entre outras coisas, que o julgamento e a execução de um *traidor* deveriam ser feitos por um burocrata a serviço da Coroa, e não, necessariamente, por um governador, pois este não havia sido investido com plenos poderes. Mas, nas Índias, aqueles conquistadores estavam escrevendo suas próprias leis, ao sabor e ao gosto das circunstâncias. Não poderiam esperar a aplicação da justiça real, tão distante, ainda mais quando a situação requeria urgência, como foi o caso de Almagro. Assim, as execuções foram consumadas tendo como motivo principal a disputa pelo poder.

No entanto, e apesar da distância, a coroa espanhola não relaxava com a administração dos territórios recém-conquistados. Tanto o era assim que, no ano de 1552, ano seguinte à morte de Francisco Pizarro, Carlos V promulga as *Leis Novas*. Estas tinham como objetivo central abolir a escravidão indígena no Peru.¹⁰²

¹⁰⁰ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 534.

¹⁰¹ Ibidem, p. 537.

¹⁰² Segundo Rui Edmar Ribas, “as *Leyes Nuevas* ou Leis Novas, de 1542, estabeleciam o fim da perpetuidade das encomiendas. A Coroa recuperaria seus direitos sobre elas no caso de falecimento dos seus beneficiários, passando a administrar diretamente o tributo dos índios, que seriam livres do trabalho compulsório.” Cf. RIBAS, Rui Edmar. *O Cedulário Indiano, de Diego de Encinas, no Emergir do Novo Mundo: as relações da*

Com a morte do governador, a Coroa julgou que as Leis Novas, para que entrassem em vigor, necessitariam de uma nova composição administrativa, inexistente oficialmente¹⁰³ desde a morte de Pizarro. A partir daquele momento, o Peru teria uma Audiência formada por quatro ouvidores e um presidente, o vice-rei, autonomizando-se assim em relação ao Panamá. O escolhido para o cargo foi o capitão Blasco Nuñez de Vela, o qual tornou-se o primeiro vice-rei do Peru.¹⁰⁴

O vice-rei Nuñez de Vela procurou aplicar imediatamente as ordenações, atraindo assim a antipatia e até mesmo o ódio dos *senhores do Peru*, os *encomenderos*. Estes nomearam Gonzalo Pizarro procurador-geral, com a finalidade de advogar sua causa junto à Audiência. Carmen Bernand e Serge Gruzinski explicam que, como consequência de suas inabilidades, o vice-rei acabou se complicando. Ele, ao que parece, não era homem de se utilizar de acordos ou negociações, optando pelo confronto aberto. Acabou sendo enviado de volta à Espanha pela Audiência. Mas o obstinado vice-rei faz meia-volta e retorna, apenas para ser capturado por tropas pizarristas em Añaquito, onde foi executado.¹⁰⁵

Apesar da execução do vice-rei, os conquistadores sabiam que a batalha havia sido ganha, mas não a guerra, uma vez que era necessário combater as tropas monarquistas. Além disso, Gonzalo Pizarro tinha que promover a pacificação do território.¹⁰⁶ Certamente Pizarro, bem como seus conselheiros, sabiam que, ao executarem o vice-rei, tinham deixado a situação insustentável. As circunstâncias exigiam, naquele ponto a que tinham chegado, que decisões importantes e definitivas deviam ser tomadas; é nesse espírito que a idéia de romper definitivamente com a Coroa vai começando a se fazer presente naquelas mentes que já haviam se acostumado com o poder:

Coroa Hispânica com as áreas coloniais no século XVI. In: Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 27-42, 2º sem. 2006, p. 13.

¹⁰³ Dizemos *oficialmente* porque o jovem Diego de Almagro havia se auto-proclamado governador do Peru após a execução de Francisco Pizarro. Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 552.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 562.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 569.

¹⁰⁶ Ibidem, p. 564 e 572.

*“Depois de Almagro, el Mozo, Pizarro e seus conselheiros, escondidos num Peru fora do centro, distante da península e do istmo, pensavam em romper definitivamente com a Espanha: ‘a própria situação geográfica dava-lhes este sentimento de invulnerabilidade.’”*¹⁰⁷

Ciente da insurreição de Pizarro, Carlos V começa a entender que o controle do Peru deve ser obtido não mais pela força — a estratégia de Blasco Nuñez de Vela mostrou ser um fracasso —, mas pela via da diplomacia. Desta vez, o próximo vice-rei do Peru deveria ser um homem da Igreja. Conhecido por sua habilidade, o escolhido Pedro de la Gasca, ao chegar às Índias, percebeu o quanto complexa seria sua tarefa; afinal, para aqueles tempos, a popularidade do conquistador já era imensa.¹⁰⁸

Manoel Faucher informa que a Real Audiência, após embarcar Nuñez de Vela para a Espanha, havia revogado as Leis Novas.¹⁰⁹ Informa também que Pedro de la Gasca, seu substituto, exigiu o poder de revogá-las. Quando de sua chegada ao istmo do Panamá, La Gasca foi interceptado por tropas rebeldes comandadas por Pedro de Hinojosa. Já naquele momento, e não dispondo de armas de fogo — pois não era um homem de armas, como o presidente anterior —, La Gasca utilizou-se das armas de que dispunha: procurou o caminho da conciliação, enunciando que as Leis Novas estavam *abolidas*. Além disso, ofereceu um perdão geral para todos:

¹⁰⁷ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 569.

¹⁰⁸ “O conquistador gozava de uma popularidade imensa, e todos os dias aumentavam as deserções nas fileiras do presidente La Gasca. Gonzalo era apoiado pelos encomenderos, que temiam a supressão de seus privilégios, mas também por todos aqueles que sonhavam em receber um repartimiento. Os mercadores também eram partidários de Pizarro, pois dependiam dos senhores dos índios para o escoamento de suas mercadorias. Se os indígenas passassem para a jurisdição direta da coroa — o que era a intenção do imperador —, não haveria mais residentes encomenderos, todas as atividades lucrativas seriam abandonadas e, arruinados, não teriam outro recurso senão voltar para a Espanha.” Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 570.

¹⁰⁹ Cf. FAUCHER, Manoel. *Aguirre o la Fiebre de la Independencia. Relato Veridico de La Expedicion de Omagua y El Dorado (1560-1561)*. Editorial Txertoa, s. d., p. 22.

“(…) *La Gasca proclamó um perdón general e hizo llegar a Gonzalo [Pizarro] una copia explicando sus poderes, en ella ningún artículo hablaba de lo que Gonzalo deseaba: su confirmación como gobernador (...).*”¹¹⁰

Como era de se esperar, Gonzalo Pizarro não cedeu aos argumentos de La Gasca. O irmão mais novo de Francisco Pizarro temia ser punido pelo assassinato do vice-rei.¹¹¹ As duas facções — monarquistas e pizarristas — organizaram seus exércitos: fechadas as vias diplomáticas, só restava a do confronto armado. Mas este não foi necessário, pois em Xaquixaguana, lugar onde os dois exércitos se enfrentariam, houve deserção em massa a favor de La Gasca. Gonzalo Pizarro e Francisco de Carvajal foram acusados de alta traição, decapitados com outros quinze companheiros no ano de 1548. Desta vez, as forças legalistas levaram a melhor: nem todos ousavam desafiar o monarca, que contava com armas poderosas, como era o caso das *cartas de perdão*.

As cartas, ou *cédulas de perdão*, representavam, talvez, a melhor arma de que dispunha um vice-rei do Peru daqueles tempos. Elsa Barria já havia assinalado, ainda que *in passant*, o quanto estes documentos representavam armas poderosas utilizadas pelos representantes da Coroa Espanhola.¹¹²

Deste modo, vemos que mesmo com todo o poder alcançado pelos conquistadores no Novo Mundo, não podiam tudo; tal fato, aliás, resultaria num paradoxo: afinal, como poderiam querer ir contra o cetro do Império que eles mesmos haviam ajudado a construir?

¹¹⁰ Cf. FAUCHER, Manoel. *Aguirre...*, p. 22.

¹¹¹ Cf. BERNAND, Carmen e GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 571.

¹¹² Explicando as razões pelas quais Pizarro e seus aliados haviam sido derrotados para as tropas legalistas, Elsa Barria assinala que “(…) *los representantes de la Corona contaban con armas mucho más poderosas: las cédulas del perdón, que eran documentos que llevaban el sello real y que concedían el perdón al rebelde que se arrepintiera y se pasara al ejército real.*” Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 58. Casto Fulgencio López também apresenta uma interessante versão a respeito da importância inigualável destes documentos naquele contexto. Cf. LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre, el peregrino. Primer Caudillo de América*. Barcelona, España, Ediciones Nueva Cádiz, 2ª edición, 1953, p. 60.

CAPÍTULO 3

OMAGUA E EL DORADO: OS OBJETIVOS DA EXPEDIÇÃO NAS CRÔNICAS DE ZÚÑIGA, ALMESTO E VÁZQUEZ

CAPÍTULO 3

OMAGUA E EL DORADO: OS OBJETIVOS DA EXPEDIÇÃO NAS CRÔNICAS DE ZÚÑIGA, ALMESTO E VÁZQUEZ

3.1. Espanha, a Geografia Visionária do Novo Mundo e o El Dorado

Uma das contribuições que julgamos mais interessantes desenvolvidas por Sérgio Buarque de Holanda em seu *Visão do Paraíso*, e que está diretamente relacionada ao assunto ora tratado refere-se à tentativa do autor em estabelecer uma diferença entre espanhóis e portugueses no que se refere à apreensão dos conhecimentos advindos com a conquista do Novo Mundo.

Segundo o autor, em relação ao saber geográfico da época dos descobrimentos, “*tudo isso que obscurecia o entendimento e entorpecia a ação, foi destruído pelos nossos pilotos com o soberano vigor dos fatos indisputáveis*”.¹¹³ Para este historiador, a experiência dos descobrimentos eliminou toda a gama de fantasias que existia na época a respeito do mundo desconhecido, *ao menos para os portugueses*. Neste sentido, escreve o autor:

“*Não haverá grande exagero em dizer-se daqueles homens que, alheios, embora, às ruidosas especulações, puderam, com seu tosco realismo, inaugurar novos caminhos ao pensamento científico, no alvorecer dos tempos modernos, pelo simples fato de terem desterrado alguns velhos estorvos ao seu progresso.*”¹¹⁴

Assim, na medida em que, de acordo com Randles¹¹⁵, todo o conhecimento geográfico que havia na época só tendia a barrar qualquer tentativa no sentido de alcançar tão distantes domínios, a despeito da geografia ptolemaica e a crença na incomunicação das águas sobre a

¹¹³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso...*, p. 12.

¹¹⁴ Ibidem, p. 11.

¹¹⁵ RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma mutação epistemológica rápida (1480-1520)*. Campinas, SP: Papirus, trad., 1994.

superfície terrestre, a iniciativa ou mesmo ousadia portuguesa na travessia do Atlântico, além de um sabor pioneirista, conferiu a este povo o privilégio não só do desbravamento no sentido geográfico, mas também no sentido científico, como o quer Sérgio Buarque de Holanda.

Dessa forma, apesar de Portugal e Espanha pertencerem a uma mesma tradição — tradição ibérica —, Sérgio Buarque os distingue: Portugal estava muito mais próximo do saber empírico e, com isso, menos propenso ao fabuloso e mais ciente das limitações terrenas. Já no caso espanhol, ele dá o exemplo: *Colombo acreditava ter chegado ao Paraíso Terreal!* Os castelhanos, diante de sua experiência, bem ao contrário dos lusitanos, tiveram confirmadas suas suspeitas de que aquele mundo encantado realmente existia.¹¹⁶ Mas o que explica este modo diferente de encarar o novo e o diferente, já que tratamos de uma mesma tradição?

Uma das explicações pode ser dada, segundo o próprio autor, pelas narrativas de viagens fantásticas, das quais ele cita como exemplo os romances de cavalaria. E é muito provável que esta seja uma das diferenças, pois o mesmo entende que a imaginação do conquistador espanhol é aguçada por esta literatura, que, inclusive, torna-se popular à época, de acordo com Elsa Barría¹¹⁷. Em seu trabalho, esta autora compreende que, para o caso espanhol, um dos substratos que acolheu todas as notícias que corriam de boca em boca a respeito de viagens fantásticas foi a literatura de cavalaria, tão popular no século XVI.

Nesta literatura irá ocorrer o que a autora denomina de “indistinção” entre história e ficção: estes elementos estarão de tal modo entrelaçados nesta cultura literária, que o leitor ou

¹¹⁶ De acordo com Laura de Mello e Souza, “*Colombo vira a Índia na América, impregnado da leitura de obras como o Livro das Maravilhas de Mandeville (...)*”. Cf. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. P. 22.

¹¹⁷ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales de Las Crônicas Coloniales Españolas: las “Relaciones” del Río Amazonas*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado.

uvinte¹¹⁸ não colocará em dúvida a veracidade das histórias narradas. Portanto, realidade e ficção formarão faces de uma mesma moeda.

Esta noção torna-se importantíssima para compreendermos o universo mental dos espanhóis daquele período. Este conteúdo literário, chegando até eles pelos livros de cavalaria, contém o elemento maravilhoso¹¹⁹, ou seja, a ficção, e encontra naqueles espíritos aventureiros solo bastante fértil.

A literatura medieval espanhola ultrapassa o período conhecido como medieval e chega ainda intensa durante o Renascimento, diversamente do que ocorre na maioria da literatura européia. Ocorre que, segundo a autora, “*los lectores oyentes de estas ficciones, no requerían de gran esfuerzo para transferir las escenas de los libros a la realidad por ellos vivida en Indias, donde todo era posible*”.¹²⁰ Uma prova disto a autora irá identificar nas narrações escritas por navegantes do período. Como exemplo, cita que, a respeito da expedição de Francisco de Orellana, ocorrida nos anos de 1541-1542, Gaspar de Carvajal, cronista da expedição, “*se refiere a algún pueblo muy rico que no llegan a ver (...)*”¹²¹. Ou seja: embora não fossem testemunhas visuais, algumas características que presenciavam, como informações dadas por índios de um terra adentro rica em ouro e prata, a beleza das terras, do clima, etc., associadas à sua fértil imaginação, propiciavam um ambiente para a produção (e reprodução) de mitos, resultando daí narrações consideradas exageradas, posto que em seus escritos houvesse uma grande dose de imaginação.

¹¹⁸ De acordo com a literata, durante a Idade Média e parte do que ela identifica como Século de Ouro, o século dezesseis, a maioria da população, analfabeta, fazia uso da tradição oral, e a expressão escrita torna-se uma realidade para poucos. Esta tradição, transmitida pela leitura ou pela canção em público, revelava inicialmente tanto a escassez de livros quanto o grande número de analfabetos. Mesmo com a presença da imprensa, que aumenta o número de exemplares em circulação, a autora percebe que o que se consolidou como um costume não se encerrará com a existência desta. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 123-124.

¹¹⁹ O maravilhoso pode ser compreendido como um elemento literário presente tanto nas narrativas de viagens quanto nos romances de cavalaria, respondendo por acontecimentos da ordem do sobrenatural. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, cap. 4., ou ainda FONSECA, Adão. *O Imaginário dos Navegantes Portugueses dos séculos 15 e 16*. In: Revista Estudos Avançados, 6 (16), 1992, p. 35-51.

¹²⁰ Ibidem, p. 190.

¹²¹ Ibidem, p. 184.

É neste contexto que se insere a lenda de El Dorado. El Dorado, segundo Manoel Faucher¹²², remete-se a uma cerimônia na qual um cacique, coberto de ouro em pó e resina, mergulhava no centro de um lago situado em Guatavita — atual território colombiano — em oferenda a seu deus. De acordo com o autor, à medida em que o ritual se cumpria, a multidão em volta cantava, dançava e bebia.

Uma informação muito pertinente dada por este autor é a de que, no princípio do século dezesseis, a cerimônia havia desaparecido com a independência da tribo dos Chibcha¹²³ — hoje território da Colômbia¹²⁴. No entanto, se a cerimônia deixou de ser praticada, sua recordação sobreviveu ao tempo, alimentando as imaginações e transformando-se posteriormente em mito ou lenda¹²⁵.

O autor também informa a origem desta história fabulosa: data de 1532, após a captura do imperador inca Atahualpa. Narra o autor que certo embaixador pertencente à corte deste cacique, estando em Cajamarca, contou a cerca de 168 homens a história sobre o cacique e suas riquezas. A partir daí, várias expedições de busca foram realizadas com a intenção de alcançar a região, que estaria situada em Bogotá: Sebastián de Belalcázar, Gonzalo Pizarro, alemães, etc., partiram com esta intenção, só obtendo como resultado, no entanto, aquilo que talvez já fosse esperado: o fracasso, e não raras vezes, até a morte.

E assim, ao invés de fazer desaparecer definitivamente as esperanças, diante dos resultados nulos das buscas, El Dorado continuou existindo, mostrando-se sempre cada vez mais esquivo, mais distante, mais inatingível, passando a existir somente no sonho e na

¹²² VÁZQUEZ, Francisco. *Relación verdadera de todo lo que sucedio en la jornada de Omagua y Dorado*. In: FAUCHER, Manoel. *Aguirre o La Fiebre de La Independência. Relato Verídico de La Expedicion de Omagua y El Dorado (1560-1561)*. Editorial Txertoa, s.d

¹²³ Cf. FAUCHER, Manoel. *Aguirre...*, p. 11.

¹²⁴ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa. *Raíces Medievales...*, p. 172.

¹²⁵ Cf. FAUCHER, Manoel. *Aguirre...*, p. 15. A despeito das indefinições presentes no trabalho deste autor quanto à identificação da história do El Dorado — ora referindo-se a ela como mito, ora como lenda — observamos que, entre os autores por nós pesquisados que tratam da história fabulosa, todos referem-se a ela com imprecisão, denominando-a ora como *mito*, ora como *lenda* e até mesmo *fábula*. Para mais informações, vide nota nº 13.

imaginação de aventureiros e estimulando outras expedições, como a de Pedro de Ursua.¹²⁶ À semelhança de outros autores, Manoel Faucher também dá ênfase a uma das conseqüências da persistência do mito ou da lenda: trata-se de sua migração geográfica e semântica:

*“De este modo, de expedición en expedición, el «hombre dorado» se escurría; alternativamente se le asociaba con las especias, con el Marañón — al que se confundía habitualmente con el Orinoco —, con los Omaguas; siempre se mostraba esquivo, situado cada vez más al sur y al leste (...). En el transcurso de los dos siglos siguientes, El Dorado y su reino adquirieron otros nombres, Païtiti, el gran Moxo, Enim, pero para todos los aventureros el fabuloso sueño continuaba siendo el mismo; a pesar de que al límite siempre suponía o el fracaso o algo mucho peor”.*¹²⁷

Em relação a esta migração, a um só tempo geográfica e semântica, Emiliano Jos observa que a busca pelo “sonho dourado” contribuiu para o conhecimento geográfico da América do Sul¹²⁸. Por sua vez, o historiador Ugarte acrescenta que a “fantasia da conquista” ocasionou a “migração geográfica do maravilhoso¹²⁹”, idéia esta também defendida por Sérgio Buarque de Holanda¹³⁰ e Laura de Mello e Souza.¹³¹ Inclusive, de acordo com esta historiadora, foi o fato mesmo de ter ocorrido esta migração do elemento exótico¹³², conforme se dava o conhecimento empírico da região, que impossibilitou que o novo continente fosse

¹²⁶ “Solo otro nuevo Dorado podia incitar a organizar una expedición de descubrimiento, de cierta envergadura, en Perú a fines de la década de 1550, cuando todo lo más rico del territorio era conocido y todos los indios y tierras mejores estaban repartidos”. Cf. ORTIZ DE LA TABLA, Javier. “Introducción”. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado. Crônica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 22.

¹²⁷ FAUCHER, Manoel. *Aguirre...*, p. 15.

¹²⁸ JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, Espana, 1927, p. 54.

¹²⁹ UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. In: DEL PRIORI, Mary; GOMES, Flávio dos Santos (org). In: *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 8.

¹³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso...*, págs. 23 e 34.

¹³¹ SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz...*, p. 26.

¹³² A este respeito, consultar também: FONSECA, Luís Adão. *O Imaginário dos Navegantes Portugueses dos séculos 15 e 16*. In: *Revista Estudos Avançados*, 6 (16), 1992, p. 35-51.

“descoberto” em sua especificidade, em sua alteridade.¹³³ Desse modo, o Novo Continente só iria ser assimilado como *novo* e *de fato* aos poucos, conforme seus elementos reais iriam somando-se ao conhecimento já existente.¹³⁴

Diante destas pontuações, extremamente importantes para o entendimento do nosso objeto de estudo, torna-se um pouco menos difícil compreender a atitude de todos aqueles *peruleros*¹³⁵ que partiam em busca daquele sonho: embora nunca houvesse sido atingido, a realidade encontrada parecia não ser suficiente para apagar de suas mentes o desejo de alcançar riquezas e especiarias. Não podemos esquecer também que um fator que “espantava” a realidade de suas mentes, fator este tirado desta mesma realidade, era o referente às próprias conquistas realizadas décadas antes por Cortez e Pizarro. Nas palavras de Emiliano Jos,

*“No dudamos nosotros que los dichos prodígios, sobre todo las asombrosas conquistas hechas por Cortés y Pizarro de la confederación azteca i imperio incásico, pletóricos de oro, fueron gran parte para que las imaginaciones admitiesen la existencia de algún otro imperio inhallado, que en su populosa, fantástica capital, encerrase tesoros sin cuento, mayores sin ponderación que los reunidos para el rescate del Inca, o los encontrados en Tenochtitlan y Cuzco”*¹³⁶.

Tinham então aqueles espanhóis motivos para crerem que novamente achariam tesouros encerrados em alguma parte daquela vasta extensão do continente americano. Isto, associado à ânsia de fama e de riqueza¹³⁷ e às necessidades reais de sobrevivência que haviam levado tantos a migrarem para o novo continente, apresentaram-se como motivos mais que suficientes para que se organizassem novas expedições de conquista. Mas, além destes, certas

¹³³ Cf. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz...*, p. 22.

¹³⁴ Ibidem, p. 22.

¹³⁵ A expressão *peruleros*, aqui tomada de empréstimo de Manoel Faucher, pode ser encontrada em inúmeros autores consultados, e refere-se àqueles aventureiros que ingressavam em expedições de descobrimento no território do Peru, no século XVI.

¹³⁶ Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 53.

¹³⁷ Cf. LA TABLA, Javier Ortiz de. “Introducción”..., p. 21.

“notícias” que à época circulavam pelo vice-reino do Peru incitaram a organização de mais uma expedição, como veremos a seguir.

3.2. Os índios brasis, a expedição de Francisco de Orellana e a formação da Jornada de Pedro de Ursua

Invariavelmente, as três relações aqui estudadas explicam o motivo oficial da organização da expedição de Pedro de Ursua: eram notícias que à época circulavam pelos arredores do vice-reino do Peru a respeito de regiões densamente povoadas e ricas. De forma similar, os três cronistas informam que a existência destas notícias se devia a duas fontes de informação: uma delas originada de um grupo de índios — chamados por ele de “índios brasis” — que teriam chegado ao Peru no ano de 1549, e a outra, anterior, como resultado da expedição de Francisco de Orellana, ocorrida entre os anos 1541-1542.

Quanto à primeira fonte, trata-se de um grupo de índios que teria saído da costa do Brasil na primeira metade do século XVI, e chegado ao Peru no ano de 1549. De acordo com Antonio Porro¹³⁸, Diogo Nunes foi o primeiro a dar notícia a respeito da migração dos índios Tupi em língua portuguesa, no ano de 1553. Ainda segundo Antonio Porro, o grupo migratório inicial era composto por aproximadamente 12 ou 14 mil índios. Destes, um número aproximado de 300 teria chegado em 1549 a Chachapoyas, região localizada a oeste do Huallaga, no Peru. Aí, foram aprisionados por colonos espanhóis.

De acordo com as investigações deste autor, a notícia mais antiga da chegada do grupo pode ser encontrada em duas cartas que o governador Pedro de Gasca escreveu para o Conselho das Índias: uma com data de 6 de dezembro de 1549 e a outra de 8 de janeiro de 1550. Entretanto, Antonio Porro observa que, surpreendentemente, nestas cartas, “não há

¹³⁸ PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 75.

qualquer referência a Omágua, Dourado ou riquezas de ouro e pedras”. Mas então de onde vieram estas “notícias”?

Segundo o autor, estas informações podem ser encontradas no capítulo 78 da “Crônica del Perú”, de autoria de Pedro de Cieza de Leon, publicada em 1553. Nesta crônica consta que os demais índios que estavam presentes no começo do movimento migratório e que estavam ausentes quando o grupo atinge o Peru haviam morrido; também consta que na parte do oriente havia terras densamente povoadas, e algumas delas ricas de ouro e prata. Antonio Porro cita trecho traduzido da crônica, onde pode-se ler: “(...)Os quais afirmam que na parte do oriente há grandes terras habitadas por muita gente, e algumas mui ricas de metais de ouro e prata (...)”.¹³⁹

Como se pode ler na transcrição de trecho da obra de Pedro de Cieza de Leon, bem como nas relações por nós trabalhadas, há uma espécie de identificação prévia do lugar: trata-se de região densamente povoada associada a riquezas em metais preciosos. Por esta razão, como veremos adiante, os expedicionários atribuíram às regiões aparentemente populosas a existência do El Dorado, bem como tenderam com frequência a evitar as regiões com vazios demográficos.

A segunda fonte de informação em questão deve-se ao resultado da divulgação da expedição de Francisco de Orellana, ocorrida entre os anos de 1541-1542. Com um destacamento aproximado de 59 homens, o capitão Orellana havia sido enviado por Gonzalo Pizarro, comandante oficial da expedição que partira de Quito, no Peru, à região de confluência dos rios Coca e Napo para buscar alimentos.¹⁴⁰ Nesta viagem, que durou cerca de 9 meses¹⁴¹ e que seria a primeira feita em quase toda a extensão do *Rio Marañón*, este pequeno grupo encontra várias sociedades indígenas. Mas o que mais lhes chamou a atenção foi um episódio, narrado pelo cronista da expedição, o Frei Gaspar de Carvajal, em que a

¹³⁹ Ibidem, p. 76.

¹⁴⁰ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas...*, p. 10.

¹⁴¹ Ibidem, p. 10.

tropa teve um encontro bélico com mulheres guerreiras, após a travessia da foz do rio Madeira¹⁴², as quais, com muito trabalho, e apesar de serem numericamente superiores aos espanhóis, foram vencidas por estes.¹⁴³

Carvajal relatou em sua crônica que Orellana teve a confirmação de que as mulheres em questão eram as *amazonas*. Ficou sabendo também, por intermédio de um índio que tinham ali feito prisioneiro, que as casas dessas mulheres eram feitas de pedra, e que suas terras, ou as regiões sobre as quais reinavam, eram muito ricas em ouro e prata.¹⁴⁴

Nesta perspectiva, pôde-se ter o contexto oportuno para a formação da expedição do governador Pedro de Ursua. Veremos agora como a presença destes elementos influenciou a conduta daqueles expedicionários frente à realidade que experimentavam, através das nossas únicas fontes de informação: os testemunhos dos cronistas.

3.3. Os Objetivos da Expedição

Da leitura dos relatos dos soldados-cronistas Francisco Vázquez, Pedrarias de Almesto e Gonzalo de Zúñiga, a impressão que se tem com relação ao objetivo (ou objetivos, caso admita-se mais de um) da jornada é a de que a procura pelas regiões ou províncias de Omagua e Dorado ficou em segundo plano. De fato, o tema que norteia os escritos dos cronistas é a rebelião e seus desdobramentos, como é o caso das conspirações, das execuções, etc. Em função disto, a conclusão à qual naturalmente se chega é a de que a expectativa de se encontrar e conquistar uma região densamente povoada e rica, expectativa esta que deveria funcionar como força motriz da jornada, ficou apenas na intenção.

Entretanto, não podemos correr o risco de perder de vista algumas pistas presentes nestes escritos que nos levam até àquele primeiro objetivo da procura por aquelas regiões.

¹⁴² HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso...*, p. 27.

¹⁴³ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas...*, p. 13.

¹⁴⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Visão do Paraíso...*, p. 28-29.

Tem-se, por exemplo, a situação de pessoas presentes nesta jornada que venderam seus bens com a esperança de enriquecerem; homens poderosos do Peru desejaram ter nela ingressado, no que foram impedidos pelo vice-rei; ou ainda o fato aludido por Javier Ortiz de la Tabla de que a jornada era um projeto há muito acalentado por Pedro de Ursua.¹⁴⁵

Tais situações depõem assim a favor da expectativa real de encontrar aquela região, ainda que os fatos narrados provem o contrário: a atitude dos soldados, ao abraçarem a causa da rebelião, que tinha por objetivo conquistar o Peru e tomá-lo das autoridades reais, faz parecer que a expectativa em relação à região, se existia, não seduzia a quase ninguém. Ou ainda pode-se imaginar que o clima tenso que se produziu a partir das primeiras execuções teria diminuído ou praticamente eliminado a esperança de encontrar a cobiçada terra, tornando a sobrevivência física um objetivo mais imediato ou plausível a ser alcançado.¹⁴⁶ Diante disto, algumas questões nortearão a nossa reflexão, a saber: Omagua e Dorado afinal eram uma região realmente existente para aquelas pessoas? Quais eram os objetivos oficiais e/ou reais da expedição? E por que a crença na existência destas terras não foi suficiente para desviar a atenção de uma rebelião que começava a se formar ainda no início da jornada?

Nosso intento, neste capítulo, será o de buscar compreender como se deu a apreensão da notícia a respeito das regiões ricas em metais preciosos durante a jornada, desde o período de sua formação até o momento em que a sua busca foi oficialmente abandonada ou interrompida em favor do plano de conquista do Peru. A nossa hipótese — a de que a ânsia de encontrar as regiões ricas motivava grande parte dos expedicionários — ampara-se na situação social e política existente no Peru daquela segunda metade do século XVI, onde a concentração de riquezas nas mãos de encomenderos, como vimos, incitava os *deserdados da conquista* a lutarem para também garantir o seu espaço na sociedade americana.

¹⁴⁵ Cf. LA TABLA, Javier Ortiz de. “Introducción”..., p. 24.

¹⁴⁶ Cf. PORRO, Antônio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 84.

3.3.1. Antecedentes: a preparação da jornada

A fim de sistematizar o nosso estudo, dividimos as crônicas em três momentos: 1 – os antecedentes ou fase de preparação da jornada até o momento de sua partida; 2 – O momento do embarque ou partida até atingirem a província ou povoado de Machifaro; e 3 – De Machifaro até sua saída ao Oceano Atlântico. Neste tópico examinaremos a fase de preparação da expedição.

Já aludimos na introdução que, de acordo com Rafael Díaz¹⁴⁷ e La Tabla¹⁴⁸, a jornada era um sonho antigo de Pedro de Ursua. Este dado é importante, na medida em que ampara, por assim dizer, a nossa hipótese de que a região devia ser, para aqueles aventureiros, um objetivo plausível, e que era uma questão de tempo encontrá-la. Ursua, nomeado governador das províncias de Omagua e Dorado pelo vice-rei Hurtado de Mendoza, foi o responsável pela preparação e condução da expedição porque, como governador, desempenhava o papel de autoridade máxima. Apesar de grandes dificuldades enfrentadas, Ursua conseguiu partir com a expedição e, mesmo diante das ameaças de motim ou dos avisos dados por amigos seus de que tivesse cautela com relação a alguns soldados ali presentes, em nenhum momento desistiu oficialmente do objetivo de alcançar as províncias de Omagua e Dorado. Por causa de sua determinação, acabou sendo executado. Neste sentido, consideramos muito provável que Pedro de Ursua, entre outras coisas, acreditou que poderia conquistar a região.

Vejamos agora, nos relatos, passagens que demonstram todo o esforço de Pedro de Ursua no sentido de seguir adiante com seu projeto. Um dos primeiros obstáculos que o

¹⁴⁷ Cf. DÍAZ, Rafael. “Introducción”. In: ALMESTO, Pedrarias de (1561). *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Orsúa fue a descubrir por poderes y comisiones que e dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú, por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón, el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo de alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre, y de las crueldades de estos perversos tiranos*. In: CARVAJAL; ALMESTO; ROJAS. *La aventura del Amazonas*. Madri, Historia 16 (Crónicas de América 19), 1986

¹⁴⁸ Vide nota nº 34.

governador teve que contornar foi o referente ao financiamento da expedição. A este respeito, Zúñiga oferece alguns exemplos que podem esclarecer o problema enfrentado por Ursua.

Desse modo, ao que tudo indica, o financiamento de uma entrada ficava por conta de particulares. Para esta jornada, por exemplo, Zúñiga informa que, algum tempo antes desta expedição se realizar, Gómez de Alvarado havia solicitado autorização para fazê-la no tempo em que o vice-rei do Peru era Antonio de Mendoza. Alvarado, dispondo de uma quantia de cerca de 500 mil pesos, estava disposto a financiar tal empreendimento. Mas, para sua decepção, não foi atendido:

“(...) Gómez de Alvarado (...) la habia pretendido hacer, y se la habia pedido al virey D. Antonio de Mendoza, y gastaba en ella quinientos mill pesos¹⁴⁹, suyos y de particulares, como hombre que era de los más poderosos de Pirú; el cual dicho Virey no se determinó á dársela, por ciertas causas que para ello hubo, y si la hiciera entonces, sacára mas de mill hombres de Pirú y entrellos muchos vecinos y muy ricos que para ello estaban movidos.”¹⁵⁰

Além de Alvarado, segundo Zúñiga, muitos homens ricos do Peru estavam interessados na realização da empresa, uma vez que tinham condições materiais para assumi-la. Entretanto, e deste ponto de vista, Pedro de Ursua não era o melhor candidato, uma vez que, para isto, não tinha condições. Mas, surpreendentemente, obtém do então vice-rei Hurtado de Mendoza autorização para efetuá-la:

¹⁴⁹ Para estimarmos o que representava a quantia de 500 mil pesos em se tratando do financiamento de uma entrada de descobrimento, é útil sublinharmos aqui uma pequena passagem na qual o cronista comenta que, em relação a esta entrada, “(...) outro no se atreviera á hacer menos de con ducientos mill pesos” Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 218. Neste caso, 500 mil pesos equivaliam a uma quantia mais que suficiente para custear uma empresa deste porte.

¹⁵⁰ ZÚÑIGA, Gonzalo de (1561). *Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el río del Marañón, en la provincia del Dorado, hecha por el gobernador Pedro de Orsua, donde que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de Los reinos del Pirú y de la muerte del dicho Pedro de Orsua y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzman y Lope de Aguirre su subcesor, y de lo que hicieron fasta llegar á la Margarita y salir della*. In: *Colección de Documentos Inéditos...de América y oceanía*. Madri, Colección del Archivo de Indias, 1865, vol. 4, p. 216.

“De entonces acá nadie se habia atrevido á pedir la dicha entrada, por ser cosa de tan gran gasto y costa, hasta que Pedro de Orsua la pidió al Marqués de Cañete, y se la dio, no teniendo mas de una capa y una espada (...)”.¹⁵¹

Quais seriam as intenções do vice-rei ao entregar esta missão a um homem sem recursos? Teria ele outros predicados que porventura o tornavam melhor que os demais, melhor até que os mais ricos e poderosos? Zúñiga fornece uma pista que pode responder à primeira questão: desejava o vice-rei “limpar” o Peru de homens sem ocupação:

“(...) y le ayudó de la caja de S. M. con quinze mill pesos para ello, por dar remedio á muchos caballeros é hijos-dalgo que en Pirú andaban perdidos, y por el provecho que á S. M. se le seguia de que se poblase y descubriese tan rica y gran tierra, como se creyó seria (...)”.¹⁵²

Optamos por considerar que Ursua foi autorizado por causa de sua larga experiência nas Índias. Sobre este assunto, Pedrarias de Alместo, logo iniciando sua relação, faz um pequeno histórico de Pedro de Ursua destacando suas grandes habilidades nesta área:

“Fue el gobernador Pedro de Orsúa, de nación navarro; era caballero, y Señor de la Casa de Orsúa hombre de gran habilidad y experiencia en los descubrimientos y entradas de indios. Descubrió y pobló en el Nuevo Reino de Granada la ciudad de Pamplona; anduvo por Capitán en la jornada de Tairona y en otras partes del dicho Nuevo Reino. Y en el Nombre de Dios y Panamá, le encargó el marqués de Cañete la guerra contra los negros cimarrones, que hacían gran daño en aquella tierra; la cual hizo con tan buena maña y solicitud, que destruyó, prendió y mató muchos de los indios negros, y a los demás dejó tan escarmentados y medrosos, que por muchos días no osaran hacer más daño; y acabada esta guerra, pasó al Pirú en fin del año de mil y

¹⁵¹ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 216-217.

¹⁵² *Ibidem*, p. 217.

quinientos y cincuenta y ocho años; y habiendo entendido el dicho marqués de Cañete su valor y habilidad, le encargó la jornada del Dorado(...).¹⁵³

Desta forma, como havíamos comentado anteriormente, a expedição deveria atender a dois objetivos: a conquista de “tão rica e grande terra” e a deportação de homens indesejados que habitavam o vice-reino. Justificam, deste modo, a razão de o vice-rei, o marquês de Cañete, ter autorizado a entrada a Pedro de Ursua: sua grande habilidade nas conquistas das Índias. Mas, não obstante a quantia dispendida pelo vice-rei — cerca de 15 mil pesos —, Ursua precisou levantar fundos. Primeiramente, fundou um estaleiro no povoado de Santa Cruz, pertencente à Província dos Motilones. Feito isto, parte dali com o objetivo de recrutar pessoas e obter recursos para as demais despesas:

“Partido el gobernador Pedro de Ursua de su astillero para la ciudad de Lima, para acabar de aderezar su jornada, por la poca posibilidad que tenía, en especial de dineros, a esta causa se detuvo por allá cerca de año y medio(...).”¹⁵⁴

Durante este tempo, necessário aos preparativos da jornada, alguns acontecimentos quase colocaram a perder todo o empenho de Ursua. Circulavam boatos, por exemplo, de que o governador das províncias Omagua e Dorado estava na realidade a serviço do vice-rei do Peru organizando um levante, a fim de tomar o Peru das autoridades espanholas. A origem do boato, de acordo com Vázquez, foi o fato de, durante os preparativos da jornada, Hurtado de Mendoza, o marquês de Cañete, ter recebido a notícia de que seria substituído em seu cargo

¹⁵³ ALMESTO, Pedrarias de (1561). *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Orsúa fue a descubrir por poderes y comisiones que e dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú, por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón, el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo de alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre, y de las crueldades de estos perversos tiranos*. In: CARVAJAL; ALMESTO; ROJAS. *La aventura del Amazonas*. Madri, Historia 16 (Crónicas de América 19), 1986. Introdução e notas de Rafael Díaz, p. 101. A mesma passagem encontra-se na relação de Vázquez, embora em outro momento da narrativa. Cf. VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 79.

¹⁵⁴ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 51.

de vice-rei. Por este motivo, acreditavam que, como reação a esta situação, organizava um levante sobre o Peru:

*“(...) Pedro de Ursua (...) estuvo en harto poco de desbaratar la dicha jornada (...) porque al tiempo que andaba aprestándose, vino nueva de España que su Majestad había proveído por virrey a D. Diego de Azevedo con la cual nueva el Marqués de Cañete se había enfriado en alguna manera en dar calor al dicho Pedro de Ursua para proseguir lo comenzado, y los oidores de la real audiencia y algunos vecinos de cuenta decían, que no convenía que se hiciese la dicha jornada, ni se hiciese junta de gentes en tal coyuntura. Estando los negocios en estos términos medio suspensos, vino otra nueva de España que D. Diego de Azevedo había muerto en Sevilla estando para embarcarse a servir su plaza de virrey, y con esta nueva el Marqués tornó a favorecer al dicho Ursua más que antes, aunque en esto no faltaron mordaces y maliciosos porque se dijo públicamente que el Marqués de Cañete teniendo recelo de la cuenta que le venían a tomar, y que también enojado y afrentado de que Su Majestad en tan poco tiempo le removía el cargo, quería en achaque de hacer la jornada juntar gente para alzarse con el Perú contra Su Majestad, y tener a Pedro de Ursua que era hechura suya por su capitán, para que acabada de juntar gente revolviese sobre el Perú (...)”.*¹⁵⁵

Como percebemos na narrativa de Vázquez, realmente faz sentido uma possível reação por parte do vice-rei. Mas o que interessa é que, apesar deste contratempo, e graças ao infeliz incidente com o candidato ao cargo, Ursua pôde continuar obtendo o apoio de Hurtado de Mendoza.

No entanto, os obstáculos não se encerram por aí. Prosseguindo a narrativa, Vázquez disserta sobre um incidente envolvendo um clérigo chamado Pedro Portillo, ainda durante aquele intervalo de tempo que antecede a partida da expedição. De acordo com o cronista, Pedro de Ursua, dirigindo-se ao povoado de Moyobamba, onde residia o clérigo Pedro

¹⁵⁵ Ibidem, p. 51-52. Em Zúñiga não há alusão explícita ao incidente, mas em Almesto podemos encontrar trecho muito semelhante ao que aparece em Vázquez. Cf. ZÚNIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 223; ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 104-105.

Portillo, estabelece com este um acordo: levaria o clérigo na jornada como “cura” e vigário em troca de 2 mil pesos:

*“Alcabo de año y medio o poco más [Ursua] vino a un pueblo que llamaban Moyabamba, donde residía por Cura y vicario un clérigo llamado Pedro Portillo, el cual pueblo estaba cerca de su astillero; este clérigo estaba rico y tratando y conservando con el dicho gobernador, según se entendió, se acordó entre ellos que diese el gobernador orden como él fuese por Cura y vicario de la dicha armada que él le prestaría dos mil pesos, y el gobernador se lo prometió que se haría como él lo pedía (...)”.*¹⁵⁶

Ursua, contando que receberia o dinheiro, fez despesas. Mas, para sua frustração, Portillo arrepende-se e volta atrás no negócio. Desesperado, Ursua reúne alguns soldados que, juntos, tomam o dinheiro do clérigo à força.¹⁵⁷

Um outro acontecimento que gostaríamos de ressaltar, e que contribui para a compreensão da atitude de Ursua em relação a Pedro Portillo é o que podemos encontrar em Zúñiga. Este cronista informa que alguns comerciantes ofereceram ao governador a quantia de 100 mil pesos, a qual certamente seria de extrema importância, dada a precariedade dos recursos. Mas, por algum motivo que não esclarece, os mercadores — à semelhança de Pedro Portillo — voltam atrás de sua decisão: *“Y luego le ofrescieron, entre vecinos mercaderes, cien mill pesos, y despues se salieron afuera; y con todo esto, hizo la jornada, con mucho trabajo y poco dinero (...)”.*¹⁵⁸

Acreditamos que, no caso específico destes comerciantes, um dos motivos de sua desistência se deva àqueles boatos que circulavam no Peru de que Ursua organizaria um

¹⁵⁶ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 52.

¹⁵⁷ Em Vázquez e em Alместo, a passagem onde registram o acontecido com Pedro Portillo é idêntica. Zúñiga também narra de forma semelhante, embora de maneira muito mais sintética que os dois primeiros.

¹⁵⁸ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 218.

levante, a mando de Mendoza. Temendo ser verdade, é possível que tivessem preferido não correr o risco de investir seu dinheiro em vão.¹⁵⁹

Quanto à situação do governador diante das circunstâncias, restava então contentar-se com a colaboração de amigos e expedicionários recrutados. Não eram ricos, mas contribuíram conforme permitiam suas condições:

*“(...) el dicho Pedro de Ursua (...) andaba en todo este tiempo por el Perú buscando gente y dineros (...). Y entre algunas personas amigos suyos, unas a mil y a dos mil pesos, con que se comenzó aunque trabajosamente con algunas deudas y falta de algunas cosas necesarias que le daban pena (...)”.*¹⁶⁰

Uma exceção era feita pelo caso de Inês de Atienza. Inês, viúva de um encomendero, acompanhou Ursua como sua concubina. Também ela ajudou Ursua e, a despeito de sua condição acima mencionada, acreditamos que sua colaboração tenha sido prestimosa. A respeito destas fontes de recursos, o próprio Javier Ortiz de la Tabla, na introdução da edição da crônica de Vázquez, informa: *“El cronista Zúñiga aportó tres caballos e 2.000 pesos; Almesto, Gáleas, Valladares y otros muchos gastaron toda su hacienda. La propia doña Inés, la amante de Ursua, vendió todos sus bienes”.*¹⁶¹

Graças a estas colaborações é que Ursua pôde, enfim, partir com sua expedição em busca da notícia que animava tantos aventureiros no Peru. Mas, à hora da partida, outro contratempo adia mais um pouco o início da jornada: é que as embarcações que foram construídas, cerca de 11 no total, ao serem lançadas na água, a maior parte se rompeu, de sorte que se aproveitaram somente três delas:

¹⁵⁹ Sobre este assunto, escreve González que, para estas expedições de descobrimento do El Dorado, *“muchos mercaderes y altas personalidades aportaban elevadas sumas de dinero a cambio de unos beneficios que ellos creían seguros.”* Cf. GONZÁLEZ, Elena Mampel. *Lope de Aguirre – crónicas (1559-1561)*. Ediciones Universidad de Barcelona, 1981.

¹⁶⁰ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 52.

¹⁶¹ LA TABLA, Javier Ortiz de. *“Introducción”...*, p. 25.

*“(...) la gente de la mar y oficiales que habemos dicho que [Ursua] dejó en el astillero hicieron once navíos grandes y pequeños (...). Todos estos navíos (...) se pudrieron, de suerte que al echarlos al río se quebraron los más dellos, que solamente quedaron dos bergantines y tres chatas, y éstos tan mal acondicionados, que al tiempo que los comenzaban a cargar, se abrían y quebraban todos dentro del agua, de manera que no las osaron echar casi carga (...)”.*¹⁶²

Por causa deste novo contratempo, no momento de partir, em função da redução no número de embarcações, a expedição deixou para trás muitos cavalos, gado, porcos, cabras, ovelhas (para alimentação e também para reprodução)¹⁶³, etc. O fato de não poderem transportar todos os animais e de ter que deixarem para trás seus pertences deixou tristes muitos soldados. Esta situação, aliada ao fato de serem obrigados a enfrentar um rio tão perigoso, segundo Alместo, acaba provocando uma reação negativa nos membros da expedição, e alguns manifestam a vontade de regressar ao Peru:

*“(...) nos echamos en el rio abajo, harto descontentos por dejar los caballos y mucha ropa y ganados, y otras cosas que por falta de barcos no se pudieron llevar, y con harto riesgo de nuestras vidas, porque el río es poderosísimo y los navíos que llevábamos eran quebrados y podridos, y también al tiempo de la partida hobo algunos motines, dejando aparte que se quisieron volver al Pirú (...).”*¹⁶⁴

Em Vázquez, a passagem é quase idêntica, embora este omita a referência aos animais que não puderam ser embarcados, além de o texto ser bem mais claro e direto:

¹⁶² ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 109.

¹⁶³ Segundo González, fazia parte das cláusulas referentes às expedições de descobrimento e colonização prover o novo continente de homens e também de animais, uma vez que, na época, ambos escasseavam naquelas partes. Cf. GONZÁLEZ, Elena Mampel. *Lope de Aguirre: crônicas (1559-1561)*. Ediciones Universidad de Barcelona, Editorial 7½ S. A., 1981., p. 3.

¹⁶⁴ ALMESTO, p. 110.

*“(...) y con harto riesgo de nuestras vidas por ser el río muy poderoso en demasía y los navíos que llevábamos estan quebrados y podridos y al tiempo de la partida hubo algunos motines, dejando aparte que se quisieron volver al Perú (...)”.*¹⁶⁵

Já em Zúñiga encontramos uma versão bem diferente no modo como os expedicionários enfrentaram a situação da falta de embarcações. Escreve este cronista que, exatamente como Alместo e Vázquez narraram, o fato de terem que deixar para trás animais para pasto e reprodução e cavalos, além de roupas, deixou os soldados muito tristes; mas que a esperança que nutriam em encontrar dentro de um mês uma terra tão rica foi o suficiente para consolá-los das perdas:

*“Ali era de ver la gran perdicion que quedó, y ver todos los soldados tan tristes y pesantes, en ver quedar sus caballos tan queridos y regalados, sus ganados, ropa y hacienda, que era gran lástima de verlo; y todo esto o recibian con buen ánimo, porquesperaban verse dentro de un mes, como decian las guias, en la mejor y más rica tierra del mundo”.*¹⁶⁶

Zúñiga não faz qualquer menção a uma reação negativa por parte da expedição, destacando, ao contrário de Alместo e Vázquez, a grande esperança que tinham os expedicionários em alcançar as províncias ricas em metais preciosos. Como Alместo baseou sua narrativa em grande parte na relação de Vázquez, optamos por, neste caso específico, consultar uma quarta versão, desta vez de Custodio Hernandez, apenas em função da necessidade de se ter, neste caso, uma quarta opinião.

A relação de Hernández tem uma estrutura diferente em relação às dos cronistas que elegemos, além do que é bastante sucinta, se compararmos com as de Alместo e Vázquez, por exemplo. Apesar disso, suas informações são úteis. Desta forma, Hernández não faz como os

¹⁶⁵ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 59.

¹⁶⁶ ZÚNIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 224.

primeiros, que relacionam, na mesma passagem, o momento da partida da expedição com a reação de alguns soldados diante do problema de terem que deixar seus pertences por falta de embarcações. Entretanto, este outro cronista alude a uma situação de tensão existente entre Alonso de Montoya – então alcaide do povoado de Santa Cruz, região próxima de onde foi construído o estaleiro, e Pedro de Ursua. Hernández relata, em um parágrafo anterior onde narra a partida da expedição — sem fazer relação, como aconteceu como os demais cronistas, entre uma situação e outra — que Alonso de Montoya queria desistir de embarcar na expedição. Com ele, outros também não estavam muito decididos a ir. Montoya e estas outras pessoas então retornam a Santa Cruz. Mas Ursua, forçando uma situação, mandou recrutá-los de volta. Como Montoya quisesse argumentar com Ursua e defender sua posição, Ursua prende a ele e os outros. No parágrafo seguinte, Hernández narra a partida.¹⁶⁷

Não obstante todas as dificuldades, Pedro de Ursua consegue partir com seu corpo expedicionário no dia 20 de setembro do ano de 1560. Sua determinação, conforme nossa leitura, mostrou ser superior às dificuldades, atitude coerente de quem desejava realmente assumir o comando da expedição na busca de Omagua e Dorado. Diante do que observamos nos relatos, Ursua demonstrou firmeza em sustentar seus objetivos, não obstante todas as dificuldades ou, dito de outra maneira, todas as impossibilidades que fariam muitos desistirem, conforme o depoimento de Gonzalo de Zúñiga. Mas até que ponto Pedro de Ursua poderia controlar o contra-desejo de alguns soldados? E até onde iria o seu poder de persuasão no intento de convencer a gente sob seu comando de que valia a pena sofrer todas as dificuldades? Que garantias poderia oferecer o governador de que o esforço, o sofrimento, a fome, as doenças seriam recompensadas com uma terra rica? No tópico seguinte, examinaremos a expedição já em viagem até a província ou povoado de Machifaro,

¹⁶⁷ HERNÁNDEZ, Custodio. Relación muy verdadera...In: JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 232. Consultamos também a relação Anônima, e esta apresenta um enredo bastante semelhante à de Hernández. Já em Monguía não há qualquer referência a este assunto. Cf. Relación Anônima. In: JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*

procurando perceber como a expectativa de encontrar as ricas províncias era experimentada desta vez in loco, ou seja, o momento em que o sonho cede lugar à realidade: chegava a hora do teste.

3.3.2. A hora de pôr à prova o testemunho dos “brasis”: da partida até Machifaro

Até o momento da partida, pudemos constatar que Ursua era um comandante leal ao Estado e enérgico na condução de sua expedição. Entretanto, ao longo da narrativa que aqui reconstituímos utilizando três versões, observaremos também uma “outra face” deste comandante, conforme se depreende dos relatos.

Assim, por exemplo, Pedrarias de Almesto narra que um dia após a partida, o único bergantim que levavam se rompe, e sua tripulação fica em perigo. Almesto informa que, ao invés de socorrê-los, Ursua prossegue até a província dos Caperuzos, onde havia enviado Lorenzo de Salduendo a buscar mantimentos. A tripulação consegue, com muito trabalho, alcançar Ursua em dois dias.

Tanto em Almesto quanto em Vázquez, o enredo é praticamente o mesmo, a não ser por um detalhe que gostaríamos de sublinhar. Assim encontramos em Almesto:

*“Otro día, por la mañana, dio el bergantín que llevábamos en un bajo y del golpe se le saltó un pedazo de quilla, y el Gobernador lo vido quedar en seco y no se detuvo a lo socorrer, antes caminó con el restante de la armada hasta que llegó a los Caperuzos (...).”*¹⁶⁸

E em Vázquez

¹⁶⁸ ALMESTO, Pedrarias. *Relación...*, p. 111.

*“Otro día por la mañana dio el bergantín que llevábamos en un bajo y del golpe se le saltó un pedazo de quilla, y aunque el gobernador le vio quedar en seco, no por eso se detuvo a hacerle sacar ni socorrerle, antes caminó con la restante de la gente hasta llegar a los Caperuzos (...)”.*¹⁶⁹

Percebemos que, neste caso, Vázquez é mais incisivo, e tece um julgamento da atitude de Pedro de Ursua, enquanto Almesto apenas se limita a narrar o sucedido. Talvez Vázquez esteja querendo sublinhar a negligência de Ursua, pois, como comandante da expedição e autoridade máxima, esperava-se que tomasse alguma atitude. Mais adiante, voltaremos a este assunto.

Prosseguindo a viagem, partindo da província dos Caperuzos, a armada passa pelas junções dos rios Motilones-Bracamonos e Motilones-Cocama, até encontrarem um rio que descrevem como um “rio grande”. Acreditam que seja o rio da Canela, por onde veio Orellana. Alcançando uma ilha que nomeiam de Ilha Garcia de Arce, Pedro de Ursua nomeia D. Juan de Vargas seu tenente geral e D. Fernando de Guzman seu alférez geral¹⁷⁰. Estaria Ursua imaginando que estavam próximos de Omagua e Dorado? É provável que sim, pois, um pouco antes, encontraram um rio grande, e confiaram que o mesmo era o rio da Canela. E o governador havia prometido antes que só distribuiria cargos quando chegasse à região que buscavam¹⁷¹. Um outro indício que aponta para esta hipótese é o fato de, nesta ilha, o governador ter enviado gente para ver se encontravam índios-guia e intérpretes.¹⁷²

Em Zúñiga, não encontramos referências à parada na província dos Caperuzos. Escreve o cronista que o primeiro povoado encontrado, após vinte dias que haviam partido do estaleiro, foi onde estava Garcia de Arce. De forma semelhante a Almesto e Vázquez, Zúñiga

¹⁶⁹ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 59-60.

¹⁷⁰ ALMESTO, Pedrarias. *Relación...*, p. 116. Em Vázquez, o trecho é idêntico. Cf. VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 64.

¹⁷¹ Esta informação é retirada de Zúñiga, o qual se expressa nos seguintes termos: “*Hobo algunos amigos suyos que muchas veces le dijeron y aconsejaron que repartiese cargos y hiciese capitanes y oficiales de su campo, lo cual no habia hasta entonces fecho, ni los pensaba hacer hasta descubrir la tierra (...)*”. Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 229.

¹⁷² ALMESTO, Pedrarias. *Relación...*, p. 115; VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 64.

faz uma descrição da ilha, sua localização, etc. Mas, no lugar de narrar, como os dois primeiros, que Ursua envia gente para ver se descobriam guias e intérpretes, Zúñiga dá mais detalhes. Para efeito de comparação, vejamos como se expressam os cronistas.

Almesto assim descreve: “*Desde aquí [na ilha de Garcia de Arce] envió el gobernador a descubrir y tomar algunas guías y lenguas, y no se halló ni tomó nada*”.¹⁷³ Depois da descrição da ilha, esta é a única referência da tentativa de reconhecimento ou exploração do lugar por parte de Ursua.

Entretanto, em Zúñiga encontramos a seguinte passagem:

“(...) y desde se lo preguntaba [o governador aos índios da ilha], decían que la tierra adentro, de una parte y de otra del rio, no habia poblado, ni ellos lo sabian, ni trataban con otros indios sino con los del rio, y que abajo habian gran tierra; y era por echarnos de sus pueblos. Envió el Gobernador á descubrir por un rio arriba al capitan Pedro Alonso, el cual no halló cosa ni noticia dello”.¹⁷⁴

Zúñiga, além de dar uma informação importante – os índios “indicam” a Pedro de Ursua onde estaria a terra pela qual buscava –, informa o nome do soldado enviado, o capitão Pedro Alonso. Zúñiga não destoa, no que se refere ao conteúdo e à estrutura, de modo geral, das narrativas de Almesto e Vázquez, mas acrescenta detalhes importantes ao tema aqui investigado, que é a busca das ricas províncias.

Gostaríamos de ressaltar, ainda, que Zúñiga informa que, antes de encontrarem a ilha, durante todo este tempo — vinte dias, equivalendo a cerca de trezentas léguas de despovoado — a expedição passou por grande necessidade de alimentos. Almesto informa também que há em todo o rio cerca de trezentas léguas de despovoado¹⁷⁵, de forma idêntica a Vázquez¹⁷⁶,

¹⁷³ Ibidem, ibidem.

¹⁷⁴ ZÚNIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 226.

¹⁷⁵ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 114.

¹⁷⁶ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 63.

embora os dois últimos tenham mencionado a parada na província dos Caperuzos. Para nós, é um dado importante, uma vez que a região pela qual procuravam deveria ser densamente povoada, segundo as informações que traziam.

Prosseguindo a narrativa, Almesto assinala uma outra parada: a armada encontra o povoado chamado Carari, nome pelo qual os expedicionários chamaram a toda a província; neste caso, a ilha Garcia de Arce pertenceria à Província de Carari.¹⁷⁷ Neste povoado, Ursua envia Pero Alfonso Gáleas para descobrir se na região adentro haveria caminhos ou população. Gáleas, indo por um estuário, encontra um grupo de índios que carregava *caçabi* (*beiju* ou pão de mandioca). Ao avistarem os espanhóis, os índios fogem, mas aqueles conseguem capturar uma índia, que lhes disse por sinais que a terra à qual ela pertencia estaria distante dali o equivalente a cinco dias de caminho.

O grupo leva a índia à presença de Ursua. Alguns expedicionários opinaram que deveriam investigar a terra da qual a índia falava. Entretanto, Ursua não aceitou a opinião, alegando que a principal notícia era Omagua, e para esta busca deveriam preservar as embarcações que possuíam e, uma vez que já estivessem comprometidas, seria bom não arriscar, para que depois não lhes faltasse transporte.¹⁷⁸

Zúñiga não menciona esta parada: em sua narrativa, descreve o momento em que chegam até onde está Garcia de Arce, e em seguida narra a parte em que a expedição enfrenta uma segunda região despovoada.¹⁷⁹ Este cronista salienta que esta situação difícil foi causada por causa dos índios intérpretes, os quais mentiam em suas informações:

“(....) dimos en un despoblado, sin saberlo ni entenderlo que lo habia, donde se pasó más hambre que en el primero, porque nos decian las lenguas, que traíamos del Pirú,

¹⁷⁷ ALMESTO, Pedrarias. *Relación...*, p. 116.

¹⁷⁸ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 117; VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 66.

¹⁷⁹ ZÚNIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 227.

*que no habia despoblado y que dentro de cinco dias que caminásemos agua abajo, llegaríamos á Omaqua, y asi nos lo venian diciendo más habia de veinte dias”.*¹⁸⁰

Almesto e Vázquez também mencionam o grande despovoado encontrado, após a passagem pela província ou povoado de Maricuri.¹⁸¹ Mas desta vez Almesto, de forma muito semelhante a Vázquez, e pela primeira vez, emite um juízo a respeito de Ursua. Opina o cronista que *“Hobo en esto gran descuido el Gobernador y en los que mandaban el campo, por no examinar cada día las lenguas y guías; así, a durar más el despoblado, no sé qué fuera de nosotros (...).”*¹⁸²

Há uma diferença sutil na relação de Vázquez, porém significativa: *“Fue ése un gran descuido del Gobernador y de los demás que mandaban en el campo, por no examinar cada día las lenguas y guías hubo este devenido, que a durar más el despoblado nos pudiéramos quedar burlados (...).”*¹⁸³

Mais direto, Vázquez deixa entrever o alcance das conseqüências da negligência do governador: poderiam ficar mais tempo perdidos, enganados, e passando mais e mais necessidade. Mas estaria Ursua sendo negligente? Por um lado sim, por não se certificar com os guias para onde estavam indo. Mas Ursua, ao que parece, prossegue obstinado em sua busca, apesar de todos os percalços. A diferença que notamos entre Zúñiga e os dois últimos é que o primeiro culpa os índios pelo fato de estarem praticamente perdidos, enquanto os dois apontam a negligência de Ursua como a causa de terem enfrentado aquela situação desnecessariamente.

Notemos um tema recorrente nos cronistas: com freqüência, eles mencionam as regiões despovoadas, inclusive Zúñiga, que, dos três, é o mais sucinto; apesar disto, o tema tampouco lhe escapa. Acreditamos que a recorrência e o registro, nos relatos, desta realidade

¹⁸⁰ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 227.

¹⁸¹ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 118.

¹⁸² Ibidem.

¹⁸³ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 67.

geográfica que experimentavam se deva ao fato de que, conforme tinham conhecimento, Omagua e Dorado seriam uma região densamente povoada. Sendo assim, como e por que encontravam tantos lugares desabitados? Isto nos leva a crer na grande probabilidade de que, diante destes vazios demográficos encontrados, a armada, e talvez mesmo até Ursua, começasse a desconfiar de que ou estavam no caminho errado ou a província não existia.

Após ultrapassarem toda esta região desabitada, o que durou cerca de nove dias, chegam até Machifaro, “província” da qual Orellana havia falado quando esteve em Espanha. Mas, ao encontrarem a região, ela não se parecia em nada com a que descrevia Orellana:

“Caminamos por este segundo despoblado nueve dias, fasta la província de Machifaro, de la cual dijo Orellana grandes cosas quando fue á España; (...). Y un español, de los que con él bajaron de Pirú, venia con nosotros, é dijo que aquella era la provincia que Orellana habia visto, y que le parecia quando por allí pasaron muy grande, y asi les salió á dar guerra, y como iban pocos y temerosos y no osaban tomar tierra y caminaban dia y noche y veian muchas candelas, pareciales que todas las candelas¹⁸⁴ y montes eran indios, y que habiendo indios, habia riqueza, y á esta causa llevaron tan gran noticia del dicho rio”.¹⁸⁵

Do trecho acima, achamos interessante destacar a prova do equívoco de Orellana e de seus companheiros de jornada: a expedição põe à prova o testemunho deixado por ele, e inclusive o de um de seus homens, que encontrava-se nesta jornada: na realidade, o que haviam descrito em Espanha era fruto de suposições, e não correspondia à realidade que ali, no presente, era experimentada. Deste modo, a expedição de Orellana confundiu “candelas”, isto é, luzes, com índios, concluindo apressadamente que a região devia ser densamente habitada. E como região bastante habitada combinava com riquezas...Entretanto, Machifaro é “mal povoada” em suas 200 léguas, concluem os expedicionários, e seus índios não tinham

¹⁸⁴ Por “candela”, entende-se luz de vela ou de candelabro. Cf. Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana / Joan Corominas. Madrid, Espana: Editorial Gredos, S. A., segunda edición, 1967, p. 125.

¹⁸⁵ Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 228.

ouro ou prata. E, à semelhança dos habitantes do primeiro povoado encontrado, os índios de Machifaro informaram que a “terra” pela qual procuravam estava “abaixo”: “(...) *preguntóles el Gobernador por la noticia que llevábamos, y dijeron como los de arriba, que abajo estaba, que fuésemos allá*”. *Envío a descubrir al capitan Sancho Pizarro la tierra adentro, el cual no halló cosa buena (...)*”¹⁸⁶

Segundo Zúñiga, Ursua, percebendo que a “notícia” de Omagua e El Dorado era incerta, o seu comportamento muda: tornou-se triste, reservado e negligente em suas funções de governador. Com isto, atraiu a antipatia de boa parte de seus soldados. Alguns amigos seus o aconselharam que distribuísse cargos e fizesse uma guarda pessoal, uma vez que não estava agradando a alguns soldados. Zúñiga faz aqui uma ressalva: lembra que a soldadesca era “gente do Peru”, e que os amigos de Ursua só tencionavam prevenir-lhe quanto a um possível motim, já que estavam praticamente perdidos. Ou seja: àquela altura, o fato de estarem perdidos, pois não encontravam a região esperada, poderia resultar em uma perigosa reação – que foi em realidade o que aconteceu, pois, em Machifaro, Ursua foi executado.

Mas, antes de concluirmos este tópico, observamos o que dizem Vázquez e Almesto. Já mencionamos o fato de que, segundo Zúñiga, Ursua fica desanimado ao constatar/perceber que a notícia pela qual buscavam era “incerta”, seja porque os guias não mostravam o caminho certo, seja porque não havia nenhuma região rica. Mas em Vázquez encontramos uma versão diferente. Segundo este cronista, não é Ursua quem começa a desconfiar de que estavam sendo enganados, mas sim o corpo expedicionário:

“Aquí [em Machifaro] pareció a la mayor parte del campo que las guías que llevábamos (que eran ciertos indios brasiles de los que arriba hemos dicho) habían dado falsa relación y mentían en toda la noticia que nos habían dado, porque habíamos andado por el río casi 700 leguas sin ver cosas de las que nos habían dicho,

¹⁸⁶ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 228.

*y asimismo iba con nosotros uno de los soldados que habían bajado por el dicho río con el capitán Orellana el cual no conocía la tierra y desatinaba la gente de la armada y la mayor parte della desconfiaban de la noticia teniendo por burla la jornada, y deseaban volver al Perú y decían que no había más que buscar; lo cual entendido por el gobernador dijo que no pensase nadie tal, que los que entonces eran muchachos se habían de envejecer buscando la tierra (...).*¹⁸⁷

O trecho, praticamente idêntico, também pode ser encontrado em Alместo.¹⁸⁸ Aqui, completamente diferente de Zúñiga, é o corpo expedicionário quem desconfia que a notícia era mentirosa. É possível que também Ursua estivesse desconfiado de que havia algo errado. No entanto, demonstrar isto de alguma forma poderia ser perigoso, visto estarem ali presentes tantos homens potencialmente perigosos; ou talvez Ursua tivesse receio de admitir até para si mesmo de que poderia estar fracassando; porém, são apenas especulações que levantamos com os dados de que dispomos. Mas o fato, narrado por Vázquez e Alместo, de ele ter se utilizado de sua autoridade para coagi-los a continuar buscando a terra até envelhecer demonstra que, ao menos ele, parecia não ter desistido. Ursua devia estar a par de tantos outros exploradores que, contemporâneos a ele, haviam se arriscado terras adentro à procura da região, e haviam fracassado.¹⁸⁹ Ele devia saber, portanto, que não poderiam encontrá-la facilmente.

Um outro fator que auxilia na compreensão da atitude de Ursua deve-se à noção de honra. Ora, na passagem do texto de Vázquez, Ursua sentenciava que “*los que entonces eran muchachos se habían de envejecer buscando la tierra*”. Neste pequeno trecho, encontramos

¹⁸⁷ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 71-72.

¹⁸⁸ “*Aquí pareció a la mayor parte de la gente del campo que las guías que traíamos, que eran ciertos indios brasiles de los que por ese río salieron a Pirú, según se había dicho, habían dado falsa relación y mentían en toda la noticia que nos habían dado: fuimos por el río casi setecientas leguas, sin que viésemos cosa de las que nos habían dicho; y asimismo iba con nosotros un español de los que habían bajado por el río con el capitán Orellana, el cual no conocía la tierra, y desatinaba, y así, la gente comenzó a desconfiar de la noticia, teniéndola por burla, y deseaban volver al Pirú, que decían que no había más que buscar; lo cual, entendido por el Gobernador, dicen que dijo que no pensase nadie tal, que los que entonces eran muchachos habían de envejecer buscando la tierra (...).*” Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 122.

¹⁸⁹ A este respeito, consultar, por exemplo: FAUCHER, Manoel. *Aguirre o la fiebre de la independencia...*

pelo menos duas referências à noção de honra: a apelação de Ursua, instigando aqueles que eram “muchachos” a continuarem procurando pela terra, e, como continuação desta apelação, a ênfase no “envelhecer buscando”: ou seja, todos aqueles que eram homens honrados manteriam sua palavra, pois esta é mais valiosa que a própria vida¹⁹⁰: trata-se da “honra-palabra dada”, uma das variantes da tipologia desenvolvida por Elsa Barría.

Segundo esta pesquisadora, “*una característica marcante de todo caballero que se precie de tal es el cumplimiento de la palabra dada (...)*”.¹⁹¹ Pedro de Ursua, segundo a literata, é o único homem de linhagem identificado como tal na expedição, de acordo com a relação de Vázquez¹⁹², identificação esta feita, aliás, pelo próprio cronista¹⁹³. Quanto aos demais espanhóis que formavam a expedição, estes não possuíam nenhum elemento comum com a nobreza; aliás, muitos deles, pelo fato de, devido à sua condição, terem que dedicar-se a “ofícios baixos”, eram considerados “desonrados”:

*“Aquéllos que ejercían algún trabajo manual (él o sus ascendientes) eran excluidos, porque era considerado un tipo de actividade que envilecia. Cualquier oficio efectuado con las manos, como el de pintor, orfebre, sastre, escribano, sirviente, prestamista y/o tabernero, entre otros, era considerado oficio infame, de baja suerte, de poco valer, y, quienes lo ejercían, quedaban destituidos del honor.”*¹⁹⁴

Portanto, compreende-se melhor a atitude de Pedro de Ursua quando se leva em consideração seu *status quo* – era cavaleiro, segundo Vázquez – e sua palavra dada – diga-se

¹⁹⁰ Zúñiga, em uma de suas passagens, faz menção explícita a esta condição, conforme veremos mais adiante.

¹⁹¹ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, p. 223.

¹⁹² A relação de Vázquez constitui, aliás, uma das fontes de pesquisa da autora.

¹⁹³ “Vázquez reconoce el linaje de Ursúa cuando lo describe como: “...natural navarro, y muy caballero, hijo del señor de la casa de Ursua, hombre de grande habilidade y experiencia en los descubrimientos”. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, p. 200. González, por sua vez, esclarece: “la conquista e colonización de las Indias fue llevada a cabo por hombres pertenecientes en su mayoría a las clases humildes. Rufino Blanco, en su obra especifica que entre los primeros conquistadores no había un solo hombre ilustre añadiendo (...). Es decir, gente proveniente de los estratos con menor poder social y económico: soldados, plebeyos, segundones, gente desarraigada de su tierra; en resumen, hombres que nada perdían con su partida porque nada tenían que perder.” Cf. GONZÁLEZ, Elena Mampel. Lope de Aguirre..., p. 2.

¹⁹⁴ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, p. 208.

de passagem, ao próprio vice-rei: era preferível e, coerente com a sua posição, morrer a desistir.

Em uma pequena passagem de sua relação, também o cronista Gonzalo de Zúñiga faz parecer que todos estavam imbuídos desta ideologia nobiliárquica. No entanto, a composição da expedição era formada por espanhóis, mestiços e índios. Os espanhóis, ao contrário do que se possa pensar apressadamente, não formavam um grupo homogêneo: a prova está na própria condição social que separava, por exemplo, um Pedro de Ursua, homem de linhagem, como vimos, dos envolvidos no delito de traição¹⁹⁵, os quais, pela sua própria posição na pirâmide social, não portavam, em seu universo, aquele apego à noção de honra.

Por outro lado, Zúñiga pode estar remetendo-se àquela nova situação advinda com a conquista, onde vários elementos humanos haviam adquirido ou reivindicado para si este status quo, antes restrito somente ao alto escalão da sociedade hispânica. Ocorre que, como já vimos, dentre os espanhóis que faziam parte do contingente que migrou para as Índias, pouquíssimos eram nobres. Por outro lado, se a grande maioria era formada por fidalgos, segundões, trabalhadores manuais, etc., nem por isso consideraram-se inferiores¹⁹⁶, de sorte que, conforme atesta Elsa Barria, “*cualquier colono que formaba parte de una expedición, que soñaba con participar de una gran hazaña, ya se consideraba un hidalgo y actuaba como tal*”, e com tal convencimento que imitava gestos cavaleirescos e até utilizava-se de símbolos exteriores que o identificassem, como é o caso das armas e do cavalo.¹⁹⁷

Porém, conforme bem define Elsa Barria, a honra não está relacionada somente a sinais exteriores de reconhecimento; antes, ela é também um sentimento individual que gera uma expectativa a um só tempo individual e social. Individual, porque produz uma

¹⁹⁵ Definiremos este conceito mais adiante, quando tratarmos de Lope de Aguirre.

¹⁹⁶ Sobre a noção de superioridade do espanhol dos séculos XVI-XVII, consultar: ELLIOTT, John. *España y su imperio en los siglos y XVI y XVII*. In: El Mundo Americano, s.n.t.

¹⁹⁷ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, p. 204.

“perturbação íntima” no sentido de se seguir determinada orientação social, já que vem do exterior o reconhecimento da existência do sentimento.

Já mencionamos aqui um exemplo de homem honrado, que é o caso de Ursua, aliás exemplo eleito primeiramente por Elsa Barría. E, para ilustrar o exemplo antitético de homem honrado, Elsa Barría utiliza-se de Lope de Aguirre. Aguirre, embora reclame para si uma condição nobre, pelo fato de ser “cristão velho” e, portanto, limpo de sangue mouro ou judeu¹⁹⁸, sua atitude, aquilo que o move é a antítese da honra, a traição. É claro que sua “causa” vai muito além de um sentimento ou de um *ethos*; mas o que queremos assinalar aqui é que, em suas ações, Aguirre em nenhum momento demonstrou pertencer àquele estrato social cuja honra define as relações de conduta; antes, revelou identificar-se com os “desonrados”, os excluídos socialmente, deserdados da conquista e, portanto, livres para agir conforme seu sentimento.

Não esqueçamos que Pedro de Ursua foi morto – isto é um fato. Poderia ele também aliar-se àqueles outros soldados, abandonando a idéia fixa de Omagua/Dorado e entregar-se à conquista do Peru, tomando-o da administração espanhola. Mas o sentimento de pertença a um grupo cuja honra regula as relações sociais falou mais alto: Ursua, por ser quem era, morreu pela honra; Aguirre, do mesmo modo, pela traição.

Para além da honra, e ao mesmo tempo complementando esta noção, tem-se o ideal de serviço de Deus e de Sua Majestade. Segundo Auxiliomar Ugarte¹⁹⁹, e baseando-se nos indícios presentes nas crônicas de Vázquez e Almesto, o serviço de Deus e de Sua Majestade correspondia a uma norma moral que deveria regular os atos dos súditos de Sua Majestade nas Índias Ocidentais. Uma norma de conduta, tal qual o era a honra. A diferença entre elas reside, *ao menos aparentemente*, na condição de seu portador: enquanto a honra fazia parte do universo ético de todo aquele que fosse *caballero*, o ideal de serviço, que passou a existir

¹⁹⁸ Ibidem, p. 206.

¹⁹⁹ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 64-65.

como necessidade em função da conquista e da migração de súditos da Coroa Espanhola para o novo continente²⁰⁰ atingia a todos os súditos da Coroa de Castela, fossem ou não nobres. Por várias vezes, os cronistas referem-se à noção de serviço, e a traição como oposição a esta noção que, segundo Ugarte, correspondia a uma norma suprema de cunho ético, cuja desobediência era considerada crime, e tratada como tal.

Para este historiador, foi inclusive com o propósito de afastar de si as suspeitas de traição à monarquia hispânica que os cronistas devem ser redigido seus testemunhos, entre outros motivos: uma prova de que temiam amplamente a acusação de terem sido cúmplices na rebelião, e, portanto, traidores, e desonrados.

Segundo Elsa Barría, a traição era considerada, em Espanha do século XVI, um delito grave, tanto que as penalidades para o infrator iam desde a sentença de morte e o posterior esquartejamento até a difamação, sua e de seus descendentes. Conforme previsto nas Partidas, os filhos varões ficariam condenados à miséria por toda a vida, muito embora as filhas recebessem punição menos severa.²⁰¹ Além disso, as propriedades que pertencessem ao traidor passariam aos cofres reais, e as terras por ele ocupadas deveriam ser semeadas com sal.²⁰²

Por estas razões expostas, concluímos que, de acordo com os padrões da época, e baseados nas relações que aqui utilizamos, Pedro de Ursua não desistira da busca de Omagua e Dorado, entre outras razões, porque temia ser imputado como traidor, ser desonrado e ter seu nome difamado. Como todo cavaleiro de seu tempo, buscava não só o ouro, mas a fama, a honra e a glória; optara, então, por morrer defendendo estes ideais, para ele mais importantes que sua própria vida, como bem colocara Zúñiga.

²⁰⁰ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 65.

²⁰¹ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales...*, p. 245.

²⁰² Idem.

Já aludimos anteriormente que Ursua foi executado em Machifaro, e que foi nesta província que começaram a tramar o plano que iria resultar em sua execução. Também já havíamos mencionado que Ursua, após a partida, havia mudado em seu comportamento. A respeito desta mudança, o cronista Francisco Vázquez comenta que a conduta do governador estava sendo reprovada pela maior parte da tropa: muitos expedicionários se queixavam de que ele havia mudado, e culpavam Inês por esta mudança. Diziam eles que Inês o havia enfeitiçado e que, portanto, por causa dela, o general ia esquecido de suas responsabilidades como comandante de uma expedição de descobrimento.

Entretanto, de acordo com o nosso entendimento, o que houve foi um desencontro de objetivos: enquanto que, aparentemente, Ursua desejava encontrar e conquistar Omagua e Dorado, mesmo que para isso tivesse que envelhecer buscando, uma parte dos soldados — diga-se de passagem, os mais perigosos, envolvidos em motins, procurados por traições, etc.— gostaria mesmo é de participar de um levante sobre o vice-reinado do Peru. Entre outras coisas, este desencontro de objetivos parece ter ocasionado a execução de Pedro de Ursua. Os soldados, vendo que Ursua não planejava nenhum levante, e nem os deixava livres para agir como bem entendessem, concluíram que o melhor a fazer era eliminar quem lhes era inconveniente. Para nós, a morte de Pedro de Ursua demonstrou o empenho deste em manter sua palavra e de manter-se fiel e leal ao seu objetivo, conforme já expusemos.

Agora vejamos como os cronistas interpretaram e descreveram estes acontecimentos. Ainda segundo Vázquez, alguns soldados presentes, ou porque desejavam voltar ao Peru; ou porque haviam se alistado nesta jornada acreditando que ela seria na verdade um pretexto para um motim; ou porque vinham nela fugindo por causa de delitos e traições, aproveitaram o ambiente de descontentamento geral para com o governador para pôr um plano em execução: regressar ao Peru. Para isto, convenceram Fernando de Guzman, porque era cavaleiro e estimado por todos, a participar de seu plano. A idéia inicial era apoderarem-se de muitas

armas e tomarem canoas e navios para regressarem; mas Lope de Aguirre e Lorenzo de Salduendo opinaram que melhor seria se matassem Ursua. Com esta segunda alternativa todos foram de acordo, concluindo que, desta forma, poderiam buscar a terra e povoá-la, tendo Guzman como general e líder:

“(...) procuraron juntar de su bando cincuenta o sesenta amigos que fuesen de su opinión, y una noche con las más armas que pudiesen haber alzarse con los navíos y canoas y volverse a la mar, y desde allí irse al Perú; pero el tirano Lope de Aguirre y un Lorenzo de Salduendo, fueron de parecer que mejor era matar al gobernador y alzarse con todo, y así fueron todos deste parecer, y que siendo el D. Fernando general y cabeza, podrían buscar la tierra y poblarla que en eso se hacía servicio a Su Majestad, y por el gran descuido que el gobernador llevaba en el descubrimiento, poniendo otras cosas por delante, le habían muerto, y con esto entendían los traidores salvarse y así quedó acordado entre ellos”.²⁰³

Em Almesto, o mesmo trecho apresenta algumas diferenças:

“(...) intentaron juntar cincuenta o sesenta amigos de su opinión, y una noche, con las más armas que pudiesen haber, alzarse con los navíos y salirse a la mar, y de allí al Pirú; mas Lope de Aguirre y un Lorenzo Çalduendo fueron de parecer que mejor era matar al Gobernador y alzarse con todo, y así lo acordaron y determinaron; y que siendo el D. Fernando general y cabeza, podrían buscar la tierra y poblarla, y que esto sería antes hacer servicio al Rey por el gran descuido que el Gobernador llevaba en el descubrimiento, que no ir contra el servicio real, y esto todo lo hacían al fin que el D. Hernando, como hombre que era en obligación al Gobernador, no les mallase y diese parte del negocio al Gobernador; y ansí le aseguraban para entender dél lo que decía; pero no para que poblasen, sino huirse o matar al Gobernador (...).”²⁰⁴

²⁰³ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 74.

²⁰⁴ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 124.

Como vimos, além de não qualificar Aguirre, como o faz Vázquez quando o identifica como “tirano”, Almesto esclarece detalhes que levam à compreensão de todo o plano dos amotinados. Não queriam estes – como à primeira vista se compreende do relato de Vázquez – encontrar a terra e povoá-la; na realidade, este foi apenas um pretexto para que Guzman, que era alférez geral e, além disso, amigo de Ursua, não os delatasse. Na realidade, o grupo dissidente desejava fugir – e, entre estes, alguns também, como Aguirre e Salduendo, quiseram, além disso, matar o governador, porque este representava um estorvo.

Entretanto, com a morte de Ursua, a busca pelas províncias continuava, ainda que somente na intenção de alguns. Apesar de, após a morte do governador, o movimento rebelde ter iniciado, este não era unânime em seus propósitos e, de certa forma, confuso, posto que, se à primeira vista, todos quisessem abandonar as buscas, em outro momento arrependem-se e voltam atrás, como veremos no tópico a seguir.

3.3.3. De Machifaro ao Atlântico: o fim das buscas a Omagua e Dorado e o novo objetivo da expedição

Ainda em Machifaro, de acordo com Francisco Vázquez, os “traidores” formam uma junta. E, conforme havíamos ressaltado no tópico anterior, os novos planos não eram unanimidade entre os membros da facção rebelde. Inclusive Vázquez informa que, ao que parece, a “junta” formada decidiu retomar a busca da província: *“Fueron de acuerdo y parecer que se debía buscar la tierra y noticia que Pedro de Ursua traía, y que la debían poblar, y que por este servicio Su Majestad perdonaría a los matadores del gobernador (...).”*²⁰⁵

Notemos o raciocínio desta parcela do grupo: a fim de se livrarem da acusação de um crime, da qual sabiam que não escapariam, eles tentaram remediar a situação: como eram

²⁰⁵ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 82. O mesmo conteúdo podemos encontrar na relação de Almesto, pág. 132.

muitos, caso conseguissem provar, mediante posteriores testemunhos, que Ursua é quem era o traidor, pois estava negligente no que se refere ao serviço prestado a Deus e à Sua Majestade, talvez conseguissem escapar da pena de morte e das subseqüentes penalidades previstas para este tipo de delito. Além do que, caso encontrassem regiões ricas, as circunstâncias poderiam ser mais favoráveis a eles, e poderiam tornar-se ricos e respeitados. Deste modo, a fim de que pudessem se ver livres da culpa pelo crime, que era o objetivo mais imediato naquele momento, os membros da nova facção formada resolvem formalizar a decisão. Deste modo, e a fim de terem como argumentar em sua defesa, redigem um documento contendo todas as informações referentes aos motivos que os levaram à execução do governador.

Após o documento ficar pronto, os “principais”²⁰⁶ do campo deveriam assinar seus nomes. O primeiro a assiná-lo foi, conforme Vázquez, Fernando de Guzman. Em seguida, foi a vez de Lope de Aguirre. Mas Aguirre, após a assinatura, pôs ao lado a palavra “traidor”, e manifesta a todos que não está de acordo com a decisão tomada, pois não acredita que possam salvar-se daquela situação, e argumenta que, mesmo que achassem a terra, seriam inevitavelmente condenados²⁰⁷. Sendo assim, a melhor opção seria o Peru. Mas Juan Alonso de la Bandera²⁰⁸, capitão de guarda²⁰⁹ e um dos implicados no movimento, discorda de Aguirre, alegando que matar o governador não havia sido traição, mas sim serviço ao rei. Por causa desta tensão, estabelece-se uma rivalidade entre Juan Alonso de la Bandera e Lope de Aguirre, revelando a existência de duas facções no grupo dos amotinados, rivalidade que tem fim com a execução de Juan Alonso de la Bandera²¹⁰ por Lope de Aguirre. Ou seja, a busca

²⁰⁶ Isto é, as pessoas que possuíam os cargos mais proeminentes.

²⁰⁷ Notemos que Lope de Aguirre, apesar de ser domador de cavalos, é um homem bem informado a respeito da jurisdição espanhola de sua época, a despeito de sua condição social.

²⁰⁸ Juan Alonso de la Bandera é um dos nomes citados por Vázquez envolvidos no movimento rebelde; porém, como já havíamos salientado, como o movimento não é unânime, Bandera fazia parte do subgrupo que pretendia buscar Omagua para povoá-la e, desse modo, prestar serviço à Sua Majestade. Cf. VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 82.

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 81.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 83.

pelas terras de Omagua e Dorado não era o objetivo de Aguirre e de seus aliados²¹¹, revelando um desprezo destes soldados ao ideal de serviço à Sua Majestade, ideal este que, conforme vimos, conduzia em boa parte as atitudes de Pedro de Ursua.

Gostaríamos de ressaltar aqui algumas informações sobre como esta rivalidade citada em Vázquez entre Juan Alonso de la Bandera, que desejava seguir a busca pelas terras, e Lope de Aguirre resultou na morte daquele. De acordo com Almesto, cerca de cinco ou seis dias após a morte do governador, a armada encontra uma localidade que Almesto denomina “Povoado dos Bergantins” — um povoado localizado ainda na província de Machifaro, onde haviam encontrado boa madeira para construir navios. Ali, Dom Fernando nomeou Juan Alonso de la Bandera tenente geral. Com esta nomeação, Juan Alonso de la Bandera revezava o comando da expedição com Lope de Aguirre, que era mestre de campo. Entretanto, por causa desta rivalidade, causada primeiramente pelo desacordo no que se refere aos novos objetivos da expedição, agravada agora pela importância de que se revestiam seus cargos, a inimizade entre os dois, bem como entre seus respectivos “bandos” chega a tal ponto que D. Fernando interfere, retirando o cargo de mestre de campo de Lope de Aguirre para dá-lo a Juan Alonso de la Bandera, uma vez que este exercia maior influência sobre Fernando de Guzman, ficando Aguirre com o cargo de Capitão de Cavalos, conforme nos informa Pedrarias de Almesto.²¹² Mas a soberba decorrente do acúmulo de cargos tão importantes cresce em Juan Alonso de la Bandera a tal ponto que este desejava também ser general e, para isso, estava disposto a matar D. Fernando. Por esta razão, Aguirre, juntando-se com Lorenzo de Salduendo, o qual também era inimigo de Bandera, planeja e executa o assassinato do atual tenente geral e mestre de campo.

²¹¹ De acordo com Ugarte, “o capitão Altamirano relata que sete dias antes da expedição partir, o governador Pedro de Ursua foi questionado por alguns soldados, dentre eles Lope de Aguirre, sobre a validade do empreendimento, pois, para eles, não havia lugar onde houvesse mais prata e ouro que no Reino do Peru, onde estavam e sem muito trabalho”. Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visa dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado, p. 22.

²¹² ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 135.

Vale ressaltar que estas informações dadas por Almesto foram baseadas no que ele ouviu dizer, pois ressalta que não sabe ao certo se foi realmente desta forma que as coisas ocorreram²¹³. Seja como for, estas informações prestadas por Almesto dão sentido à versão apresentada por Vázquez de como se estabeleceu esta inimizade, pois, se em Vázquez percebemos uma maior preocupação em denegrir ao máximo Lope de Aguirre, com Almesto temos a possibilidade de examinar uma versão mais detalhada e, se aqui cabe, um pouco mais neutra, no sentido de que Almesto aponta outros “vilões”, além de Lope de Aguirre. Neste sentido é que Almesto contribui para uma maior compreensão dos conflitos entre os líderes do movimento.

De sua parte, Gonzalo de Zúñiga nos dá informações ausentes nas outras duas relações, enriquecendo ainda mais o assunto ora tratado. Assim, de acordo com Zúñiga, após a morte do governador, quem vinha exercendo o comando sobre a expedição, na prática, era Lope de Aguirre, e esta liderança acaba despertando o sentimento de inveja em Juan Alonso de la Bandera. Movido por este sentimento, Bandera, que na ocasião já era “segunda persona”, ou seja, tenente geral, pede a Fernando de Guzman que retire o cargo de mestre de campo de Aguirre para dá-lo a ele, uma vez que Aguirre vinha assustando a todos com suas crueldades, e assim foi feito.

Aguirre, pelo fato de não poder mais exercer a liderança como desejava por ter Guzman retirado o seu cargo de mestre de campo, aproxima-se de Gonzalo Duarte e Lorenzo de Salduendo, a fim de se vingar de Juan Alonso de la Bandera. Juntos, os três dizem a D. Fernando que Juan Alonso de la Bandera havia planejado matá-lo para ficar com o seu cargo de general. Zúñiga sustenta que este plano era na verdade uma mentira inventada pelos três. Na verdade, o que eles buscavam era uma autorização para matarem Juan Alonso de la

²¹³ Ibidem, p. 136.

Bandera mediante uma justificativa plausível apresentada. Desta forma, Aguirre, com muitos soldados, executa o mestre de campo.

Com a execução deste soldado, que representava a facção contrária à liderada por Lope de Aguirre, percebemos que, ao menos até o momento, a busca pelas terras de Omagua e Dorado não era um objetivo apreciado pelo grupo rebelde. Na realidade, como já havíamos ressaltado no início deste capítulo, os amotinados perseguiram um dos objetivos da expedição, que era a organização de um levante sobre o Peru. Neste sentido, em meio à frustração de não se ter alcançado a tal região ou mesmo qualquer outra que valesse a pena explorar²¹⁴, a expedição ia mudando de feição, e aquele primeiro objetivo deixava de existir juntamente com a eliminação de Pedro de Ursua e, agora, de Juan Alonso de la Bandera, cedendo lugar à rebelião que naquele momento ia tomando corpo e forma na liderança pessoal de Lope de Aguirre.

Nos relatos, principalmente nos de Vázquez e Alместo, o novo objetivo da expedição torna-se oficial com o discurso de Guzman, por conselho de Lope de Aguirre. Em seu pronunciamento, Guzman simula sua eleição como novo general da expedição, a fim de “legalizar” a sua situação junto aos demais membros, e propõe que aqueles que desejassem de sua livre vontade colaborar e participar da “guerra do Peru”, isto é, da conquista do Peru às autoridades espanholas, que assinassem um documento, comprometendo-se a obedecer ao general e às demais autoridades da expedição; por outro lado, pede também que aqueles que não quisessem participar do movimento e que quisessem buscar a terra para povoá-la, que se manifestassem, pois ele os deixaria livres para agir. Mas soldados já manipulados por Aguirre expressam opinião favorável a Guzman e à “guerra do Peru”, isto é, que estavam dispostos a

²¹⁴ Percebemos, durante a leitura dos relatos, e “nas entrelinhas”, que o grupo rebelde poderia desistir do levante caso encontrassem uma região rica para ser explorada, fosse ela ou não a região de Omagua e Dorado, pois a descoberta de uma região potencialmente rica em metais e/ou especiarias compensaria assim os esforços daqueles homens que, como no caso de Lope de Aguirre, já vinham amargando frustrações há algum tempo por não poderem desfrutar de uma vida mais abastada. Prova disto são os pedidos destes homens a Pedro de Ursua para explorar algumas regiões que encontravam — no que tiveram seus pedidos negados.

ir conquistar o Peru, salvo poucas exceções, que não se expressaram. A partir dali, o novo objetivo declarado — ainda que não fizesse parte dos planos da maioria ou não tivesse sido assimilado pelos demais membros²¹⁵ — passaria a conduzir os rumos da expedição.

Como desdobramento do movimento rebelde, Guzman é “eleito” Príncipe do Peru para ser coroado ao chegarem ao vice-reinado. Desta forma, após uma estada de três meses no Povoado dos Bergantins, a armada parte dali com o propósito de “tiranizar o Peru”; nestes termos, ao menos aparentemente, a busca pelas terras de Omagua e Dorado chegava ao seu término.

Entretanto, apesar do novo objetivo declarado, ele não é unânime. No início deste capítulo, já havíamos mencionado que a expedição teve mais de um objetivo: um, oficial, que era buscar Omagua e Dorado, mas também outro, como retirar alguns soldados do Peru que “ameaçavam a ordem”. Para estes, a expedição se transformara na possibilidade de alcançarem aquilo que há tempos muitos já haviam tentado sem sucesso: tomar o Peru das autoridades espanholas. Entretanto, muitos ali receavam compactuar com a rebelião temendo uma provável condenação por parte da monarquia espanhola. Para estes, muito embora Omagua e Dorado não fossem encontradas, seu dever era um só: terminar seus dias procurando a terra, como já havia dito Pedro de Ursua, pois mais valia morrer pela honra — ou seja, pelo ideal do serviço de Deus e de Sua Majestade — do que perdê-la. E é exatamente isto o que alguns iriam procurar, conforme veremos adiante.

Assim, saindo do Povoado dos Bergantins, a armada encontra um outro povoado. Saindo dele, de acordo com Francisco Vázquez, entram em um braço de rio do lado da margem esquerda. De acordo com o cronista, ocorre uma mudança no que se refere ao sentido

²¹⁵ Com este comentário, estamos fazendo uma tentativa de traduzir o que se passava naquele momento. Uma vez que a morte do governador, que representava autoridade máxima na expedição, era recente, entendemos que talvez os expedicionários ainda estivessem assimilando a situação em que se encontravam: estavam sem um comandante oficial, perdidos em uma terra desconhecida e, para piorar, sendo arrastados para participarem de um levante que começava a se formar. Sendo assim, é muito provável que muitos ali ainda não soubessem direito o que seria mais sensato fazer dali em diante.

da navegação: até ali, a armada sempre buscou ir margeando a terra firme da mão direita; agora, Lope de Aguirre e seus aliados a evitavam, a fim de não correrem o risco de encontrarem “*tierra buena*”:

*“Partidos deste pueblo de los bergantines, fueron aquel día a outro pueblo desta misma provincia, y desde allí fue la armada por un brazo del río, que va sobre mano izquierda desvianos a la tierra firme de mano derecha, que siempre habíamos costeadado; esto por apartarnos de la noticia y población de Amagua, que según teníamos por relación estaba en la tierra firme de mano derecha, y esto hicieron el tirano Lope de Aguirre y otros de su opinión, pareciéndoles que si acaso tomásemos tierra buena que nos diese deseo de poblar, estorbaríamos su mala pretensión y propósito.”*²¹⁶

Portanto, podemos concluir que, não obstante não terem encontrado nenhum vestígio de Omagua e Dorado até ali, os amotinados, nomeadamente Lope de Aguirre e seus aliados, temiam encontrar “*terra buena*”; assim, se admitirmos que estes homens tinham receio de encontrar a região, mesmo ao acaso, isto significa que, de certa forma, as províncias ainda estavam presentes em suas mentes. O que Lope de Aguirre queria evitar era uma possível deserção, já que a adesão ao movimento liderado por ele dava-se mais pela coerção e pela força do que de forma espontânea.

Mas além deste fato que registramos, gostaríamos de ressaltar um outro acontecimento que reflete a existência da expectativa de encontrar as regiões fantásticas entre aqueles expedicionários. Após a Páscoa, a expedição encontra um povoado grande, o maior que até ali haviam experimentado.²¹⁷ Nele, encontram bastante comida e boa madeira para terminar a obra dos bergantins, e decidem alojar-se aí. Naquele lugar, escreve Vázquez que D. Fernando de Guzman, que havia sido eleito príncipe do Peru, estava arrependido de ter participado da

²¹⁶ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 90. Em Almesto, a passagem é a mesma. Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 141-142.

²¹⁷ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 91.

morte de Ursua, bem como todos os demais oficiais. Movidos por este arrependimento, reúnem-se com o objetivo de remediar sua situação, e tomam, pela segunda vez, a decisão de buscar a terra e povoá-la:

*“En este asiento arrepentido ya D. Fernando de Guzmán del yerro que había hecho y todos los demás sus oficiales en haber muerto a su gobernador, y viendo el mal camino que llevaban, deseando ver si podrían remediarlo, entraron un día en consulta sin llamar al tirano Lope de Aguirre, ni a ninguno de sus amigos, y acordaron segundo vez buscar la tierra y poblarla, y como para hacer esto el mayor estorbo que tenían era Lope de Aguirre y algunos de sus amigos que deseaban la guerra del Perú, acordaron que debían matarlos (...).”*²¹⁸

Da forma como coloca o cronista, os expedicionários só tinham ali duas alternativas: optar pelo serviço de Deus e de Sua Majestade, mesmo correndo o risco de serem condenados pela morte do governador, ou aderir ao movimento liderado por Lope de Aguirre. Entretanto, por opinião de um soldado que se encontrava nesta consulta, resolveram aguardar ocasião melhor para matar Aguirre. Mas, como das outras vezes, este se adianta e elimina o seu atual rival.²¹⁹

Aqui cabe uma ressalva: é muito provável que Fernando de Guzman não desejasse de fato envelhecer buscando a terra; o que na realidade ele queria evitar era ver o seu nome envolvido numa rebelião, bem como sua posterior condenação e execução, optando pelo ideal de serviço já comentado aqui. Assim, a vontade de Guzman e dos demais oficiais que haviam naquele momento optado pela busca da região confunde-se com o ideal de serviço de Deus e de Sua Majestade, traduzindo naquele momento um único objetivo: o cumprimento de uma ordem que vinha da autoridade máxima. Neste sentido, este grupo estaria fazendo uma

²¹⁸ Ibidem, p. 93.

²¹⁹ Ibidem, p. 99.

escolha no mínimo mais sensata, não fossem os arroubos e a espantosa liderança de Lope de Aguirre.²²⁰

Em Alместo, a passagem é quase idêntica, a não ser pelo fato de Alместo não referir-se a Aguirre como “tirano”.²²¹ Já em Zúñiga não encontramos qualquer alusão a este plano dissidente; o cronista apenas descreve que Aguirre, desconfiado como costumava ser, suspeita que D. Fernando pudesse traí-lo e, a fim de evitar que isto acontecesse, mata primeiro àquele.

Após este acontecimento, a última alusão, em Vázquez, às províncias de Omagua e Dorado, se dá alguns dias após a morte do seu “príncipe”. Dois dias depois de deixarem aquele povoado onde ocorre a morte de Guzman, navegam cerca de oito dias. Avistam uma “cordilheira com cabanas”, e populações à margem do rio. Os índios-guia dizem que ali estava a “província” que procuravam:

“Parecióse aquí sobre mano derecha una cordillera no muy alta de cabañas y sierras peladas, y había en esta cordillera grandes humos, y divisábanse algunas poblaciones orilla del río; allí dijeron las guías que estaba Amagua y las tierras buenas que ellos nos habían dicho. Mandó el tirano que nadie hablase con las guías; pasamos algo desviados desta tierra (...).”²²²

Esta é a última alusão de Vázquez, em sua relação, às províncias que haviam motivado esta expedição, até porque o grupo estava bastante próximo do mar, já saindo das regiões prováveis onde poderiam estar as tais riquezas. Não encontraram, como vimos, nenhuma região rica, mas é muito provável que, não fosse a rebelião acontecer, a expedição terminaria trágica como tantas outras, com muitos morrendo de doenças e de fome ou mesmo perdidos no meio do caminho.

²²⁰ Não queremos entrar em detalhes aqui a respeito da rebelião, que será estudada em capítulo posterior. Por ora, apenas comentamos o que consideramos indispensável à construção deste capítulo no que se refere ao movimento.

²²¹ Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 144-145.

²²² VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 101.

Em Alместo, podemos encontrar praticamente a mesma passagem²²³, e em Zúñiga, embora o texto seja diferente, o sentido é o mesmo:

*“En aquel pueblo (...) los índios del Brasil (...) dijeron allí algunos que la noticia de la tierra que traía el Gobernador, era en un brazo del rio en el depoblado postrero que habíamos pasado, y otros decían que aun estaba delante, á los cuales tenía pensado el cruel tirano dejar empalados en aquel pueblo.”*²²⁴

Novamente, aqui, os índios parecem insistir na existência do lugar, muito embora Lope de Aguirre desejasse evitar qualquer tentativa no sentido da procura, a fim de que nada ameaçasse seus planos. Talvez o novo líder da jornada estivesse certo, uma vez que os indígenas contavam com um certo poder de influência sobre seus conquistadores. Afinal, ao mesmo tempo em que se dava o conhecimento empírico do interior do continente americano, o conhecimento geográfico avançava graças a estas expedições: ou seja, os conquistadores escreviam o conhecimento geográfico graças ao seu conhecimento *in loco*. E, como guias em seu itinerário, só podiam contar com os indígenas. Estes podiam muito bem perceber esta dependência dos espanhóis em relação a eles para pôr em prática uma sutil vingança.

É desta forma que entende, por exemplo, Elena González. Em uma pequena passagem no seu Prólogo, ela destaca: *“La leyenda de El Dorado de todas formas bien podría definirse como la maldición de El Dorado o la venganza silenciosa de los indios.”*²²⁵ Apesar de não entrar em maiores detalhes sobre esta estratégia indígena, a autora insere em sua reflexão uma importante percepção que nos remete a uma forma de resistência sutil da parte dos índios contra a bárbara exploração espanhola.

Semelhante comentário iremos encontrar em dois parágrafos, no trabalho da literata Elsa Barriá. Comentando esta estratégia, ela destaca que a intenção dos indígenas era afastar

²²³ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 151.

²²⁴ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 248.

²²⁵ GONZÁLEZ, Elena Mampel. *Lope de Aguirre...*

os espanhóis de seu território²²⁶, já que, como vimos antes, os nativos dos povoados visitados pelos espanhóis sempre diziam que as terras pelas quais procuravam sempre estava mais adiante. É neste sentido que a autora comenta que *“esta difícil e infructuosa búsqueda se ha atribuido a la táctica ‘del dedo’, utilizada por los índios, con el fin de alejar a los conquistadores de sus territorios (...)”*.²²⁷

Por conta disto, mais uma expedição encerrava-se sem encontrar o tal lugar encantado e, como nas demais, vários perderam suas vidas buscando. Mas não é difícil imaginar o risco, pois, no Peru daqueles tempos, arriscar a vida em busca de riquezas era quase a única chance que se tinha de ascensão social. É somente neste sentido que podemos compreender a aventura de uma expedição tão arriscada em regiões praticamente desconhecidas.

²²⁶ O cronista Gonzalo de Zúñiga, em uma passagem onde narra a parada da expedição no povoado onde estava Garcia de Arce, o primeiro povoado que encontram, comenta que a atitude dos índios daquele lugar, ao informarem a Ursua sobre Omagua e Dorado, era na realidade um meio de afastá-los de seu território. Assim se expressa o cronista: *“(...) y desde se lo preguntaba, decian que la tierra adentro, de una parte y de otra del rio, no habia poblado, ni ellos lo sabian, ni trataban con otros indios sino con los del rio, y que abajo habian gran tierra; y era por echarnos de sus pueblos”*. Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 226.

²²⁷ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa. *Raíces Medievales...*, p. 177.

CAPÍTULO 4

REBELIÃO NA JORNADA SEGUNDO OS CRONISTAS PEDRARIAS DE ALMESTO, FRANCISCO VÁZQUEZ E GONZALO DE ZÚÑIGA: A REPRESENTAÇÃO DE LOPE DE AGUIRRE

CAPÍTULO 4

REBELIÃO NA JORNADA SEGUNDO OS CRONISTAS PEDRARIAS DE ALMESTO, FRANCISCO VÁZQUEZ E GONZALO DE ZÚÑIGA: A REPRESENTAÇÃO DE LOPE DE AGUIRRE

*“A pesar de sus crímenes y sus atrocidades,
Aguirre, el loco me era casi simpático.”*

Julio Caro Baroja

Em capítulo anterior, no qual tratamos dos objetivos da expedição, já havíamos comentado que o tema da rebelião absorve e até mesmo norteia os escritos dos cronistas, dando um sentido às narrativas — são sobreviventes que materializam seus testemunhos por escrito —, conferindo a elas uma ordem seqüencial dos acontecimentos, conforme percebeu o historiador Auxiliomar Ugarte.²²⁸ São neste aspecto tão pontuais que dão a impressão de que buscar nelas outros elementos para investigação é o mesmo que “varrer a contrapelo”. Em contrapartida, historiar a respeito da expedição Ursua-Aguirre e não tratar do motivo pelo qual ela permaneceu na memória coletiva e na historiografia é fugir ao essencial, até porque são tantos os seus testemunhos — cerca de onze ou doze, pelo que se conhece até o momento — e o assunto é tão complexo e rico que, apesar de já existirem dúzias de trabalhos publicados, sempre haverá subtemas fecundos para investigação.

De fato, é somente por causa da rebelião e da instigante personalidade de seu líder, Lope de Aguirre, que a expedição ensejou não só um grande número de testemunhos escritos, mas também vários trabalhos historiográficos e literários, os quais elegeram como temáticas principais a rebelião, seus principais desdobramentos — a eleição de Fernando de Guzman

²²⁸ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. São Paulo, USP, 2004. Tese de Doutorado, p. 63-69.

como príncipe do Peru e o gesto de desnaturalização dos reinos de Espanha — e a insólita personalidade de seu líder, o *vasco* Lope de Aguirre.

A figura polêmica do líder que pôs fim às buscas de Omagua e Dorado matando o governador da expedição e assumindo sua liderança permaneceu ao longo dos séculos, transformando-se em lenda. Aguirre foi identificado a partir de vários estereótipos que o transformaram em herói ou anti-herói, conforme a forma de encará-lo. Atribuiu-se a ele vários adjetivos como louco, mártir, assassino frio, paranóico, libertador, revolucionário, reformador — a lista é extensa. Entretanto, não obstante todos os crimes que cometeu — aproximadamente setenta mortes, executadas por ele ou sob seu comando —, ele também ganhou admiradores.

Tantos debates envolvendo uma personalidade tão incomum têm fundamentos: Aguirre transformou uma expedição de exploração e conquista em tragédia, conforme explica-nos Antônio Porro²²⁹ e Ugarte.²³⁰ De fato, examinando-se alguns trabalhos, bem como parte das relações, não é possível ignorar a forte personalidade do *caudillo* que, coerente com sua vontade, deixou impressa na memória sua marca, a fim de que a lembrança de sua existência e de seus feitos não perecesse.

Neste sentido, a proposta deste capítulo é, semelhantemente a outros autores que trabalharam a temática, apresentar alguns subtemas relativos à rebelião, a fim de examinarmos a versão que estes cronistas deram aos acontecimentos, tendo como preocupação maior destacar nelas a representação do soldado Lope de Aguirre.

²²⁹ Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

²³⁰ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural...*, p. 58.

4.1. Um breve passeio pela historiografia

Antonio Esteves já havia anunciado, em 1997, a seguinte tendência, a qual, segundo ele, já encontrava-se presente nos últimos trabalhos acerca de Lope de Aguirre: “*Aguirre tem que ser visto como um homem de seu tempo, que, não concordando com a política vigente, rebelou-se na tentativa de mudá-la.*”²³¹

Antonio Esteves é um estudioso representante da vertente literária dos estudos acerca de Lope de Aguirre e da rebelião que comandou. Neste trabalho em particular, o professor de literatura procura fazer um balanço geral dos trabalhos que ao longo do tempo tiveram como preocupação “desvendar” a enigmática personalidade daquele espanhol da vila de Oñate, bem como os possíveis motivos que o teriam levado a conduzir aquela expedição de forma tão insólita. De forma semelhante ao que fez Esteves, procuraremos também apresentar, ainda que de forma breve, a forma como Lope de Aguirre foi encarado tanto na historiografia americana e hispânica quanto na literatura, detendo-nos, no entanto, somente em alguns trabalhos considerados mais relevantes.

João Lúcio de Azevedo, historiador português, em trabalho datado do início do século XX²³², foi bastante incisivo ao caracterizar Lope de Aguirre. Para este autor, muito embora, em suas atitudes, o *caudillo* partilhasse traços em comum com conquistadores contemporâneos a ele, como Cortez e Pizarro²³³, ainda assim ele se distinguia pela sua “ferocidade” e “ânimo traiçoeiro.”²³⁴ Apesar de Azevedo não procurar avaliar a situação histórica da época, como o quadro das guerras civis que assolavam o Peru, bem como as

²³¹ Cf. ESTEVES, Antonio R. *Lope de Aguirre e a História*. Anuário brasileiro de estudos hispânicos. São Paulo, 1997, p. 187.

²³² D’AZEVEDO, João Lúcio de. *Os Jesuítas no Grão Pará: suas missões e a colonização. Bosquejo histórico com documentos inéditos*. Belém, SECULT, 1999. A primeira edição da obra é de 1901.

²³³ “O heroe desta aventura é da mesma estatura moral de Cortez e Pizarro, e tantos outros, cujos feitos enchem de horror as paginas da historia da America. A Lopo de Aguirre nenhum sobreleva em dotes de soldado; todos lhe são eguaes em ferocidade e alma perversa. A differença é que aquelles assassinavam em nome da religião e do monarcha; este expõe a descoberto a natural hediondez do seu character.” Cf. D’AZEVEDO, João Lúcio de. *Os Jesuítas no Grão Pará...*, p. 28.

²³⁴ *Ibidem*, p. 27.

contradições próprias do período da Conquista que sem dúvida influenciaram o comportamento do soldado, atribuiu à personalidade de Aguirre a causa dos crimes cometidos. Não obstante, Azevedo teve o mérito de inserir a personalidade de Aguirre em um contexto mais amplo, marcado pelos ecos que o Império Espanhol teria imprimido no espírito daqueles conquistadores, à semelhança do que fizeram Sérgio Buarque de Holanda e John Elliott.²³⁵ Neste sentido, Azevedo se expressa:

*“Nem é de extranhar o delírio das grandezas, que o tomou, impellindo-o a proclamar-se rei. Tal idéia era a natural conseqüência da excitação, em que o desejo de poderio e riquezas lançava o espírito do conquistador. Quasi um rei era cada soldado, no meio das infelizes populações, de cujo alvedrio e vidas dispunha. D’ahi a quebra dos laços de obediência e solidariedade que o prendiam à pátria, a distancia era mínima. Lopo de Aguirre facilmente a transpoz”.*²³⁶

Arthur Reis²³⁷ é outro historiador que dedica a Aguirre várias páginas, demonstrando ter conhecimento inclusive das fontes cronísticas. A respeito da rebelião ocorrida, o autor aponta várias causas, entre elas: o processo de recrutamento para a jornada, o qual teria permitido o aceso de “gente de toda a espécie”, bem com a ida de Inês de Atienza, que teria perturbado o juízo dos soldados, os quais alimentavam “o desejo de possuí-la”. Mas, para além destes fatores, a causa maior que teria colaborado para que a rebelião ocorresse teria sido a personalidade não só do seu líder, mas também de seus comparsas:

²³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1996; ELLIOTT, John. *España y su imperio en los siglos XVI y XVII*. s. n. t.

²³⁶ Cf. D’AZEVEDO, João Lúcio de. *Os Jesuítas no Grão Pará...*, p. 28.

²³⁷ REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Governo do Amazonas, 2ª edição, 1989. A primeira edição da obra data de 1931.

*“A soldadesca, habituada à indisciplina que nos últimos tempos dominava o Peru, facilmente se deixou levar pelas propostas dos conjurados. Chefiava o conluio o vasco Lopo D’Aguirre, indivíduo de precedentes sujos, useiro e vezeiro em motins, conhecido, pelas misérias que praticava, pela alcunha de o Louco.”*²³⁸

Novamente, e à semelhança de João Lúcio de Azevedo, Lope (ou Lopo) de Aguirre é retratado como um bandido, um vilão que, habituado à vida errante e em meio “aos seus”, conseguiu com grande facilidade conduzir um motim.

Mas nem todos os estudiosos que puderam, através dos documentos, examinar com interesse as informações com relação aos acontecimentos envolvendo a rebelião e o seu líder o retrataram de forma tão óbvia e estereotipada. Entre as exceções, é imprescindível assinalarmos o importantíssimo trabalho do historiador aragonês Emiliano Jos.

Representante da historiografia espanhola, em sua obra, resultado de uma tese de doutoramento agraciada com o Prêmio Extraordinário²³⁹, Emiliano Jos²⁴⁰ escrevera seu trabalho — segundo seu próprio testemunho registrado na obra — com o intuito de derrubar uma imagem positiva de Aguirre construída por Segundo de Ispizúa. Conforme Emiliano Jos, este autor vasco agiu motivado por um fanatismo apaixonado e uma documentação nula²⁴¹, e buscou elevar Aguirre ao patamar de mártir da independência americana.

Contestando a tese do autor vasco, Emiliano Jos defende a idéia de que é necessária ao historiador uma imparcialidade no tratamento com o objeto de estudo. Tal imparcialidade, segundo ele, é requisito indispensável para garantir um estudo sério, verdadeiramente comprometido com *“la verdad histórica.”*²⁴²

²³⁸ Ibidem, p. 51.

²³⁹ Cf. ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História...*, p. 185.

²⁴⁰ JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, España, 1927.

²⁴¹ Ibidem, p. 32.

²⁴² Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición...*, p. 32.

Com estes cuidados tomados, Emiliano Jos declarou que pretendeu ser “justo” com Lope de Aguirre²⁴³. Entretanto, apesar das suas nobres intenções científicas defendidas com veemência, acaba inevitavelmente caindo em contradição, de forma que, ao mesmo tempo em que retrata Aguirre como um “*felino astuto e carnicero (...) cuya alma tenía más vueltas y revueltas que camino entre montañas*”²⁴⁴, não deixa de reconhecer que, a exemplo dele, “*el lector de la vida de tan singular personaje, pasa por situaciones de ánimo alternativas. La compasión quizá deba ser el último sedimento que se pose en el espíritu.*”²⁴⁵

Representando a literatura americana, o venezuelano Casto Fulgencio López²⁴⁶ procura, em sua obra, bastante rica, aliás, em informações e documentação, apresentar uma versão do que fora, em sua opinião, a vida de Lope de Aguirre e a rebelião que comandou. Procurando retratar o *caudillo* como um revolucionário que “*lanzó el primer grito de libertad absoluta de América*”²⁴⁷, López credita ao ambiente em que nasce seu herói — um ambiente de agitação militar, caracterizado por lutas por liberdade e justiça — bem como à sua origem vasca, as principais referências históricas que influenciaram o espírito do rebelde, as quais, juntamente com o ambiente agitado do Peru, resultaram na atitude extrema assumida pelo protagonista da obra. Ao longo dos capítulos, percebemos como um traço marcante da obra o quanto pesou, na opinião do autor, a influência dos antepassados na vida do herói e na sua forma de posicionar-se frente ao mundo.

De acordo com Antonio Esteves²⁴⁸, o trabalho de Casto Fulgencio López enquadra-se na tendência assumida por alguns autores da década de 40, os quais procuraram reabilitar a figura de Lope de Aguirre, influenciados por trabalhos como o de Segundo de Ispizúa²⁴⁹, bem como o de Emiliano Jos. Ainda de acordo com Esteves, estas tendências, que durante décadas

²⁴³ Ibidem, p. 6.

²⁴⁴ Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 4.

²⁴⁵ Ibidem, p. 121.

²⁴⁶ LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre, el peregrino. Primer Caudillo de América*. Barcelona, España, Ediciones Nueva Cadiz, 2ª edición, 1953.

²⁴⁷ Ibidem, p. 170.

²⁴⁸ ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a História...*, p. 184.

²⁴⁹ Ibidem, p. 185.

dividiram estudiosos entre “aguirristas” e “anti-aguirristas”, entre defensores e detratores do rebelde vasco, das quais os citados Fulgencio López e Emiliano Jos, respectivamente, foram representantes, terminou nos anos 60, com a mudança no conceito de história e de objeto histórico. Desde aí, os trabalhos acerca de Lope de Aguirre caminharam, como já aludimos no início deste capítulo, no sentido de enxergar o polêmico personagem como um homem de seu tempo, retirando-lhe portanto todo o caráter místico que o envolveu e que dividiu opiniões.

O trabalho do argentino Blas Matamoro²⁵⁰ encaixa-se neste perfil. O autor apresenta, baseado nas crônicas, a versão dos acontecimentos inerentes à expedição. Além disso, procura retratar as sociedades espanhola e peruana da época, sem se esquecer de contemplar a vida cotidiana daqueles homens, os quais, em meio a dificuldades das mais diversas ordens, procuravam viver de acordo com suas condições — um inegável retrato histórico da época.²⁵¹

É nessa direção que caminham outros trabalhos mais recentes, os quais, além de privilegiarem aspectos históricos da época da rebelião, procuraram eleger, para além da figura de Lope de Aguirre, outros temas, extraídos das relações da expedição. Assim, na historiografia brasileira, por exemplo, dois trabalhos ocuparam-se da temática — embora não exclusivamente —, como é o caso de Antonio Porro²⁵² e Auxiliomar Ugarte²⁵³. O primeiro procurou, a partir de quatro crônicas da expedição — as relações de Vázquez, Altamirano, Zúñiga e Monguia —, perceber elementos das sociedades indígenas encontradas pelos expedicionários, como sua localização, seu modo de subsistência, etc.

²⁵⁰ MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre: la aventura de El Dorado*. Madrid: Historia 16 – Información y Revistas, S. A, Editorial Temi, 1986.

²⁵¹ Não obstante o perfil destes trabalhos, marcados cada um pelas influências da época e pela particular visão dos autores, e sem desmerecer as indispensáveis considerações de Antonio Esteves acerca deles, podemos extrair dali também, sem dúvida, importantes contribuições, as quais, com o tratamento devido, constituem elementos indispensáveis para a pesquisa, a exemplo do trabalho de Manoel Faucher e de outros aqui amplamente utilizados. Por conta disso, apesar de terem sido escritos em outras épocas, eles não são considerados obsoletos.

²⁵² PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.

²⁵³ UGARTE, Auxiliomar Silva. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado.

Já o historiador Ugarte, além das sociedades indígenas, procurou, em três crônicas eleitas para investigação — as relações de Altamirano, Vázquez e Almesto —, descrever elementos do mundo natural, como a fauna e a flora, a malha fluvial amazônica, o clima, os minerais, bem como a organização política das sociedades nativas²⁵⁴ durante o período da conquista, ou seja, ainda no século XVI. Entretanto, à semelhança do que fez Antonio Porro, também procurou inserir o tema da expedição no contexto histórico da época, marcado por constantes explosões de revolta contra a instalação do poder monárquico no Peru e pelas frustrações de muitos conquistadores, fruto das contradições que marcaram o período da Conquista. Por sua vez, representando desta vez a literatura hispanoamericana, o trabalho da professora Elsa Barría²⁵⁵ buscou mostrar a permanência de elementos medievais presentes nas crônicas, como por exemplo o *maravilhoso cristão*, relacionando as crônicas com as obras literárias da época e também de épocas anteriores, procurando verificar elementos comuns.

Não obstante, a literata trata também de personagens presentes nestes escritos, como Pedro de Ursua, Inês de Atienza e, como não poderia deixar de ser, Lope de Aguirre, além, é claro, do quadro histórico do período. Em seu trabalho, Aguirre é visto “como um homem de seu tempo”, mas também um homem dotado de muitas qualidades, tais como “forte personalidade” e “enorme poder de persuasão”. De acordo com a autora, Aguirre foi um homem incomum que, graças a estas características, foi poupado de morrer nas mãos de seus próprios soldados durante a viagem rumo ao Peru, apesar de ter conseguido espalhar o terror entre os expedicionários. Dos três trabalhos citados, é o que mais se ocupa em examinar o *personagem* Lope de Aguirre e a rebelião que liderou, embora não seja seu tema central por excelência.

²⁵⁴ Ibidem, p. 57.

²⁵⁵ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales de Las Crónicas Coloniales Españolas: Las “Relaciones” del Río Amazonas*. São Paulo, 2000. Tese de Doutorado.

Encerrando por aqui esta retrospectiva, percebemos que, apesar de todos os trabalhos realizados até o momento, o nome de Lope de Aguirre ainda ganha algum relevo. E, apesar de Antonio Esteves ter anunciado que ele deve ser visto apenas como um homem de seu tempo, à semelhança do que observou certa vez o historiador March Bloch²⁵⁶, concordamos em parte com a assertiva, pois o que as crônicas deixam entrever é um homem *extraordinário*, *incomum*, de personalidade no mínimo marcante.

Nesta perspectiva, nosso objetivo neste último capítulo será o de retomar a representação de Lope de Aguirre nas crônicas. Procuraremos destacar a forma como aquele a quem os cronistas chamavam de *traidor* foi representado, não obstante todo o esforço dispensado no sentido que imputar a ele quase a totalidade da culpa pelo levante que espalhou o terror ao chegarem às províncias venezuelanas. Nosso intento será o de resgatar nas *entrelinhas* aspectos que os cronistas deixaram escapar, como uma certa admiração nutrida por alguns soldados pelo líder rebelde.

Outro aspecto que propomos desenvolver é o de analisar a carta escrita ao rei Felipe II, procurando compreender até que ponto sua rebelião, que tinha como objetivo principal tornar o Peru autônomo em relação a Espanha, representava a rebeldia de um *vizcaino* contra o poder monárquico espanhol.

Nossa proposta procura compreender, a partir da versão dos cronistas, a forma como o rebelde conduziu a rebelião, buscando examinar até que ponto sua personalidade, sua história de vida e, se aqui cabe, sua *origem vasca* repercutiu tanto para o sucesso quanto para o fracasso do movimento ocorrido.

²⁵⁶ Segundo Jacques Le Goff, March Bloch teria citado em seu *Métier d'historien*: “Os homens assemelham-se mais a seu tempo que a seus pais”. Cf. LE GOFF, Jacques. “Prefácio”. In: *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. trad. Julia Mainardi, p. 27.

4.2. Aguirre pelos cronistas: temido, odiado ou amado?

Apesar de todo o esforço dispendido pelos cronistas em denegrir a imagem de Lope de Aguirre, a fim de se esquivarem de quaisquer indícios de participação na sublevação que os pudesse comprometer com a justiça, há, na narração sequencial dos fatos, evidências de que o *fuerte caudillo de los marañones* era talvez admirado, talvez temido ou odiado, mas certamente respeitado. Mesmo dotado de uma personalidade imprevisível, *paranóica* até— como o quer Antonio Porro²⁵⁷ —, sempre pronto a eliminar de forma rápida, fria e contundente quaisquer inimigos reais ou imaginários, Aguirre, em vários momentos da expedição de volta ao Peru, poderia ter sido eliminado, mas os soldados não o fizeram. Para nós, isto significa que o *tirano* não era tão odiado assim. Examinando as três crônicas, vemos que inúmeras chances se ofereceram para os soldados eliminarem seu chefe. No entanto, nada foi feito.

A primeira destas oportunidades deu-se após a morte de Pedro de Ursua e a suposta eleição de Fernando de Guzman como general, ainda na província de Machifaro. Para compreendermos o que se passava, é necessário que façamos um pequeno retrocesso.

Já havíamos mencionado, em capítulo anterior, ainda de que maneira breve, que o grupo dissidente que havia participado da decisão que resultou na morte de Pedro de Ursua não era unívoco: havia assim pelo menos duas facções: uma, representada por Juan Alonso de la Bandera, e a outra por Lope de Aguirre. Após a morte do governador, os “amotinados” reúnem-se para distribuir cargos e também para decidirem o que fariam dali em diante, uma vez que o comandante oficial estava morto. De acordo com o cronista Vázquez, Fernando de

²⁵⁷ “(...) a expedição de Ursua seria marcada por uma impressionante série de violências e crimes de autoria de Lope de Aguirre, um dos seus oficiais, ao que tudo indica paranóico”. Cf. PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas...*, p. 82. Emiliano Jos também escreve a respeito: “Tenía grandísimo temor a posibles conspiraciones contra su vida. Este temor convirtiéndose en manía persecutoria, le acabó de volver loco y le hizo cometer los crímenes, no ya más injustos, sino más necios”. Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursua...*, p. 88.

Guzman, Juan Alonso de la Bandera e Alonso de Montoya eram os mais interessados na proposta de buscar a terra e povoá-la. Com isto, acreditavam, fariam serviço ao rei e seriam perdoados pela morte do governador. Assim, para dar mais veracidade à *sua* versão dos acontecimentos, redigiriam um documento, onde os “principais” do campo — aqueles cujos cargos eram mais proeminentes — deveriam assiná-lo, oficializando assim a decisão.²⁵⁸

Mas Aguirre declara-se contrário à idéia, afirmando que “*buena tierra era el Perú, y buena jornada.*”²⁵⁹ Àquela altura, não era um simples documento que iria absolvê-los daquele crime, no qual estavam todos direta ou indiretamente implicados. A melhor decisão, portanto, seria voltar ao Peru. Mas Juan Alonso de la Bandera replica, dizendo que matar Ursua não havia sido traição, mas serviço ao rei. Os ânimos começam a ficar exaltados, resultando em duas facções. D. Fernando, o novo general, aparta os dois homens e seus respectivos *bandos*, evitando o agravamento da situação.

Entretanto, os novos acontecimentos tenderão a agravar o quadro de tensão instalado a partir da inimizade entre os dois homens, dotados de forte personalidade. Prova disto é que, segundo os três cronistas, tanto Juan Alonso de la Bandera quanto Lope de Aguirre tentam manipular Fernando de Guzman, uma vez que querem, a todo custo, estar na liderança do *motim*.

Dessa forma, na versão de Francisco Vázquez, após a discussão entre os dois homens, Lope de Aguirre procura, quase que imediatamente, eliminar La Bandera, o que torna este último mais uma pobre vítima do *tirano*. Mas Almesto e Zúñiga prestam mais informações do caso. Os dois informam, por exemplo, que, antes de sua morte, Juan Alonso de la Bandera tentou ganhar a confiança de Guzman e a liderança da expedição. Na versão de Almesto, por

²⁵⁸ A preocupação em documentar suas ações é uma constante entre os expedicionários. Aguirre fará bastante uso de documentos, como na eleição de Fernando de Guzman e nas cartas escritas ao padre Montesinos, ao governador Pablo Collado e ao rei Felipe II. Sobre a importância do documento e o perfil burocrático do Império Espanhol deste período, consultar: ELLIOTT, Jonh. *España y Su Imperio en los Siglos XVI y XVII*. In: *España y su mundo (1500-1700)*. Madrid: Alianza, 1990. Colección Taurus Historia.

²⁵⁹ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 133.

exemplo, D. Fernando de Guzman chega a eleger Juan Alonso de la Bandera seu tenente geral. E como Aguirre fosse mestre de campo, cargo igualmente da maior importância depois do posto de *general*, os dois começaram a disputar quem mandava mais no *campo*:

*“En este pueblo hizo don Fernando su teniente general a Juan Alonso de la Bandera, el cual, con Lope de Aguirre, maese de campo, se encontraban en los mandos, y lo que el uno mandaba quería el otro estorbar, y había competencias entre los dos, y aun entre los más de los soldados del campo, sobre cuál de los cargos era más preeminente, de que se causó gran enemistad entre los dos, y bandos (...).”*²⁶⁰

A situação piora a partir do momento em que Guzman, por influência da facção liderada por La Bandera, retira o cargo de mestre de campo de Aguirre para dá-lo a seu inimigo declarado, deixando Aguirre com a função de *capitão de cavalos*. Apesar de tentar consertar a embaraçosa situação, prometendo que casaria Elvira, a filha mestiça que Lope de Aguirre trazia, com seu irmão, Fernando de Guzman e Juan Alonso de la Bandera já haviam provocado a ira daquele homem, o qual tinha fama de pavio curto. Aguirre não iria esquecer dos dois homens, e talvez naquele momento mesmo já tivesse calculado suas mortes, as quais vieram a ocorrer não muito tempo depois.

Mas o que é necessário assinalar é que antes mesmo de Aguirre ter eliminado o rival Bandera, alguém, talvez já adivinhando de antemão o que poderia lhes acontecer, sugere que Aguirre é quem deveria ser eliminado. Assim, conforme o depoimento de Alместo,

“Muchos amigos de D. Fernando y oficiales de su campo eran de parecer que matasen a Lope de Aguirre, pues que le habían quitado el cargo, porque era mal hombre, bullicioso y tenía muchos amigos; pero D. Fernando no consintió, antes, por

²⁶⁰ Cf. ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 135.

asegurar y contentar al dicho Lope de Aguirre, que andaba alborotado y se quejaba que le habían quitado el cargo (...).”²⁶¹

Enredo semelhante pode ser encontrado no relato de Gonzalo de Zúñiga, onde podemos ler o seguinte trecho:

“Fueron de voto algunos que matasen á Lope de Aguirre, pues le quitaban el cargo, porque tenia muchos amigos vizcainos, y era hombre bellicoso, y no se pusiese en algo; el cual general D. Fernando no consintió en ello, é dijo que antes lo matase á él y le echasen el corazon en el rio, que matar a Lope de Aguirre, que tan bueno amigo les habia sido.”²⁶²

Não sabemos se Fernando de Guzman era assim tão amigo de Lope de Aguirre. O que os escritos sugerem é que Guzman talvez tenha ficado “em cima do muro”, não sabendo em qual dos homens poderia confiar — se é que era possível confiar em alguém naquela altura. Mas o fato é que esta é a primeira menção, nas crônicas, a um plano de morte para Lope de Aguirre — com exceção, é claro, da versão apresentada por Francisco Vázquez. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro e Juan Alonso de la Bandera acabou sendo mais uma vítima do *tirano*.

Entretanto, se Guzman naquele momento havia se manifestado contra a morte de seu protetor, em momento posterior irá cair no arrependimento. Dessa forma, após a sua suposta “eleição” como general e “príncipe” do Peru — uma forma de manter este homem jovem, ingênuo e ambicioso sob controle, pensava Aguirre, ao menos enquanto precisasse dele —, em um povoado localizado ainda na Província de Machifaro, o jovem Fernando de Guzman começa a mudar de opinião. Naquele povoado haviam encontrado comida suficiente para se

²⁶¹ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 135.

²⁶² ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 236.

refazerem, e também boa madeira. Como era necessário fazer uma cobertura para os bergantins, a armada resolve acampar por ali, e lá permanecem pouco mais de um mês.

Naquele lugar, e certamente pela demora da obra, o suficiente para que refletisse sobre os rumos que a expedição havia tomado, Fernando de Guzman estava arrependido. Talvez este *chapetón*²⁶³ se dava conta tardiamente da traição feita a seu amigo Pedro de Ursua e de que, continuando a apoiar Aguirre, estava afundando cada vez mais num poço sem fundo de crimes e traições, dos quais muito dificilmente escaparia. Também temos motivos para acreditar que Guzman estava bastante assustado: Lope de Aguirre, armado como costumava andar, não tinha a menor dificuldade em matar quem quer que fosse. Como então pôr remédio à situação?

Motivado por estes pensamentos, Guzman reúne-se com seus oficiais, sem a presença de Aguirre. Segundo Vázquez, aqueles homens, talvez tão arrependidos quanto Guzman, ou confusos, queriam um outro destino: voltar a buscar Omagua. Para isso, só havia uma coisa a ser feita: pela *segunda* vez, concordaram que deveriam matar Lope de Aguirre:

*“En este asiento arrepentido ya D. Fernando de Guzman del yerro que había hecho y todo los demás sus oficiales en haber muerto a su gobernador, y viendo el mal camino que llevaban, deseando ver si podrían remediarlo, entraron un día en consulta sin llamar al tirano Lope de Aguirre, ni a ninguno de sus amigos, y acordaron segunda vez buscar la tierra y poblarla, y como para hacer esto el mayor estorbo que tenían era Lope de Aguirre y algunos de sus amigos que deseaban la guerra del Perú, acordaron que debían matarlos, y fue opinión de los más que fuese luego sin salir de allí, enviándolos a llamar para aquella consulta antes que los sintiesen; pero un Alonso de Montoya fue de parecer que lo debían guardar para mejor conyuntura, porque Lope de Aguirre tenía siempre consigo muchos amigos, y que sería mejor, pues ya faltaba poco para acabar los bergantines, cuando fuesen navegando (...).”*²⁶⁴

²⁶³ *Chapetón*: homem recém-chegado ao Novo Continente.

²⁶⁴ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 93.

Alonso de Montoya já devia saber que, naquelas circunstâncias, só havia duas possibilidades: matar ou ser morto. Sem dúvida, a idéia de matar Aguirre foi sensata — retirando-se, é claro, a de continuarem buscando a terra cujos vestígios até ali não haviam encontrado. Entretanto, deviam saber com quem estavam lidando, pois aquele homem, segundo Zúñiga, era avisado pelo demônio: “(...) *por ninguna via pudieron matarle ni alzarse por el Rey nuestro señor, porque las veces que se intentó, parece quel demonio se lo decia* (...)”²⁶⁵

Mas a ajuda sobrenatural não foi necessária, visto que dois homens que haviam participado da reunião com Guzman — o capitão Gonzalo Giral de Fuentes e o mestre-sala Alonso de Villena, segundo Vázquez²⁶⁶ — trataram de pôr o chefe a par dos fatos. E assim, sem esperar por “melhor conjuntura” — Alonso de Montoya deveria saber que, em se tratando de Lope de Aguirre, o melhor a fazer era matá-lo sem pensar duas vezes, como ele costumava fazer — Lope de Aguirre decide matar todos os que se encontravam na “consulta”, que foram: Alonso de Montoya, Miguel Robledo, Miguel Serrano, Gonzalo Duarte, Baltasar Toscano, Alonso de Henao (clérigo) e Fernando de Guzman. Pelo visto, os dois delatores acabaram se salvando da carnificina.

Sem dúvida, o novo chefe da expedição, àquela altura já havia espalhado o terror. Naquelas circunstâncias delicadíssimas, só havia uma saída: matar para não ser morto. Pois, como saber quem seria sua próxima vítima, se a menor desconfiança provocava nele a ira cujas conseqüências já eram bem conhecidas?

Mas os soldados por enquanto não reagem. Talvez aterrorizados, preferissem não arriscar. Ou achavam que, como já estavam mais do que implicados naquela rebelião, não havia outro remédio senão permanecer com ele. Pelo menos era isso o que ele costumava dizer.

²⁶⁵ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 238.

²⁶⁶ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 97.

Mas os cronistas testemunham outras reações no sentido de apelar o rebelde. Ao saírem do rio Amazonas e chegarem à Ilha Margarita, por exemplo, alguns soldados fugiram. Aguirre, furioso, manda caçá-los. Afinal, não seria possível consumir a rebelião sem seus *marañones*. Chegando à ilha, Aguirre não desembarca de imediato. Ele, de seu bergantim, envia seus soldados para cumprirem diversas tarefas, como buscar índios para serviço, dar recado a seu mestre de campo, Martín Perez, que estava em outro bergantim, para que matasse Sancho Pizarro, porque “*el tirano tenía sospecha que no le seguiría*”²⁶⁷, etc.

Estes soldados, encontrando, no caminho, por terra, *vecinos*²⁶⁸ da ilha, poderiam, na opinião de Vázquez²⁶⁹ e de Alместo²⁷⁰, ter pedido socorro, mas nada fazem. No máximo, alguns fogem, como já foi mencionado. Estariam com medo de serem condenados pela participação no levante? Não teriam, neste caso, mais razões para temerem seu *caudillo*, que representava uma ameaça constante?

Em outro momento, ainda na ilha, seu *alférez general* planejava um motim para lhe matar, reunindo-se com seus amigos enquanto Aguirre dirigiu-se ao encontro do clérigo Francisco Montesinos, o qual encontrava-se também na ilha e pretendia rendê-los. Para isso, o alférez havia reunido alguns amigos. De acordo com Zúñiga, Aguirre tem um “pressentimento” — pois o homem era avisado pelo demônio —, e ordena à sua tropa: “*Vuelta, caballeros, que gran mal hay en pueblo.*”²⁷¹ Havendo Aguirre dado ordem para executar o alférez, este, percebendo o que lhe aconteceria, foge. Mais uma vez, Aguirre, protegido que fosse por “forças sobrenaturais” ou por quer que fosse, escapa da morte. Sua hora ainda não havia chegado.

²⁶⁷ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 159; VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 110.

²⁶⁸ *Vecino*: residente, chefe de família ou de “lar”. Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. trad. Cristina Murachco, p. 682.

²⁶⁹ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 110.

²⁷⁰ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 159-160.

²⁷¹ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 259.

Mas é no caminho de Borburata para Nova Valência que surge a melhor oportunidade. O caminho é difícil, de subida. Os soldados, vez ou outra, precisavam aliviar o peso da carga de munição e bagagem que traziam para poderem caminhar; os cavalos escorregavam, e o próprio *tirano* seguia com muito peso às costas, pois não queria desfazer-se da munição. O plano de conquista, ou reconquista do Peru atravessava um período dramático, e as circunstâncias não estavam ao seu favor. Até mesmo as fronteiras venezuelanas, dificultando a passagem da armada, pareciam não colaborar para o êxito da empresa. Mas Aguirre insiste, e tenta vencer mais aquela dificuldade. No entanto, o cansaço acumulado, a travessia difícil, somado às angústias que certamente lhe acompanhavam, acabaram vencendo-o, e o comandante cai doente, extenuado. Segundo Emiliano Jos, “*aquel camino fué el calvario de Aguirre, que cae exámine.*” É a primeira vez, nas crônicas, que o *caudillo* fica completamente vulnerável. Tanto, que foi preciso que alguns soldados o carregassem às costas. Ali, diz Vázquez, “*fuera más fácil de matar que um pollo.*”²⁷² Só precisariam de um homem para fazê-lo, e sem usar de muita força. No entanto, ninguém se habilitou. Considerariam um gesto covarde, matar um homem em tão mau estado? Ou a viagem teria sido tão extenuante, que tivesse lhe tirado todas as forças e até o ânimo para dar cabo da vida do chefe? Ou, podemos supor ainda, que aqueles homens realmente encontravam-se de tal modo envolvidos por aquele homem, tão louco e ao mesmo tempo tão extraordinário, que, ao invés de tirar-lhe a vida, torciam para que ele se recuperasse.²⁷³

²⁷² VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 148. *Pollo*: pinto, frango, galo. Cf. PEREIRA, Helena B. C., Rena Signer. *Michaelis: Pequeno dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996, p. 240.

²⁷³ A professora Elsa Barria também percebeu, na crônica de Francisco Vázquez, esta atitude — ou falta de atitude — dos *marañones* em relação a seu chefe. Escreve a autora que “*llama la atención de Vázquez que los marañones nunca hayan atentado contra la vida de Lope de Aguirre, incluso cuando sus fechorías eran conocidas por todos. El cronista relata dos episodios en que el tirano quedó en situación de extrema fragilidad, sin embargo, nada le ocurrió.*” Ao que a autora conclui: “*Seguramente las amenazas hechas, y su enorme capacidad para convencer y para controlar a las personas y situaciones, impidieron cualquier iniciativa en ese sentido (...).*” Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces...*, p. 114-115.

Entetanto, para surpresa de todos (e principalmente para o leitor), *é o próprio Aguirre quem se rende* e, já em Valencia, pede para os *marañones* que o matem. Pelo que dava a entender, a “guerra do Peru” era mais importante que a própria vida:

*“(...) como él estaba malo, había enviado adelante a la Valencia todos sus amigos para que tomasen el pueblo; y aun dicen que el dicho tirano, fatigado con su enfermedad, les decía a veces : matarme, matarme!, que tampoco podía ir en la hamaca (...).”*²⁷⁴

Até ali, aquela fora a melhor oportunidade para muitos soldados: matariam o *tirano*, se renderiam e, pelo seu feito, poderiam até ser perdoados. Finalmente ficariam livres do jugo de um homem perverso. Mas nada foi feito neste sentido. Aguirre permaneceu estendido no solo, “como morto”, inútil. O máximo que pôde fazer foi dar ordens para seus homens tomarem Valencia e dar prosseguimento ao plano que começaram. No entanto, estes pareciam perdidos. Estariam sentindo compaixão por aquele homem? Teria feito Aguirre, ao longo de sua *saga*, admiradores?

Mas alguns dias se passam, e Aguirre, incrivelmente, convalesce e sara. Aquele homem relativamente idoso, coxo de um pé e com uma mão deformada, era incrivelmente forte, a exemplo de outros de seu tempo, como Francisco de Carvajal e Francisco Pizarro. Dormia pouco, pois estava o tempo todo vigilante e atento. Talvez fosse aquele o melhor momento de sua vida, e não queria desperdiçar um “minuto” sequer. Porém, com o tempo, o cerco se fechou. Àquela altura, as autoridades de toda a governação da Venezuela estava avisada dos planos dos *marañones*, seus passos e suas condições. Era um questão de tempo derrotá-los.

²⁷⁴ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 188.

Com a distribuição das *cédulas de perdão*, artifício comumente utilizado pelas autoridades espanholas e que costumava não falhar, segundo opina Casto Fulgencio López²⁷⁵, a rendição da armada amotinada foi obtida. No final, após apunhalar sua própria filha Elvira — certamente um ato de amor, a única pessoa a quem o tirano parecia nutrir algum afeto — Aguirre foi rendido e morto. Seus restos, espalhados ao redor da Venezuela, “*como se fuesen reliquias de algún santo*”, tinham por objetivo difamar para sempre sua memória. No entanto, o efeito saiu ao contrário, e sua memória permaneceu ao longo dos séculos, como era de sua vontade.²⁷⁶

No final de sua *relação*, Vázquez testemunha que “*quedó la tierra sosegada con la muerte de tan mal hombre(...).*”²⁷⁷ Entretanto, se a morte o levou deste mundo, a lembrança de sua existência e de seus feitos permaneceu durante muito tempo, e na Venezuela, segundo Emiliano Jos, citando Arístides Rojas em seu *El elemento Vasco en la Historia de Venezuela*, efeitos considerados sobrenaturais eram interpretados como a presença fantasmagórica do tirano:

“ ‘(...) Más de tres siglos han pasado, y todavía el recuerdo de sus crímenes no se ha extinguido. Cuando en las noches oscuras se levantan de las llanuras y pantanos de Barquisimeto y lugares de la costa de Burburata fuegos fátuos y copos de luz fosfórica vagan y se agitan a los caprichos del viento, los campesinos, al divisar aquellas luces,

²⁷⁵ LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre, el peregrino...*, p. 60.

²⁷⁶ “*De nada sirvió la sentencia condenatoria del Tribunal de la Audiencia de Santo Domingo, una vez muerto Aguirre, sobre su fama y memoria; tampoco la prohibición de Felipe II para citar su nombre ni la orden para destruir sus escritos, condenándolos al olvido, ni la decisión de las autoridades en Tocuyo, en 1561, declarando a sus hijos «ora sean legítimos ora bastardos o espúrios, infames por siempre jamás, e indignos de poder tener honra ni dignidad ni oficio público, ni poder recibir herencia ni manda de pariente ni de extraña persona».* Prevaleció lo que, según el cronista Vázquez, Aguirre consideraba su bienaventuranza: «*en que le tuvieran más por animoso que por Cristiano, porque había dicho muchas veces que cuando no pudiese pasar al Peru y destruirle y matar todos los que en él estuvieren, que a lo menos la fama de las cosas y crueldades que hubiese hecho quedaria en la memoria de los hombres para siempre...*».” Cf. LA TABLA, Javier Ortiz de. “Introducción”. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado. Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 8.

²⁷⁷ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 169.

*cuentan a sus hijos ser ellas el alma errante de El Tirano Aguirre, que no encuentra dicha ni reposo sobre la tierra.*²⁷⁸,”

Sem mais delongas, gostaríamos de encerrar este tópico com as belas palavras escritas por Emiliano Jos dirigidas a um dos personagens mais belos e inesquecíveis da história das Américas. Em tom de despedida, assim se expressa o historiador : “*Tirano Aguirre, Aguirre el loco, Lope de Aguirre el Peregrino, descansa en paz*”.

4.3. Um vizcaíno contra Felipe II

Já ressaltamos no começo deste capítulo que a rebelião comandada por Lope de Aguirre recebeu vasto tratamento entre historiadores e literatos, os quais, preocupados em dar uma versão para os fatores que porventura tivessem concorrido para a explosão do motim, procuraram justificá-la de diversas maneiras.

Deste modo, alguns imputaram à sua personalidade a causa da rebeldia; outros, com maior respaldo, consideraram o ambiente recente de guerras civis do Peru como um dos fatores que teriam condicionado seu comportamento.

De nossa parte, consideramos que os dois fatores encontram-se associados, concorrendo para o desencadeamento do movimento reivindicatório, bem como para explicar seus desdobramentos, como a eleição de um novo general para a expedição, a desnaturalização de Espanha, a carta-denúncia dirigida a Felipe II, as inúmeras mortes cometidas, os saques realizados pelas regiões por onde passaram, etc. Desta forma, antes de examinarmos o contexto peruano como referência para a compreensão do ato subversivo e da influência que possa ter tido sobre as ações do caudilho — tarefa que cumprimos no

²⁷⁸ Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursua...*, p. 19.

próximo item —, deter-nos-emos a examinar aqui a importância que outros fatores assinalados possam ter influenciado e/ou colaborado para a ocorrência do movimento.

Assim, dentre o conjunto dos *factores secundários* elencados como elementos que teriam concorrido para a existência da rebelião, um chama bastante a atenção, talvez por ser um tema que, embora bastante conhecido e discutido entre os historiadores espanhóis, tenha sido pouco explorado, ao menos na bibliografia por nós pesquisada: trata-se da *origem basca* de Aguirre.

O venezuelano Casto Fulgencio López, em seu trabalho, constrói uma versão da biografia de Aguirre e da expedição de que participou.²⁷⁹ O autor salienta, em vários momentos de seu texto, o quanto sua origem basca colaborou para o seu perfil rebelde. Vale ressaltar que López defende a idéia, já contemplada neste capítulo, de que Aguirre foi revolucionário ao dar o primeiro passo rumo à independência das Américas²⁸⁰. Neste sentido, ele entende que o “ímpeto guerreiro” presente entre os bascos foi elemento forjador de seu *carácter revolucionário*, e que Aguirre fugiu, portanto, do perfil hipócrita que caracterizava os defensores do *serviço de Sua Majestade* declarando luta aberta e franca contra a Corte Espanhola.²⁸¹

Também o argentino Blas Matamoro traz importante contribuição para o tema. A despeito das cartas escritas por Lope de Aguirre — cerca de três, no total —, ressalta que “*sus escritos revelan a un hombre letrado y de buena caligrafía, rasgos comunes a los hidalgos vascongados de los siglos XVI y XVII, gente de letras y de notarías.*”²⁸² Mas, para além destes traços destacados pelo autor argentino, chama a atenção o fato de que, segundo ele, “*de algún*

²⁷⁹ Utilizamos o verbo *construir* porque é exatamente isto o que os diversos estudiosos procurarão fazer a respeito da biografia de Aguirre: construir uma versão, a partir dos dados de que dispõem. E isto porque os dados biográficos do espanhol são profundamente escassos, dando margem, como bem coloca Antonio Esteves, a fantasias e a especulações. Cf. ESTEVES, Antonio. *Lope de Aguirre e a história...*, p. 168. Consultar também sobre o assunto em: JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursua...*

²⁸⁰ “(...) Lope de Aguirre, sesenta y ocho años apenas después de descubierto el Nuevo Continente, lanzó el primer grito de libertad absoluta de América (...).” Cf. LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre...*, p. 170.

²⁸¹ Ibidem, p. 147.

²⁸² Cf. MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 15.

modo, el enfrentamiento de Lope de Aguirre y Felipe II es el de un señor vizcaíno frente a un monarca absoluto del siglo XVI (...).²⁸³ Até que ponto sua origem teria colaborado, de fato, para o enfrentamento com o monarca espanhol, explicando parte do caráter assumido pela sublevação? O que significava ser um *señor vizcaíno* neste período?

Iniciemos o debate precisamente situando a região no tempo e no espaço. Assim, de acordo com Jiří Chalupa, “*el territorio de las provincias vascongadas (...) en la Edad Media se constituyó como el señorío de Vizcaya, integrado en la corona de Castilla.*”²⁸⁴

Para compreendermos a particularidade das províncias bascas dentro do universo imperial hispânico do século XVI, é necessário retomarmos aqui algumas noções já apresentadas anteriormente. Já mencionamos, por exemplo, que, durante o período que estamos estudando, e que alcança os reinados de Carlos I e Felipe II — reis de Espanha entre 1516 e 1598, respectivamente—, o atualmente chamado *Império Espanhol* não era uma *nação*, no sentido moderno da palavra.²⁸⁵ O Império governava sobre vários reinos, entre eles os reinos de Espanha, os quais possuíam cada um seu próprio corpo jurídico. Nas palavras de José Luis Santos,

*“La Monarquía Católica gobernaba un complejo conglomerado político de origen patrimonial, formado por múltiples coronas y reinos, dentro de cada uno de los cuales existían leyes, fueros e constituciones propias. La vinculación de los súbditos a la Corona se realizaba a través del reino respectivo.”*²⁸⁶

No tocante ao caso específico dos bascos, suas instituições tradicionais, ao que parece, puderam ser mantidas, não obstante o esforço de anexação do território realizado pelo rei de

²⁸³ Ibidem, p. 15.

²⁸⁴ Ibidem, p. 217.

²⁸⁵ ...muito embora, segundo Padrón, estejam na América vice-real de Carlos V as bases das futuras nacionalidades espanholas. Cf. PADRÓN, Francisco Morales. *Los virreinos de América...*, p. 2.

²⁸⁶ Ibidem, p. 140.

Castela e Leão, ainda no século XIV, o qual, de acordo com Jiří Chalupa, teria resultado num conflito entre a Coroa de Castela e os súditos:

*“Los conflictos de los vascos con Castilla vienen de muy lejos, cuando su territorio fue anexionado por Pedro el Cruel, rey de Castilla y León, en el siglo XIV. Sin embargo, pese a derrota militar, a los vascos se les permitió conservar sus leyes tradicionales y privilegios económicos, sociales y políticos (fueros). (...) Con el tiempo se instituyó la costumbre de que los reyes castellanos jurasen respetar dichos fueros al ascender al trono.”*²⁸⁷

Desse modo, a situação geográfica das chamadas *provincias bascas*, conforme sugerem os autores, colaborou para a manutenção de privilégios jurídicos. Alberdi, por exemplo, procura mostrar a relação que havia entre as províncias e a Monarquia Católica quanto à condição fronteiriça daquelas. O autor informa que a região basca cumpria com a função de defesa do território espanhol simplesmente porque, defendendo a si mesma, defendia também, *por tabela*, a Monarquia²⁸⁸ particularmente de França, a qual representava, nessa época, um risco político, dinástico e religioso.²⁸⁹

O mesmo autor informa igualmente que, em virtude de sua condição geográfica de fronteira, estas províncias *“se sentían relativamente cómodas y seguras y, al mismo tiempo, alejadas, casi ajenas, a la acción jurídico-administrativa directa de la Monarquía.”*²⁹⁰

Por outro lado, esta defesa não estava restrita somente ao âmbito militar. Rosario Porres Marijuán observa que, além de defesa militar, cabia à região basca a nobre tarefa de ser o *‘muro’ protector frente a las ideas foráneas, tanto más importante cuanto la reformada*

²⁸⁷ Cf. PADRÓN, Francisco Morales. *Los virreinos de América...*, p. 218.

²⁸⁸ “Las provincias y reinos pirenaicos defienden a la Monarquía defendiéndose a sí mismos”. Cf. ALBERDI, Jon Arrieta. *La Idea de España...*, p. 121.

²⁸⁹ “(...) Francia representó el riesgo político, dinástico y religioso por excelencia en los siglos XVI y XVII. Valois y Borbones estuvieron intensamente enfrentados con los Habsburgo y estas dos últimas casas tuvieron siempre la vista puesta en conseguir la titularidad del liderazgo político militar de la cristiandad europea.” Cf. ALBERDI, Jon Arrieta. *La Idea de España...*, p. 120.

²⁹⁰ Ibidem, p. 121.

Europa era sentida cada vez más como una amenaza.”²⁹¹ Jiří Chalupa ilustra, em seu trabalho, que “*los vascos han sido siempre profundamente católicos*”, citando como exemplos Ignacio de Loyola e Francisco Javier²⁹².

Porém, José Ángel Ascunce Arrieta²⁹³ esclarece melhor esta “contribuição” por parte dos bascos na medida em que defende a idéia de que América tem uma “dívida cultural” para com esse povo, não descartando também o contrário²⁹⁴. O autor aponta que, apesar da influência basca para América não ter sido *determinante* — uma vez que admite que o continente foi receptor de múltiplas influências européias —, ela foi, no mínimo, indiscutível. Como exemplos pessoais do que ele chama de uma *impronta* basca para América no período identificado como *Renascimento/Barroco*, isto é, entre os séculos XVI e XVII, ele também destaca as figuras de Ignacio de Loyola — o fundador da Companhia de Jesus — e Francisco Javier no plano religioso²⁹⁵, Francisco de Vitoria como representante do direito internacional e Lope de Aguirre no plano militar.²⁹⁶

Apesar das distinções feitas com relação às respectivas áreas de atuação destas personalidades, o autor destaca que todas são emblemáticas em um ponto: elas “*encarnam (...) las razones de Estado e Iglesia*”, uma vez que estão imbuídas do espírito próprio do período, “*marcado por las fuerzas y presiones de la cultura contrarreformista.*”²⁹⁷

Na carta destinada ao rei, Aguirre identifica-se em vários aspectos a um *bascongado*, conforme o significado atribuído a esta identidade que aqui está sendo colocado. Logo na

²⁹¹ MARIJUÁN, Rosario Porres. *Oligarquías y Municipio en la España de los Austrias*. Disponível em: rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/1427/1/RHM_19_11.pdf.

²⁹² CHALUPA, Jiří. *Los Vascos Siguen Luchando. Las peripecias históricas del nacionalismo vasco*. In: Acta Universitatis Palackianae Olomucensis Facultas Philosophica. Philologica 71 Romanica VII. Agosto 2002, p. 217.

²⁹³ ASCUENCE ARRIETA, José Ángel. *América y los vascos. Relaciones de una deuda cultural*. In: *Rev. Int. Estud. Vascos*, 43, 1, 1998, 15-32.

²⁹⁴ “*América no sería lo que es hoy en día sin la presencia del factor humano y del potencial creativo y generador de riquezas materiales y espirituales que supuso la permanente emigración vasca; tampoco el País Vasco sería lo que es hoy en día sin la América receptora de su excedente humano y portadora de muchas de sus conquistas históricas.*” Cf. ASCUENCE ARRIETA, José Ángel. *América y los vascos...*, p. 17.

²⁹⁵ Cf. ASCUENCE ARRIETA, José Ángel. *América y los vascos...*, p. 19.

²⁹⁶ *Ibidem*.

²⁹⁷ *Idem, ibidem*.

introdução, em uma espécie de “apresentação pessoal” ao seu destinatário, Aguirre assim se identifica: “*Lope de Aguirre, tu mínimo vasallo, cristiano viejo, de medianos padres, hidalgo, natural vascongado, en el reino de España, en la villa de Oñate vecino (...)*”.²⁹⁸

Em outro momento da carta, Aguirre, numa espécie de diálogo com o rei, manifesta a *xenofobia* que sentia em relação às idéias luteranas: é quando comunica ao monarca que suas ações, àquela altura, já não surtiam mais o efeito esperado: “*(...) tenemos en esta tierra tus perdones por de menos crédito que los libros de Martín Lutero.*”²⁹⁹

Aguirre manifesta esta xenofobia também no momento em que faz uma pequena relação da expedição. Na oportunidade, dá provas de que sua fé e a de seus *marañones* continua impermeável à influência das doutrinas alemãs:

“*A la salida que hicimos del río de las Amazonas, que se llama el Marañón, vi en una isla poblada de cristianos, que tiene por nombre la Margarita, unas relaciones que venían de España, de la gran cisma de luteranos que hay en ella, que nos pusieron temor y espanto, pues aquí en nuestra compañía, hubo un alemán, por su nombre Monteverde, y lo hice hacer pedazos. Los hados [destinos] darán a la paga a los cuerpos, pero donde nosotros estuviéremos, cree, excelente Príncipe, que cumple que todos vivan muy perfectamente en la fe de Cristo*”.³⁰⁰

Esta passagem ilustra muito bem a idéia levantada por Rosario Porres Marijuán e José Ángel Ascunce Arrieta. De fato, Lope de Aguirre demonstra o quanto está determinado na tarefa de defender a todo custo a fé católica, mostrando uma repugnância radical às idéias luteranas. Segundo ele, estas idéias perigosas devem ser extirpadas, porquanto acabem ameaçando a fé católica entre os espanhóis, das quais, por estarem distantes, encontram-se a salvo:

²⁹⁸ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 194.

²⁹⁹ Ibidem, p. 195.

³⁰⁰ Ibidem, p. 196.

*“Sabes que vemos en estas partes, excelente Rey y Señor, que conquistaste a Alemania con armas, y Alemania ha conquistado a España con vicios, de que, cierto, nos hallamos acá más contentos con maíz [milho] y agua, sólo por estar apartados de tan mala ironía, que los que en ella han caído pueden estar con sus regalos. Anden las guerras por donde anduvieron, pues para los hombres se hicieron; mas en ningún tiempo, ni por adversidad que nos venga, no dejaremos de ser sujetos y obedientes a los preceptos de la Santa Madre Iglesia romana.”*³⁰¹

No entanto, ao mesmo tempo em que denuncia a perigosa propagação das idéias reformistas, Aguirre também é crítico em relação à Igreja Católica, e não poupa palavras ou gestos para defender a doutrina. Neste sentido, além de denunciar a corrupção do clero, promete tirar a vida de todos os que porventura encontrasse, uma vez que achavam-se desviados do ideal missionário e, por conta disso, prejudicavam um dos objetivos do Império nas Índias, que era o ideal de evangelização:

*“Especialmente es tan gran la disolución de los frailes en estas partes, que, cierto, conviene que venga sobre ellos tu ira y castigo, porque ya no hay ninguno que presuma de menos que de Gobernador. Mira, mira, Rey, que no le creas lo que te dijeren, pues las lágrimas que allá echan delante tu Real persona, es para venir acá a mandar. Si quieres saber la vida que por acá tienen, es entender en mercaderías, procurar y adquirir bienes temporales, vender los Sacramentos de la Iglesia por prescio; enemigos de pobres, incaritativos, ambiciosos, glotones y soberbios, de manera que, por mínimo que sea un fraile, pretende mandar y gobernar todas estas tierras. Pon remedio, Rey e Señor, porque destas cosas y malos exemplos, no está imprimida ni fijada la fe en los naturales; y, más te digo, que si esta disolución destos frailes no se quita de aquí, no faltarán escándalos.”*³⁰²

³⁰¹ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 196.

³⁰² *Ibidem*, p. 197.

Estas passagens parecem ilustrar bem aquilo que Marijuán e Ascience Arrieta haviam assinalado em relação aos bascos: seu comprometimento com as razões do Estado e da Igreja. Na carta, Aguirre demonstrava a sua grande preocupação com as grandes tarefas norteadoras do Império, como se, *de fato*, dele fizesse parte: talvez esta sua preocupação reflita aquilo que bem observou John Elliott a respeito dos espanhóis do período: por causa de sua missão imperial, bem como dos efeitos desta missão, sentiam-se superiores, atitude que os deixou vulneráveis à arrogância, pela qual atraiu a antipatia do resto do continente europeu.³⁰³

Mas, ao mesmo tempo em que atua como um porta-voz da missão do Império Espanhol, percebemos que uma das preocupações do rebelde é seu forte sentimento de justiça; desta forma, assim como denuncia a ideologia reformista-protestante por considerá-la perigosa, não deixa também, como vimos, de denunciar os abusos cometidos dentro da própria Igreja Católica pelos seus representantes.

Entretanto, a mensagem veiculada por Aguirre não foi compreendida da forma como ele desejava. Relata Vázquez, por exemplo, que, em Borburata, Aguirre e seu bando foram tidos por luteranos, de acordo com o testemunho de um mercador³⁰⁴, o que faz realmente sentido se considerarmos que, como assegura Louis Dumont, Lutero havia rejeitado a participação humana como mediação entre Deus e os homens:

*“Lutero expulsara Deus do mundo ao rejeitar a mediação institucionalizada na Igreja Católica, onde Deus estava presente por delegação em homens distinguidos como intermediários (os dignatários da Igreja, sacerdotes investidos de poderes sacramentais, monges devotados a um tipo superior de vida.”*³⁰⁵

³⁰³ Cf. ELLIOTT, Jonh. *España y Su Imperio...*, p. 3.

³⁰⁴ Como este estivesse escondido, e sendo encontrado pelos seus marañones, trouxeram o mercador até seu chefe. O mercador revelou a Aguirre que estava escondido por medo. Quando interrogado a respeito do que falavam pela região a respeito dele e de seu bando, o mercador revelou: “*Señor, dicen es Vuestra Merced y los que con él vienen luteranos malos y crueles (...)*”. Cf. VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 144.

³⁰⁵ Cf. DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 64-65.

Esta idéia faz muito sentido, se recordarmos que uma das questões centrais justificadoras da Reforma e admitidas consensualmente eram os abusos cometidos pelas autoridades católicas, como por exemplo a venda de indulgências, pela qual mantinham uma vida marcada pelo apego às riquezas terrenas. Foi devido às suas denúncias contra os abusos do clero e seus distanciamento dos ideais de evangelização que Aguirre foi interpretado como luterano.

Ascunce Arrieta refere-se ainda a uma outra questão importante: a de que o povo basco, devido a pressões demográficas e econômicas, tem sido empreendedor e aventureiro, assumindo, nas expedições de conquista e colonização, o papel de protagonistas.³⁰⁶

Podemos encontrar um exemplo desta idéia na crônica de Zúñiga. O cronista, em várias passagens, alude às origens bascas a explicação para determinados acontecimentos. Assim, por exemplo, no momento em que os expedicionários viram-se perdidos porque não encontravam nenhuma região rica, Ursua foi advertido por alguns de seus amigos para que repartisse cargos e elegeisse um capitão de guarda, já que não estava agradando a alguns soldados ali presentes. A esta advertência, Ursua, sentindo-se em segurança, respondeu que não era necessário, pois eram todos “vizcainos”:

“Hobo algunos amigos suyos que muchas veces le dijeron y aconsejaron que repartiese cargos y hiciese capitanes y oficiales de su campo (...); y también le dijeron que faciese un capitan de su guardia y llegase asi una docena ó dos de sus más amigos, y se guardase y estuviese á recaudo, porquestaba mal quisto y le querian mal agunos (...). A lo cual respondia que no habia menester guarda, donde tenia tantos vizcainos de su banda, que á primera palabra que en vascuence les hablase, vendrian todos á morir por él; y ellos fueron los primeros en el motin y en su muerte.”³⁰⁷

³⁰⁶ Cf. ASCUENCE ARRIETA, José Ángel. *América y los vascos...*, p. 17.

³⁰⁷ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 229.

Em outro momento, Zúñiga se utiliza da mesma noção para explicar o perigo que representava esta reunião de bascos numa mesma expedição, quando alguns soldados que faziam parte da facção de Juan Alonso de la Bandera — então inimigo de Aguirre — consideraram que era melhor que matassem a este, pois representava uma ameaça: “*Fueron de voto alguns que matasen á Lope de Aguirre (...), porque tenia muchos amigos vizcainos, y era hombre bellicoso, y no se pusiese en algo; el cual general D. Fernando no consintió en ello (...).*”³⁰⁸

Narrando uma terceira situação, em que Aguirre, após matar Fernando de Guzman, retoma seu cargo de mestre de campo, Gonzalo de Zúñiga, desta vez, opõe os *vizcaínos* e a “gente nobre”, conferindo aos primeiros — entre eles Lope de Aguirre — a condição de representarem tudo aquilo que era considerado *desonrado*:

“*Luego quedó el cruel Lopez (sic!) de Aguirre con el cargo de maese de campo, y llegó así mucha gente para su guardia, con la cual anduvo siempre muy recatado y à recaudo. Y eran todos vizcainos y marineros y gente de costa y de poca honra, á los cuales, como den lugar para robar y andar en vicios, como él les daba, es gente muy maldita y mala; y así se hicieron, con el cruel tirano, grandes carniceros y crueles, como él no podia ver caballeros y gente noble.*”³⁰⁹

Zúñiga se utilizou da origem de Aguirre para explicar suas atitudes, bem como a dos homens que passaram a ser seus aliados: como eram todos *vizcainos*, seu sentimento de fraternidade que os unia era um elemento a mais que colaborava para o sucesso do motim, muito embora a personalidade de Aguirre e sua *mania persecutoria*³¹⁰ também explicasse, em grande parte, seus atos e a consumação do movimento.

³⁰⁸ Ibidem, p. 236.

³⁰⁹ Ibidem, p. 238.

³¹⁰ Vide JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 88

Dessa forma, acreditamos que todas essas nuances que foram aqui levantadas e brevemente examinadas nos conduzem a uma primeira conclusão: Lope de Aguirre foi, indiscutivelmente, um homem original.

4.4. Aguirre, um homem do seu tempo?

*“Déjenme á mi hacer, que yo haré quel
Pirú sea señoreado por marañones (...).”*

Lope de Aguirre

Blas Matamoro escreveu que Lope de Aguirre redigira uma carta a Felipe II “*de rey a rey*”.³¹¹ Decerto não foi por acaso que o autor argentino se utilizou desta expressão: Aguirre, no conteúdo da carta, trata o rei como a um “igual”, não obstante reconheça sua condição de *vassalo* perante a autoridade real. Entretanto, na carta, o *fuerte caudillo de los marañones* assume uma postura de enfrentamento tão ousada e direta, que faz parecer que se trata de uma vingança pessoal, uma espécie de “batalha ideológica” movida de rei para rei.

Esta forma de colocar a questão faz lembrar o semelhante posicionamento de João Lúcio D’Azevedo, quando este entendeu que Aguirre, após o assassinato de Fernando de Guzman, assumiu o seu lugar como *monarca*.³¹² O historiador compreende a atitude de Aguirre, como já foi colocado, como uma consequência natural dos efeitos da Conquista, muito embora reconheça que o *caudillo* tenha levado sua audácia até as últimas consequências.³¹³ Mas, a despeito da rebelião, de certo modo já prevista de acontecer devido

³¹¹ MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 195.

³¹² “As machinações de Aguirre continuam, e a seus golpes succumbe, dentro em pouco, o rei improvisado. A imaginaria corôa passa ao assassino (...)”. Cf. D’AZEVEDO, João Lúcio. *Os Jesuítas no Grão Pará...*, p. 27.

³¹³ “Quasi um rei era cada soldado, no meio das infelizes populações, de cujo alvredrio e vidas dispunha. D’ahi á quebra dos laços de obediencia e solidariedade, que o prendiam á pátria, a distancia era minima. Lopo de Aguirre facilmente a transpoz.” Ibidem, p. 28.

ao ambiente tumultuado que havia tomado o Peru nas décadas subseqüentes à Conquista, o que explica a existência de uma carta destinada pessoalmente a Felipe II, escrita em um tom tão ousado e com um conteúdo politicamente tão perigoso, a ponto de fazer com que o rei impedisse sua publicação³¹⁴? Que fatores explicariam a audácia de um vassalo que se sentia no direito de cobrar de um monarca tão poderoso direitos que há tempos lhe haviam sido negados?

A carta de Lope de Aguirre a Felipe II aparece transcrita nas crônicas de Vázquez, Almesto e Zúñiga; este último encerra sua relação com a transcrição da carta. Trata-se de uma carta bastante extensa³¹⁵, cujo conteúdo explicita os motivos — ou *doutrina política*, de acordo com Matamoro — que levaram o espanhol ao ato de rebeldia. Aguirre também expõe nela as mortes cometidas por ele e por seus *marañones*, o juramento de morte feito aos “ministros do rei” — isto é, os sacerdotes —, denuncia a corrupção vigente nas *Índias*, bem como relata os acontecimentos inerentes àquela expedição. Aguirre também chega a aconselhar o rei para que administre de forma mais interessada o seu império americano, a fim de evitar abusos, com aqueles que vinham ocorrendo.

De forma bem resumida é este o conteúdo da carta. A respeito dela se ocuparam vários estudiosos, dentre eles Antonio Esteves. No entanto, como também observou Blas Matamoro, na carta sobressai um aspecto, o qual permeia toda a extensão do relato: trata-se do aspecto reivindicatório, notadamente, os trabalhos prestados à Coroa e que não haviam sido recompensados. Conforme a interpretação de Matamoro, Aguirre, veterano de guerra, não era ingênuo a ponto de esperar que sua carta tivesse o efeito de sensibilizar o rei de Castela, a fim de que este, em sinal de arrependimento, pudesse reconhecer os trabalhos daqueles soldados; por esta razão, ele não nutria esperanças de recompensas. Desta forma, ultrajado e ressentido,

³¹⁴ Cf. MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 109.

³¹⁵ Sobre o conteúdo da carta na íntegra, vide Anexos.

ferido em seu sentimento de *honra*, a solução encontrada por ele será a *desnaturalização* dos reinos de Espanha:

*“Avísote, Rey español, adonde cumple haya toda justicia y rectitud, para tan buenos vasallos como en estas tierras tienes, aunque yo, por no poder sufrir más las crueldades que usan estos tus oidores, Visorey y gobernadores, he salido de hecho con mis compañeros, cuyos nombres después te dire, de tu obediencia, y desnaturándonos de nuestras tierras, que es España, y hacerte en estas partes la más cruda guerra que nuestras fuerzas pudieren sustentar y sufrir (...).”*³¹⁶

Conforme Matamoro, a desnaturalização assinalada por Aguirre e comunicada ao rei não foi uma invenção do soldado, ou uma simples atitude descabida, destituída de sentido: era, sim, uma atitude prevista nas *Leyes de Partida*³¹⁷ para aquelas situações onde um senhor submetesse um vassalo a determinadas tarefas que representassem para o implicado o risco de integridade física ou patrimonial:

*“El desnaturarse del rey no es um invento de Lope de Aguirre, sino una institución contemplada por las Leyes de Partida, lo cual hace pensar un asesor jurídico y político que estuviera detrás del caudillo (...). Las leyes de Partida exigen la intervención de un juez y las razones pueden ser: que un señor someta a un vasallo a tareas que pongan en peligro su vida o que le quite su patrimonio.”*³¹⁸

A literata Elsa Barría também contempla, em sua tese, este tema, o qual encontra-se inserido, por sua vez, dentro da temática da *traição*, abordado pela autora. De acordo com Elsa, havia, nesta época, uma relação de “natureza” entre os naturais e seu senhor, relação esta existente desde o medievo espanhol.³¹⁹ Por esta relação, considerada “natural”, havia obrigações do vassalo para com seu senhor, traduzidas num pacto de fidelidade ou lealdade,

³¹⁶ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 194.

³¹⁷ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Barría. *Raíces...*, p. 199.

³¹⁸ MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 112-113.

³¹⁹ HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Barría. *Raíces...*, p. 229-230.

pela qual o vassalo deveria servir, amar, honrar e guardar seu senhor, bem como aumentar seus bens e até receber morte por ele.³²⁰

Por este motivo, *“la lealtad y la fidelidad al monarca eran permanentes, y su poder era incuestionable, aunque se podían criticar las directrices o las medidas que adoptaba, como fue el caso de las Leyes Nuevas en Indias.”*³²¹

Antes de entrarmos na discussão a respeito das Novas Leis, achamos necessário ponderar sobre esta relação de obrigações do súdito com relação ao senhor. Lope de Aguirre, na condição de vassalo, rompeu, com seu ato de desnaturalização, com o pacto de fidelidade natural. Em consequência, esteve, a partir daquele ato, sujeito às penalidades previstas nas *Partidas*. No entanto, cabe aqui uma ressalva: Aguirre sentia-se injustiçado pelo seu senhor, porque este não cumpria com seu dever. Em relação a este aspecto, Elsa Barría não se esquece de assinalar, todavia, que também havia certas “obrigações” por parte do senhor para com seus súditos: *“Pero esta lealtad no sólo supone la obligación hacia el monarca, sino que éste también tiene que amar, honrar y guardar a su pueblo”*.³²²

Neste sentido, não estaria Aguirre em seu direito ao questionar as diretrizes políticas e administrativas adotadas pelo rei espanhol, injustas em seu ponto de vista? Certamente que sim. Em relação a este particular, Auxiliomar Ugarte, retomando a declaração do historiador Francisco de Solano a respeito do crime de traição, lembra o significado que teve o ato de desnaturalização de iniciativa do rebelde dentro do movimento:

“O historiador Francisco de Solano classifica como ‘excepcional’ esse comportamento, equiparável somente à rebelião de Gonzalo Pizarro (1544-1548), dado que um dos elementos fundamentais no conquistador espanhol era sua fidelidade à monarquia, e embora as diretrizes políticas fossem criticáveis, o poder real nunca

³²⁰ Ibidem, p. 230.

³²¹ Ibidem, p. 230.

³²² Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Barría. *Raíces...*, p. 241.

se questionava. Portanto, os novos comandantes da Jornada incorriam no crime de *lesa-majestade*.³²³ (grifo nosso)

Portanto, de acordo com a doutrina jurídica do período, o crime de Aguirre estava não em questionar as atitudes, por ele condenáveis, do rei, mas no ato de desnaturalização por ele declarado.

Para efeito de comparação, vejamos como se comportavam outros súditos do período em relação à Sua Majestade Espanhola. Retomando, por exemplo, a discussão em relação às Novas Leis e sobre sua repercussão no Peru, Elsa Barría, conforme já assinalamos, destaca que elas foram questionadas, ou seja, não foram simplesmente aceitas, como talvez calculassem as autoridades reais.³²⁴ Entretanto, mais do que não aceitas, as Novas Leis foram totalmente repelidas.³²⁵

Em relação a esta questão, Emiliano Jos entendeu que as idéias de oposição a estas Novas Ordenanças de 1542 não foram consideradas deslealdade, mas sim uma defesa legítima dos direitos adquiridos pelos conquistadores. Para ele, estas idéias inclusive “*influyeron sin duda alguna en el ánimo de Aguirre*”³²⁶, uma vez que “*(...) podían ellos [os conquistadores] oponerse a quien pretendiera desposeerles de lo que habían adquirido por su esfuerzo, sin caer en deslealtad.*”³²⁷

A observação de Emiliano Jos tem importância justamente no fato de ele ter percebido até que ponto os conquistadores espanhóis podiam ir sem romperem a relação de fidelidade para com seu rei natural. Neste ponto, é ilustrativa a informação de Manoel Faucher. Segundo

³²³ Cf. UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas...*, p. 25.

³²⁴ “*As imagens do Novo Mundo chegavam, na maioria das vezes, embaçadas e distorcidas, com informações enganosas e limitadas, induzindo a Coroa, através do Conselho, a agir como avesso do espelho do Novo Mundo. Em consequência, cometiam-se equívocos e discrepâncias na elaboração de leis, normas, entre outras instruções.*” Cf. RIBAS, Rui Edmar. *O Cedulário Indiano, de Diego de Encinas, no Emergir do Novo Mundo: as relações da Coroa hispânica com as áreas coloniais no século XVI*. In: *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 27-42, 2º sem. 2006, p. 36.

³²⁵ Sobre esta discussão, vide capítulo 1.

³²⁶ Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 49.

³²⁷ *Ibidem*, p. 49.

este autor, durante o exercício de seu governo no Peru, Gonzalo Pizarro havia sido aconselhado por seu mestre de campo Francisco de Carvajal para que enfrentasse a Coroa e se auto-proclamasse rei:

*“Entre sus más ardientes partidarios, algunos — entre los que como no podía ser de otro modo se encontraba Carvajal —, presionaban a Gonzalo para que consumase la rebelión, casándose para ello con una princesa inca, y se proclamase rey.”*³²⁸

No entanto, talvez movido por um profundo sentimento de fidelidade ao seu senhor, Gonzalo Pizarro recuou. Fulgencio López acrescenta ainda que ter deixado escapar esta oportunidade custou a Pizarro *“la pérdida del imperio y la pérdida de sua cabeza.”*³²⁹ Apesar de à primeira vista a atitude de Pizarro parecer covardia, preferimos optar pelo ponto de vista de que o ideal de serviço a Deus e à Sua Majestade, já discutido em capítulo anterior, muito embora tenha sido relativizado no Novo Continente — como o foram muitos de seus costumes —, constituía um vínculo tão arraigado entre os espanhóis que nem mesmo todo o poder alcançado no Novo Continente e nem o processo de *indianização* sofrido foi suficiente para que ignorassem este elemento de sua cultura. Afinal, apesar de estarem do outro lado do mundo, ainda eram espanhóis.

Deste modo, no que se refere a este processo de assimilação, é importante não ignorarmos que este novo contexto teve sua grande parcela de contribuição no que se refere a uma nova interpretação da administração espanhola. Entretanto, a explicação não se esgota por aí.

Assim, como já discutimos no primeiro capítulo, inicialmente a administração do império americano ficou por conta dos primeiros conquistadores, os quais desfrutavam, até certo ponto, de uma autonomia política. Os problemas começaram a se apresentar a partir do

³²⁸ Cf. FAUCHER, Manoel. *Aguirre o La Fiebre de La Independência. Relato Verídico de La Expedicion de Omagua y El Dorado (1560-1561)*. Editorial Txertoa, s.d., p. 21. A mesma informação pode ser encontrada em BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 567-568 e em LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre...*, p. 53.

³²⁹ LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre...*, p. 53.

momento em que as autoridades reais acharam por bem administrar de forma efetiva aquele novo império, o que significou, para a recém-formada elite local, uma intromissão nos seus assuntos: na prática, o Peru pertencia aos conquistadores, era seu *de fato*, muito embora não o fosse *de direito*: os conquistadores estavam convencidos de que aquele território lhes era devido, estimando-se os únicos capazes de administrar as terras que tinham submetido.”³³⁰

Uma prova deste sentimento de propriedade que tomou conta dos conquistadores é dada por Blas Matamoro: recorda o autor que, após a batalha contra Almagro, “(...) Pizarro, victorioso, envía un barco cargado de oro al Emperador, para hacerse disculpar la guerra civil. Es una muestra de que trata a Su Majestad de igual a igual (...).”³³¹

Carmen Bernand e Serge Gruzinski procuram mostrar também o quanto a nova sociedade hispanoperuana colaborou para imprimir nos conquistadores espanhóis este sentimento de estrangeirismo. Neste sentido, reforçam o quanto conquistadores, a exemplo de Pizarro, adaptavam-se maravilhosamente bem ao novo ambiente:

“As crônicas de época só registraram esses traços formais, estereotipados, de um conquistador exemplar. Contudo, Pizarro afasta-se do modelo peninsular, pois era um homem das Índias: ele e seus porta-vozes invocavam com muito boa vontade seu amor pelo Novo Mundo. Ele provavelmente já desatara as pontes que o ligavam a uma Espanha onde não tinha lugar e para onde só voltaria uma vez, com o intuito de solicitar ao imperador uma capitulação. Embora tivesse uma personalidade muito diferente da de Balboa (...), também se indianizou, sem dúvida, tornando seus hábitos indígenas, como o uso do tabaco e o consumo de bebidas fermentadas.”³³²

Segundo compreendemos, este sentimento de *indianização* de que falam Carmen Bernand e Serge Gruzinski explica, em parte, esta desobediência dos conquistadores em

³³⁰ Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 552.

³³¹ Cf. MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 22.

³³² Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 471.

relação à Sua Majestade, tão distante que os fazia sentir invulneráveis³³³. No entanto, a radicalização deste processo, que culminou na rebelião de Gonzalo Pizarro, foi duramente reprimida pelas tropas reais, porquanto ameaçava a permanência do poder real. Assim, apesar de a monarquia utilizar-se de tolerância e até fazer vista grossa para alguns atos de insubordinação — como é o caso da aplicação das Novas Leis e toda a adaptação que teve que sofrer³³⁴ para poder entrar em vigor, assim mesmo com uma grande margem de oposição —, ela não tolerava a rebelião aberta porquanto ameaçasse as bases de seu poder.³³⁵

Por outro lado, compreendemos que também era muito difícil para os conquistadores permanecerem como vassalos fiéis num momento em que experimentavam certa liberdade e autonomia política e, o mais importante, desfrutavam de uma vida que na sua pátria só era concedida aos nobres de nascimento. Assim, fica muito fácil entender porque reagiram quando sua vida e privilégios, conseguidos com muito esforço, estavam sendo ameaçados, uma vez que, afinal, haviam arriscado suas vidas naquela tarefa.

Vale ressaltar aqui o que afinal representava, para Espanha, seu império americano que então começava a se formar. Em relação a este ponto, vários autores são unânimes em concordar que América era um *apêndice* distante em seu dilatado império, cuja importância estava tão somente em financiar, com as remessas de metais preciosos, as guerras européias

³³³ “Depois de Almagro, el Mozo, Pizarro e seus conselheiros, escondidos num Peru fora do centro, distante da Península e do istmo, pensavam em romper definitivamente com a Espanha; ‘a própria situação geográfica dava-lhes este sentimento de invulnerabilidade.’” Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 569.

³³⁴ Por conta da rebelião de Gonzalo Pizarro, o presidente Pedro de La Gasca, representando a Coroa Espanhola, revogou parte das mudanças previstas pelas Novas Leis (Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 576). Apesar disso, naquele contexto, mesmo as negociações eram muito difíceis. Edmar Ribas sintetiza um pouco parte desta dificuldade sofrida pelo Império espanhol em administrar as possessões americanas, ao sublinhar que “(...) muitas vezes, resoluções emanadas da Coroa estavam tão fora da realidade, que ela própria aconselhava certa prudência na sua aplicabilidade e execução, suscitando novas condutas, debates, buscando solução para os múltiplos e urgentes problemas que diariamente surgiam na colonização do Novo Mundo.” Cf. RIBAS, Rui Edmar. *O Cedulário Indiano...*, p. 12

³³⁵ “Não devemos esquecer que, mesmo com a distância que os separava da península Ibérica, os conquistadores deveriam prestar contas de seus atos (...).” Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 496.

porque, afinal, interessava-lhe mesmo era a Europa.³³⁶ Entretanto, e apesar disso, mesmo não fazendo parte do centro de interesses de Carlos V ou de Felipe II, seu filho e sucessor, os conflitos envolvendo interesses divergentes entre os conquistadores residentes no Peru, iniciados com Diego de Almagro e Francisco Pizarro, bem como a ambição do poder que os havia levado ao sonho da autonomia política, exigiram da administração espanhola mecanismos de controle eficazes, os quais, pelo seu aspecto revolucionário, como bem destacou John Elliott, constituiriam instrumentos indispensáveis na condução dos novos territórios, além de terem dado ao Sacro Império a nobre condição ser o Estado mais avançado da Europa no século XVI.³³⁷

Voltando ao caso de Aguirre, a sua reivindicação não era com a intenção de assegurar e garantir suas riquezas materiais, uma vez que ele ainda não havia adquirido nenhuma. É justamente por ainda não ter logrado nenhum privilégio que ele sente-se tão ressentido, uma vez que a partilha das riquezas peruanas já havia acontecido entre os primeiros conquistadores³³⁸. No entanto, ele, como outros que chegam ao Peru após os primeiros, lutam ao lado de seus pares, pois todos representavam uma parcela social que havia emigrado na busca de uma vida melhor porque, em sua pátria, não havia lugar digno.³³⁹

³³⁶ Elsa Barría havia assinalado que “*el oro y la plata provenientes de Indias se utilizaron para mantener las guerras europeas*”. Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Barría, p. 41. John Elliott também mostrou que “*una de las implicaciones más importantes del imperio de ultramar para la España del siglo XVI era que servía para proporcionar a la corona recursos necesarios para embarcarse en aventuras militares que estaban más allá del alcance de sus rivales europeos*.” Cf. ELLIOTT, John. *España y Su Imperio...*, p. 10. Blas Matamoros também havia discutido esta idéia, ao escrever que “*(...) para el rey, (...), América era um apéndice como lejano y abstracto de su Imperio, cuyo centro estaba en Europa, en la frontera vigilante contra los herejes y contra los musulmanes*.” Cf. MATAMORO, Blas. *Lope de Aguirre...*, p. 95.

³³⁷ Cf. ELLIOTT, John. *España y su imperio...*, p. 5.

³³⁸ “*(...) por todo lugar, aumentava o número daqueles que chegavam tarde demais para a divisão dos despojos; condenados a subsistir sem encomienda, ou seja, sem fácil acesso à mão-de-obra indígena, os novos imigrantes estavam prontos para acompanhar parentes distantes já instalados ou para reunir-se a perigosas explorações*.” Cf. BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo...*, p. 542.

³³⁹ Cf. HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Barría. *Raíces...*, p. 43.

Dessa forma é que Emiliano Jos entende que este contexto de lutas por direitos, manutenção de privilégios e autonomia política, que caracterizou o Peru principalmente nas primeiras décadas do século XVI, influenciou a atitude de Lope de Aguirre. Por enquanto, considerando-se o contexto bastante agitado em que viveu, em que a Corte Espanhola finalmente instala sua máquina administrativa em meio a um Peru já “repartido”, sua atitude subversiva não é excepcional; antes, era esperada, e tanto, que o próprio vice-rei Hurtado de Mendonza, numa “operação de descarga”³⁴⁰ havia confiado a Pedro de Ursua a expedição em busca dos reinos de Omagua e Dorado como uma estratégia para ocupar aqueles soldados que representavam um perigo em potencial.

Poderíamos encerrar por aqui o debate, entendendo a sublevação dos *marañones* como mais um episódio, ao lado de tantos outros, das batalhas que tinham por objetivo tornar o Peru autônomo em relação à Corte Espanhola, não fosse um detalhe que pudemos observar tanto nos relatos como na impressão de alguns autores e na própria carta de Aguirre a Felipe II: trata-se do aspecto particular que assumiu a rebelião.

Nesta forma de entendimento, a sublevação de Aguirre possui contornos particulares que, ao mesmo tempo em que se assemelha às rebeliões de sua época, por outro lado levam-nos a compreendê-la como a rebelião de um único homem, se é que a palavra *rebelião* possa ser utilizada neste sentido. A idéia que aqui queremos expor não é uma interpretação particular, mas uma conclusão a que se chega da leitura das crônicas. Em todas elas, ao longo da narração percebemos uma idéia constante defendida pelos seus autores: a de que Aguirre, pelo uso da força, da persuasão e do medo, forçou os soldados a assinarem o documento em que tentava legitimar a rebelião e eleger o novo general Fernando de Guzman.

³⁴⁰ “(...) fazendo parte da grande ‘operação de descarga’ arquitetada pelo Marquês de Cañete, a Jornada de Omagua y Dorado portava contradições e tensões socioeconômicas que — ao não serem sanadas imediatamente, conforme a expectativa daqueles integrantes — poderiam explodir em nova revolta, como veio a ocorrer, de fato, ao longo desta viagem.” Cf Ugarte, Auxiliomar. *Margens Míticas...*, p. 22.

Em relação a este particular aspecto, Emiliano Jos já havia questionado a possibilidade real de haver unanimidade na eleição de Fernando de Guzman como general e da declaração formal de traição à Coroa Espanhola pelas assinaturas contidas no documento, eleição, como já vimos, arranjada por Aguirre. Entende o historiador que a dita unanimidade seria, no mínimo, incrível demais para ser aceita, e que mais razoável é pensar que o documento, forjado pelo rebelde, representava o resultado de *sua* vontade.³⁴¹

Além disso, o próprio prosseguimento da rebelião dependia da adesão dos soldados. Neste sentido, podemos afirmar que há uma verdadeira unanimidade entre os cronistas na interpretação que deram ao movimento, qual seja, a de que tratava-se muito mais do resultado da vontade particular de Lope de Aguirre. Os argumentos que respaldam esta idéia estão presentes nas crônicas: assim, por exemplo, se no início o movimento era caracterizado por uma intenção *coletiva* — que pode ser testemunhada pelo assassinato do governador Pedro de Ursua —, a continuidade da sublevação se deu não só pelo comando, mas pela vontade de Lope de Aguirre, uma vez que ele procurou impor sua vontade, eliminando os rivais.

Em relação a este aspecto, muito valiosa é a versão de Gonzalo de Zúñiga. Uma das características da crônica de Zúñiga, a qual atesta para sua autenticidade, está na forma como apresentou Lope de Aguirre. Além de ter dado às atitudes do rebelde uma explicação sobrenatural — em várias passagens ele demonstra como Aguirre era um aliado do demônio³⁴² —, Zúñiga dá relevo à percepção psicológica que teve do rebelde.

³⁴¹ “Notemos la imposibilidad completa de que tal cosa sucediese entre 300 hombres o poco menos, apuntemos con sospecha su increíble unanimidad (...); es decir, que se puede sospechar que el tal documento fué dictado por Aguirre, y vamos a ver que sobre las firmas que sus soldados habían puesto en un papel en blanco.” Cf. JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa...*, p. 79.

³⁴² ...como podemos verificar nas seguintes passagens, onde o autor procura explicar como Aguirre conseguia escapar de ser morto pelos soldados: “(...) por ninguna via pudieron matarle ni alzarse por el Rey nuestro señor, porque las veces que se intentó, parece quel demonio se lo decia, parece traer familiar, como algunos dicen, y lo sabia luego (...)”; “Estando de partida, se ordenó un motin contra ele cruel tirano para matarlo y alzar bandera por S. M. (...). El cual dicho tirano lo sintió y supo del demonio, segundo pareció, porque dijo que á media noche lo habia sentido en su corazon.” Cf. ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 238 e 248, respectivamente.

Retomemos aqui o exemplo já assinalado acima, em que, após a morte do governador, a armada reúne-se para decidir os novos rumos que deveriam ser tomados. Conforme Zúñiga, Aguirre toma a iniciativa e, *por determinação sua*, ordena a eleição de Fernando de Guzman como novo general:

*“De ahí algunos dias ordenó el cruel tirano de Lope de Aguirre, con sus amigos, de alzar por general á D. Fernando de Guzman, estándose ya alzado y apoderado de todo el campo, donde que mataron al gobernador Pedro de Orsua: y asi hizo tocar el atambor para que todos se juntasen.”*³⁴³

Neste aspecto, pudemos constatar que Vázquez e Alместo são mais reservados, e narram que, *por conselho* de Aguirre, Guzman quis que o elegessem como general. Assim, conforme Vázquez,

*“En este tiempo por consejo del tirano Lope de Aguirre quiso D. Fernando de Guzmán que todo el campo le tuviese y eliegesse por general, y para esto tenían prevenido sus amigos y aliados. Mandó juntar toda la gente del campo en una plaza junto a su posada (...).”*³⁴⁴

Em Alместo:

*En este tiempo, por consejo del tirano Lope de Aguirre, quiso D. Fernando de Guzmán que todo el campo le tuviese por General, y para esto, teniendo prevenidos sus amigos y aliados, mandó juntar toda la gente del campo en una plaza, junto a su posada (...).”*³⁴⁵

³⁴³ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 239.

³⁴⁴ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 84-85.

³⁴⁵ ALMESTO, Pedrarias de. *Relación...*, p. 137.

Notemos que, em relação a Vázquez e Alместo, Zúñiga é mais objetivo quando se trata de demonstrar quem estava no comando da expedição. Ele não deixa dúvidas de que Lope de Aguirre era, *de fato*, o novo general.

Dessa forma, após o discurso, os soldados que haviam dado sua palavra de que aceitavam a “guerra do Peru”, deveriam assinar um documento, comprometendo-se de fato com a sublevação, conforme registrado nas três relações. Zúñiga, neste momento, revela, em sua narrativa, um aspecto muito sutil de Aguirre: a de que o rebelde, *pelo olhar*, podia saber quem *de fato* estava aderindo à causa:

*“Estando firmando, estaba el maese de campo Lope de Aguirre con um rostro airado mirando los que venian á firmar, si se turbaban ó si venian de mala gana, y mirando los que firmaban á la cara, por ver cuál se demudaba ó turbaba y recibia alteracion en su rostro, para conocer cuáles eran amigos ó enemigos; por lo cual todos no osaban mostrar sino muy alegre semblante y decir mucho bien de negocio.”*³⁴⁶

Em continuação, Zúñiga esclarece o motivo da assinatura do documento:

*“Todo lo susodicho ordenó el cruel tirano de Lope de Aguirre, porque entendiesen los soldados questaban muy prendados con esta firma, y que pensaban que habian pecado gravemente contra S. M., porque como hombres condenados y aborridos, determinasen á seguir sus tiranias, como hombres que ya no tenian remedio de vivir fuera de su poder, habiendo pecado tan gravemente.”*³⁴⁷

Conforme as palavras de Zúñiga, a intenção do rebelde era forçar os soldados a aderirem à *sua* causa, já que nem todos, ou mesmo a maioria parecia não estar disposta a ser

³⁴⁶ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 239-240. De acordo com Zúñiga, esta atitude do rebelde era na realidade uma estratégia sua utilizada para conhecer quem eram, na realidade seus seguidores e seus opositores. Caso percebesse que havia inimigos entre os seus, procurava logo eliminá-los, pois “*quel negocio en que estaba era el más delicado de los sucedidos en Pirú (...)*.” Cf. ZÚÑIGA Gonzalo de. *Relación...*, p. 247.

³⁴⁷ ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 240.

condenada por tão grave delito. Como percebesse esta atitude, para ele covarde, ele acaba forçando a situação, muito embora entendesse, no seu íntimo, que o plano atendia a um bem comum: “*lo que yo pretendo es ver á vuestras mercedes muy prósperos y ponerles el Pirú en las manos, para que corten á sua voluntad. Déjenme á mi hacer, que yo haré quel Pirú sea señoreado y gobernado por marañones.*”³⁴⁸

Uma característica narrada pelos três cronistas e que sustenta nossa hipótese refere-se à atitude de Aguirre, desde que tinha assumido o comando da expedição, ainda quando Guzman era o general. Destacam eles que Aguirre costumava andar armado e que, à medida em que ganhava mais adeptos e mais opositores, sua guarda pessoal crescia. Assim, em várias passagens, Vázquez demonstra o quão cauteloso andava *el tirano*:

“(...) *Lope de Aguirre tenía siempre consigo muchos amigos (...).*”³⁴⁹

“(...) *el tirano Lope de Aguirre maese de campo entendia en llegar amigos, y hizo una compañía de cuarenta soldados de sus mayores amigos, y los más aderezados de todo el campo (...).*”³⁵⁰

“(...) *el tirano Aguirre siempre buscaba y llegaba más amigos; andaba siempre acompañado de más de sesenta armados, y publicaba que lo hacía para guardar a su príncipe (...).*”³⁵¹

Em Zúñiga também há referências a esta atitude do *tirano* como defesa contra seus rivais:

³⁴⁸ Ibidem, p. 246.

³⁴⁹ VÁZQUEZ, Francisco. *Relación...*, p. 93.

³⁵⁰ Ibidem, p. 94.

³⁵¹ Ibidem, p. 97. Trechos idênticos são encontrados na relação de Alместo nas páginas 145 e 147.

“Anduvo el cruel tirano Lope de Aguirre, despues de lo sucedido, con muy gran guardia de arcabuzeros y muy recatado para guardar su Príncipe (...).”³⁵²

“(...) y así estuvo siempre con cinqueta arcabuzeros de guardia de día y de noche, con las mechas encendidas, armados de todos las cotas del campo.”³⁵³

Estes pequenos trechos depõem a favor da déia de que a rebelião assumiu uma feição mais particularizada, mais individual, uma vez que os soldados, com raras exceções³⁵⁴, foram forçados a aderir ao movimento. É dessa forma que postulamos que a rebelião foi, em sua essência, a manifestação de uma vontade individual.

Compreendemos, assim, que todas as características que remetem ao personagem Lope de Aguirre — sua origem vasca; o fato de ter sido ele um soldado envolvido por um ambiente de guerras civis do seu tempo, ou mesmo suas próprias características pessoais, como foram bem ressaltadas principalmente pelo cronista Gonzalo de Zúñiga —, colaboraram, como vimos, para a ocorrência do movimento rebelde e seus desdobramentos; motivações, portanto, tanto de cunho *geral* quanto *pessoal*, o que nos faz chegar a uma última conclusão: para além de todos os adjetivos que a ele foram imputados ao longo de décadas de estudos, Lope de Aguirre pode e *deve* ser lembrado como um *original* homem do seu tempo.

³⁵² ZÚÑIGA, Gonzalo de. *Relación...*, p. 244.

³⁵³ *Ibidem*, p. 247.

³⁵⁴ ...como foi o caso de Antón Llamoso, muito amigo de Lope de Aguirre, que permaneceu com ele até o seu fim, dando provas de *m* *áxima fidelidade*.

CONCLUSÃO

Inicialmente, a proposta deste trabalho versava sobre o mundo amazônico devassado pela expedição Ursua-Aguirre — mais especificamente, as sociedades indígenas com as quais os expedicionários tiveram contato, seus modos de organização, as condições climáticas, etc. No entanto, a proposta, talvez pela falta de maior quantidade de leituras de trabalhos especializados, mostrou-se por demais ampla, além de vaga. Somente com o exame das crônicas de Francisco Vázquez, Pedrarias de Alместo, Gonzalo de Zúñiga, principalmente, e, secundariamente, de Pedro de Monguía, Custodio Hernandez e da relação Anônima — seis das onze ou doze crônicas que testemunham a expedição —, um mundo de possibilidades novas e ricas para a pesquisa se abriu, tornando difícil uma escolha. Entretanto, após este contato com os documentos, finalmente optamos por aquilo que mais ganhou destaque nos relatos, que foi a rebelião ocorrida em meio à expedição.

Fazendo parte do aspecto interno da jornada — os externos constituem a rota tomada pelo corpo expedicionário, bem como as populações nativas com as quais tiveram contato —, a escolha da temática possibilitou rever alguns aspectos interessantes da história européia ocidental, tais como a constituição do Império Espanhol em seu aspecto *moderno*, sua missão de homogeneizar a Europa pela fé católica, combatendo o avanço da Reforma Protestante, a incrível administração de seus territórios, as características do povo espanhol do período, etc.

Por outro lado, o estudo dos acontecimentos internos da expedição possibilitou também o exame de uma sociedade que se constituía a partir da Conquista: o vice-reino do Peru. Vimos o quanto o êxito da Conquista modificou as relações dos espanhóis com seu soberano; o quanto aqueles viram-se hipnotizados pelas riquezas reais ou potenciais que haviam nos novos territórios, tornando o poder uma realidade para alguns, a exemplo de Francisco Pizarro. Não obstante, muitos daqueles conquistadores, veteranos das guerras de

Reconquista, viajavam territórios adentro, embalados pelos sonhos de enriquecerem tal como haviam lido nas narrativas de viagem e que havia se convertido em realidade — ao menos para os primeiros. De sorte que, *em busca de Omagua e Dorado*, vários perderam a vida procurando tê-la em abundância. Mas o preço a ser pago, no entanto, não foi tão alto; afinal, eram espanhóis, homens incrivelmente fortes e resistentes, nascidos numa sociedade tradicionalmente educada para a guerra.

Além disso, pudemos também entrar em contato com uma mudança de valores que acontecia por conta das *contradições da Conquista*. Assim, ao mesmo tempo em que conquistadores espanhóis pagavam o preço pelo aumento do Império do qual eram súditos, ao entrarem em contato com uma oportunidade ímpar de terem eles mesmos o *seu quinhão* — uma parte do Império Americano, ou das *Índias* —, viram-se seduzidos pela rica vida que poderiam desfrutar dali em diante; no entanto, A Corte Espanhola não demorou em refrescar sua memória e lembrar-lhes que, no fim das contas, as coisas não haviam mudado nos reinos de Castela, de modo que eles, não obstante o imperial esforço dispendido na Conquista, continuavam súditos. E o preço que pagavam pela desobediência também continuava o mesmo: a condenção à morte.

Outro assunto que ganhou destaque em nosso trabalho, aliás merecidamente, foi o soldado Lope de Aguirre. Sua incrível personalidade, que ensejou um grande número de trabalhos, foi contemplada aqui tendo em conta aspectos como o carisma exercido entre os soldados, o qual lhe valeu a sobrevivência; o fato de ser um exemplo de conquistador *alijado* da conquista, como sucedeu a muitos que chegaram no Novo Continente após a divisão dos bens entre os primeiros e, por conta disso, a rebelião que liderou.

A existência deste soldado espanhol neste período tão singular da história da América, sua reivindicação, em muitos aspectos justa, bem como sua insólita personalidade e sua obstinada busca por justiça foi a principal motivação deste trabalho. E, apesar de não termos

tratado esta personalidade com a devida justiça, pelo fato de limitações inerentes a um trabalho desta natureza, acreditamos que a nossa pequena contribuição foi suficiente para atendermos a um intento: como era de sua vontade, perpetuar a memória de seus feitos.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES CRONÍSTICAS

ALMESTO, Pedrarias de. *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Orsúa fue a descubrir por poderes y comisiones que e dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú, por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón, el cual tiene su nascimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo de alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre, y de las crueldades de estos perversos tiranos.* In: CARVAJAL; ALMESTO; ROJAS. *La aventura del Amazonas.* Madri, Historia 16 (Crónicas de América 19), 1986. Introdução e notas de Rafael Díaz.

ANÔNIMO. *Relaçion de todo lo suçedido en la governacion de omanga qur por otro nombre se llama el dorado, desde que fue encargada a pedro de osua por el marques de cañete, visoRey de los Reynos del Peru, y de como el cruel tirano lope de aguirre lleo a la ysla de la margarita y de las crueldades que hizo hasta salir e la dicha ysla. Tan bien trata de algunas cosas que sucedieron antes que la jornada se proveyese, del desbarate y muerte del tirano por mejor dar a entender el prinçipio y fin que tuvo Aunques falta de Razones es cum(...) de verdade.* In: JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursua al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos.* Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, Espana, 1927.

HERNÁNDEZ, Custodio. *Relaçion muy berdadera que trata de todo lo que acaeçio en la entrada de pedro de Orsua en el descubrimiento del dorado y omagua y de la rrebelion de don hernando de guzman y del muy cruel tirano lope de aguirre suçesor y de cómo mataron al gobernador en la provincia de machifaro ques en el comedio deste rrio nombrado marañon por otro nombre de las Amazonas y por otro nombre El fuerte mar sulse y de las muertes queste cruel tirano dio (a) amigos e hijosdalgo y buenos soldados y a frailes clerigos mugeres no perdonando a nadie y cierto es de maravilla.* In: JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursua al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos.* Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, Espana, 1927.

MONGUIA, Pedro de. *Relacion breve fecha por Pedro de Monguia, capitan que fue de Lope de Aguirre, de lo mas sustancial que ha acontecido, según lo que se me acuerda, de la jornada del gobernador Pedro de Orsua, que salió de los reinos del Perú proveido por el Audiencia real que reside en la ciudad de los Reyes, é por el visorey marqués de Cañete; é del alzamiento de Lope de Aguirre, el cual mató al dicho gobernador Pedro de Orsua é se hizo capitan en él, con intencion de volver al Perú por el nombre de Dios para hacerse rey é señor dél, según lo publica.* In: *Colección de Documentos Inéditos...de América y oceanía.* Madri, Colección del Archivo de Indias, 1865, vol. 4.

VÁZQUEZ, Francisco (1561). *Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente de Peru. Tratase, asimismo, del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos.* In: *El*

Dorado. Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre. Madrid, Alianza Editorial, 1987. Introdução e notas de Javier Ortiz de la Tabla.

ZÚÑIGA, Gonzalo de (1561). *Relación muy verdadera de todo lo sucedido en el río del Marañón, en la provincia del Dorado, hecha por el gobernador Pedro de Orsua, dende que fue enviado de la ciudad de Lima por el Marqués de Cañete, visorey de Los reinos del Pirúy de la muerte del dicho Pedro de Orsua y el comienzo de los tiranos D. Fernando de Guzman y Lope de Aguirre su subcesor, y de lo que hicieron fasta llegar á la Margarita y salir della*. In: *Colección de Documentos Inéditos...de América y oceanía*. Madri, Colección del Archivo de Indias, 1865, vol. 4.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALBERDI, Jon Arrieta. *La Idea de España entre los Vascos de la Edad Moderna*. Disponível em: www.uv.es/rscapv/Anales/97_98/A_117_139_La_idea_de_Espanya_pdf. Data de acesso: 9/7/2008.

ASCUENCE ARRIETA, José Ángel. *América y los vascos. Relaciones de una deuda cultural*. In: *Rev. Int. Estud. Vascos*, 43, 1, 1998, 15-32.

BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. trad. Cristina Murachco.

CHALUPA, Jiří. *Los Vascos Siguen Luchando. Las peripecias históricas del nacionalismo vasco*. In: *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis Facultas Philosophica. Philologica 71 Romanica VII*. Agosto 2002, p. 215-225.

D'AZEVEDO, João Lúcio. *Os Jesuítas no Grão Pará: suas missões e a colonização*. Belém: SECULT, 1999.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985. trad. Álvaro Cabral.

ELLIOTT, John H. *España y Su Imperio en los Siglos XVI y XVII*. In: *España y su mundo (1500-1700)*. Madrid: Alianza, 1990. Colección Taurus Historia.

ESTEVES, Antonio R. *Lope de Aguirre e a História*. In: *Anuário brasileiro de estudos hispânicos*. São Paulo, 1997.

FAUCHER, Manoel. *Aguirre o La Fiebre de La Independência. Relato Verídico de La Expedicion de Omagua y El Dorado (1560-1561)*. Editorial Txertoa, s.d.

FONSECA, Luís Adão. *O Imaginário dos Navegantes Portugueses dos séculos 15 e 16*. In: *Revista Estudos Avançados*, 6 (16), 1992.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- GONZÁLEZ, Elena Mampel. *Lope de Aguirre: crônicas (1559-1561)*. Ediciones Universidad de Barcelona, Editorial 7½ S. A., 1981.
- GUREVICH, Aaron. *A Síntese Histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003. trad. Paulo Bezerra.
- HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. *Raíces Medievales de Las Crônicas Coloniales Españolas: las “Relaciones” del Río Amazonas*. São Paulo, 2000. Tese de Doutoramento em Letras.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- JOS, Emiliano. *La Expedición de Ursúa al Dorado y la Rebelión de Lope de Aguirre. Según documentos y manuscritos inéditos*. Huesca, Talleres Gráficos Editorial V. Campos, España, 1927.
- LE GOFF, Jacques. “Prefácio”. In: BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005. trad. Julia Mainardi.
- LÓPEZ, Casto Fulgencio. *Lope de Aguirre el peregrino. Primer Caudillo de América*. Barcelona, España: 2ª edición, Ediciones Nueva Cadiz, 1953.
- MAHN-LOT, Marianne. *A conquista da América Espanhola*. Campinas, SP: Papirus, 1990. trad. Marina Appenzeller.
- MARIJUÁN, Rosario Porres. *Oligarquías y Municipio en la España de los Austrias*. Disponível em: rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/1427/1/RHM_19_11.pdf. Data de acesso: 09/07/2008.
- MATAMOROS, Blas. *Lope de Aguirre: la aventura de El Dorado*. Madrid: Historia 16 – Información y Revistas, S. A, Editorial Temi, 1986.
- PADRÓN, Francisco Morales. *Los virreinos de América*. Conferencia pronunciada en el curso “La fundación de Occidente”. Ensayo. *Revista Cuenta y Razon*, nº 115, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.
- _____. *Sensibilidades: escrita e leitura da alma*. In: *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- PORRO, Antonio. *As Crônicas do Rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *O Povo das Águas. Ensaio de Etno-História Amazônica*. São Paulo: Edusp; Petrópolis: Vozes, 1995.
- RAMINELLI, Ronald. *Imagens da Colonização. A representação do índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: uma mutação epistemológica rápida (1480-1520)*. Campinas, SP: Papirus, trad. Maria Carolina F. de Castilho, 1994.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *História do Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Governo do Amazonas, 2ª edição, 1989.

RIBAS, Rui Edmar. *O Cedulário Indiano, de Diego de Encinas, no Emergir do Novo Mundo: as relações da Coroa hispânica com as áreas coloniais no século XVI*. In: *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 8, n. 10, p. 27-42, 2º sem. 2006.

SMITH, Anthony. *Os Conquistadores do Amazonas. Quatro Séculos de Exploração no Maior Rio do Mundo*. CAVALLARI, Maria Therezinha M (trad). São Paulo: Editora Best Seller, 1990.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: Feitiçaria e Religiosidade Popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Marcio. *Breve História da Amazônia*. 2ª ed. São Paulo: Marco Zero, 1994.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do século XVI*. In: DEL PRIORI, Mary; GOMES, Flávio dos Santos (org). In: *Os Senhores dos Rios: Amazônia, Margens e Histórias*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. *O Mundo Natural e as Sociedades Indígenas da Amazônia na Visão dos Cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em História.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana e VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DICIONÁRIOS

PEREIRA, Helena B. C, Rena Signer. *Michaelis: Pequeno dicionário Espanhol-Português/Português-Espanhol*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1996.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Ed. ver. e atual. por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

COROMINAS, Joan. *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*. Madrid, Editorial Gredos S. A., 2ª edición, 1967.

ANEXOS

Carta del tirano a su Majestad el Rey Felipe natural español, hijo de Carlos invencible. Lope que (sic!) Aguirre tu mínimo vasalo, cristiano viejo de medianos padres, hijodalgo, natural vascongado en el reyno de España, en la villa de Oñate.³⁵⁵

En mi mocedad pasé el mar oceáno a parte de Perú por valer más con la lanza en la mano, y por cumplir con la deuda que debo de hombre de bien, y así en 24 años te he hecho muchos servicios en el Perú en conquista de indios y en poblar pueblos en tu servicio, especialmente en batallas y reencuentros que ha habido en tu nombre, siempre conforme a mis fuerzas y posible sin importunar a tus oficiales por pagar, como parecerá por tus reales libros. Bien creo Excelentísimo Rey y Señor aunque para mi y mis compañeros no has sido tal, sino cruel e ingrato a tan buenos servicios como has recibido de nosotros, aunque también creo que te deben de engañar los que te escriben desta parte destas Indias, como están tan lejos; aviso Rey español donde cumple halla toda justicia y rectitud para tan buenos vasallos como en estas tierras tienes, aunque yo, por no poder sufrir más las crueldades que hacen y usan estos tus oidores, visorrey y gobernadores, he salido de hecho con mis compañeros (cuyos nombres después diré) de tu obediencia, desnaturalizándonos de nuestras tierras, que es España, y hacerte en estas partes las más crueles guerras que nuestras fuerzas pudiesen sustentar y sufrir; y esto cree Rey y Señor nos ha hecho por no poder sufrir los grandes pechos, apremios y castigos que nos dan estos tus ministros que por remediar a sus hijos y criados no han usurpado y robado nuestra fama, vida y honra, que es lástima, oh Rey, el mal tratamiento que se nos ha hecho, y así manco de mi pierna derecha de los arcabuzazos que me dieron en la batalla de Chucuniga con el mariscal Alonso de Alvarado siguiendo tu voz y apellido contra Francisco Hernández Girón, rebelde a tu servicio, como yo y mis compañeros al presente somos y seremos hasta la muerte, porque ya de hecho hemos alcanzado en este reino cuan cruel eres y quebrantador de fe y palabra, y tenemos en esta tierra tus perdones por de menos crédito que los libros de Martín Lutero, pues tu visorrey y marqués de Cañete, lujurioso, malo, ambicioso y tirano ahorcó a Martín de Robles, hombre señalado en tu servicio, y a Alvaro Tomás Vázquez, conquistador del Perú, y al triste Alonso Díaz, que trabajó más en el descubrimiento deste reino que los exploradores de Moisés en el desierto, y Piedrahita, buen capitán, que rompió muchas batallas en tu servicio, y aun en Pucara ellos te dieron la victoria, porque si no se pasaban hoy fuera Francisco Hernández rey del Perú, y no tengas en mucho el servicio que tus oidores te escriben haberte hecho, porque es muy gran fábula si llaman servicio haberte gastado ocho mil pesos de tu real caja para sus vicios y maldades; castígalos como a malos que cierto lo son. Mira Rey español que no seas cruel a tus vasallos ni ingrato pues estando tu Padre y tú en los reinos de Castilla sin ninguna zozobra, te han dado tus vasallos a costa de su sangre y haciendas tantos reinos y señoríos como en estas partes tienes, y mira Rey y Señor que no puedes llevar con título de Rey justo ningún interés destas partes donde no aventuraste nada, sin que primero los que en ello han trabajado y sudado su sangre, sean gratificados.

Por cierto tengo que van pocos reyes al infierno, que sois pocos que si muchos fuédeses ninguno podría ir al cielo, porque creo que allí seríades peores que lucíferes según tenéis sed y hambre y ambición de hartaros de sangre humana, mas no me maravillo ni hago caso de vosotros, pues os llamáis siempre a menores de edad, y todo hombre inocente es loco y vuestro gobierno es aire; y solamente hago voto a Dios yo y mis 200 arcabuceros, marañones, conquistadores, hijodalgo de no dejar ministro tuyo a vida, porque ya sé hasta donde alcanza tu clemencia, y el día de hoy nos hallamos los más bien aventurados de los nacidos, por estar como estamos en estas partes de Indias, teniendo la fe y mandamientos de Dios enteros y sin

³⁵⁵ (Transcrição da carta de Aguirre a Felipe II presente na crônica de Francisco Vázquez).

corrupción como cristianos, manteniendo lo que predica la Santa Madre Iglesia de Roma, y pretendemos, aunque pecadores en la vida, recibir martirio por los mandamientos de Dios.

A la salida que salimos del río de las Amazonas que se llama el Marañón por otro nombre, vieron en una isla poblada de cristianos llamada la Margarita unas relaciones que venían de España de la gran cisma de luteranos que hay en ella, que nos pusieron temor y espanto pues aquí en nuestra compañía hubo un alemán, llamado Monte Verde y le hice hacer pedazos. Los hados darán la paga a los cuerpos, pero donde nosotros estuviéremos cree Excelentísimo Príncipe que cumple que todos vivan perfectamente en la fe de Cristo.

Especialmente tan gran es la disolución de los frailes en estas partes, que cierto conviene que venga sobre ellos tu ira y castigo, porque ya no hay ninguno que presuma de menos que de gobernador. Mira Rey que no los creas pues las lágrimas que por allá echan delante de tu real persona, es para venir acá a mandar; si quieres saber la vida que por acá tienen, es entender en mercaderías, procurar y adquirir bienes temporales, vender los sacramentos de la iglesia por precios; enemigos de pobres, incaritativos, ambiciosos, glotones y soberbios; de manera que, por mínimo que sea un fraile, pretende mandar y gobernar estas tierras. Pon remedio Rey y Señor porque destas cosas y malos ejemplos no está impresa ni fijada la fe en los naturales, y más te digo que si esta disolución de los frailes no se quita de aquí no faltarán escándalos, aunque yo y mis compañeros por la gran razón que tenemos nos hallamos determinado de morir; esto y otras cosas pasadas, singular Rey, tú has sido causa por no te doler del trabajo de tus vasallos y no mirar lo mucho que les debes, que si tú no miras por ellos y te descuidas con estos tus oidores tienen cada un año cuatro mil pesos de salario cada uno y ocho mil de costa, y a cabo de tres años tienen cada uno 60 mil pesos ahorrados, heredamientos y posesiones, y con todo esto si se contentasen con servirse como a hombres y que como a tales los sirvamos, medio mal y trabajo sería el nuestro, más por nuestros pecados quieren que donde los encontramos nos hinquemos de rodillas y los adoremos como a Nabucodonosor, cosa cierto insufrible y no como hombre que estoy lastimado y manco de mis miembros en tu servicio, y mis compañeros viejos y cansados en lo mismo, te he de dejar de avisar que no fies en estos letrados tu conciencia, que no cumple a tu real servicio descuidarte con estos que se les va todo el tiempo en casar hijos y hijas y no entienden en otra cosa, y su refrán entre ellos es muy común: a tuerto o a derecho nuestra casa hasta el techo.

Pues los frailes a ningún indio pobre quieren predicar y están aposentados en los mejores repartimientos del Perú, la vida que tienen es áspera y fatigosa, porque cada uno dellos tiene por penitencia en sus cocinas una docena de muchachos que le vayan a pescar o a matar perdimos y a traer frutas, todo el repartimiento tiene que hacer con ellos.

En fe de Cristo te juro Rey y Señor que sino pones remedio en las maldades desta tierra, que te ha de venir azote del cielo, y esto dígo por avisarte de la verdad, aunque yo y mis compañeros no esperamos ni queremos de ti nada. Ay, ay, lástima tan grande que César y Emperador, tu Padre, conquistase con la fuerza de españoles la suprema Germania, y gastase tanta moneda llevada destas Indias descubiertas por nosotros, y que no te duelas de nuestra vejez y cansancio, siquiera para matarnos la hambre un día.

Sabéis que vemos en estas partes, excelente Rey, que conquistaste a Alemania con armas, y Alemania ha conquistado a España con vicios de que cierto nos hallamos acá más contentos con maíz y agua solo por estar apartados de tan mala erronía, que los que en ella han caído pueden estar con sus regalos; anden las guerras por donde anduvieren que para los hombres se hicieron, mas en ningún tiempo ni por adversidad que venga dejaremos de ser sujetos y obedientes a los preceptos de la Santa Iglesia de Roma. No podemos creer, excelente Rey y Señor, que seas tan cruel para tan buenos vasallos como en estas partes tienes, sino que estos tus malos oidores y ministros lo deben de hacer sin tu consentimiento; dígo, excelente Rey y Señor, porque en la Ciudad de los Reyes, dos leguas della junto a la mar, se descubrió una laguna donde se cría algún pescado, que Dios permitió que fuese así, y estos tus malos oidores

y oficiales de tu Real persona, por aprovecharse del pescado para sus regalos y vicios, la arriendan en tu nombre, dándonos a entender, como si fuéramos inhábiles, que es tu voluntad; si ello es así déjanos, Señor, pescar algún pescado, siquiera porque trabajamos en descubrirla, porque el Rey de Castilla no tiene necesidad de 400 pesos que es la cantidad por la que se arrienda; pues, esclarecido Rey, no pedimos mercedes en Córdoba, ni en Sevilla ni en Valladolid ni en toda España que es tu patrimonio, duélete, Señor, de alimentar los pobres cansados en los frutos y recibos desta tierra, y mira, Rey y Señor, que hay Dios para todos, e igual justicia y premio, paraíso e infierno.

En el año de 59 dio el marqués de Cañete la jornada del río de Amazonas que, por otra parte, llamaron Amagua, a Pedro de Ursua navarro, y por decir verdad, tardó en hacer navíos hasta el año de 60 en la provincia de los motilones que es término del Perú, y porque los indios andan rapados a navaja se llaman motilones; aunque estos navíos por ser la tierra donde se hicieron lluviosa, al tiempo de echar los navíos al agua se quebraron los más dellos, hicimos balsas y dejamos los caballos y haciendas, y nos echamos por el río abajo con harto riesgo de nuestras personas, luego topamos los más poderosísimos ríos del Perú, de manera que nos vimos en golfo dulce, caminamos de prima faz 300 leguas desde el embarcadero a donde desembarcamos la primera vez. Fue ese mal gobernador tan perverso, ambicioso y miserable que no le pudimos sufrir; y así por ser imposible relatar sus maldades y por tenerme por parte en mi caso como me tendrás Rey y Señor, no diré más de que le matamos cierto bien breve, y luego a un mancebo, caballero de Sevilla que se llamaba D. Fernando de Guzmán, le alzamos por nuestro rey y le juramos por tal, como tu Real persona verá por las firmas de todos los que en ella nos hallamos, que quedan en la isla Margarita en estas Indias, a mí me nombraron por su maese de campo, y porque no consentimos ni consentí in sus insultos y maldades me quisieron matar, y yo maté al nuevo rey y capitán de su guardia, y teniente general y a cuatro capitanes y a su mayordomo, y a su capellán clérigo de misa y a una mujer de la liga contra mí y a un comendador de Rodas, y a un almirante, y a dos alférez y a otros cinco aliados suyos, y con intención de llevar la guerra adelante y morir en ella por las muchas crueldades que tus ministros usan con nosotros, nombré de nuevo capitanes y sargento mayor y me quisieron matar y yo los ahorqué luego a todos. Caminando nuestra derrota, pasando todas estas muertes y malas aventuras en este río Marañón, tardamos hasta la boca dél y hasta la mar más de diez meses y medio; caminamos cien jornadas justas, anduvimos 1.500 leguas justas, es río grande y temeroso, tiene de boca el río 80 leguas de agua dulce, y no como dicen de muchos brazos y bajos, y 800 leguas de desierto si género de poblado, como tu Majestad lo verá por una relación que habemos hecho bien verdadera; en la derrota que corrimos tiene más de seis mil islas; sabe Dios cómo nos escapamos deste lago temeroso.

Avísote, Rey y Señor, no proveas ni consientas que se haga ninguna armada para este río tan mal afortunado; porque en fe de cristiano te juro, Rey y Señor, que si viniesen cien mil hombres ninguno escape, por las relaciones falsas, y no hay en el río otra cosa que desesperar, especialmente para los chapetones de España. Los capitanes y oficiales que al presente llevo y prometen morir en esta demanda como hombres lastimados, son: Juan Gerónimo de Espindola, genovés, capitán de infantería, Juan Gómez almirante, Cristóbal García, capitán de infantería, a los dos andaluces capitanes de a caballo, Diego Tirado andaluz que tus oidores, Rey y Señor, le quitaron con grande agravio indios que había ganado con su lanza; mi capitán de mi guardia Roberto de Sosa y su alférez Nuño Fernández valenciano, Juan López de Ayala de Cuenca nuestro pagador, alférez general Blas Gutiérrez, conquistador de 27 años, alférez natural de Sevilla, Custodio Hernández, alférez portugués, Diego de Torres alférez navarro, sargento mayor Pedro Rodríguez conquistador, Pedro de Rojas andaluz, Juan de Saucedo alférez de a caballo, Bartolomé Sánchez Bilbao nuestro proveedor, y otros muchos hijosdalgo de esta liga ruegan a Dios Nuestro Señor te aumente siempre en bien; y ensalce en

prosperidad contra el turco, y francés y todos los demás que en estas partes quisieren hacer guerra, y en esta nos dé Dios gracia que podamos alcanzar por nuestras armas el premio que se nos debe, pues no han negado lo que de derecho se nos debía. Hijo de fieles vasallos tuyos en tierra vascongada, y yo rebelde hasta la muerte por tu ingratitud: Lope de Aguirre el Peregrino.

El Tirano Aguirre
Gillman

Composição: Indisponível

[I:]

Dicen que el tirano aguirre
Desembarco en margarita
Se hizo pasar por buena gente
Que gran sorpresa les daria

[C:]

Y robo, violo y mato
A todos los ciudadanos

[II:]

A los frailes capuchinos
Desato todo su horror
Les mando a cortar las panzas
Para hacer cuero de tambor

[III:]

Por todas sus atrocidades
Al infierno fue a parar
Aunque dicen que ni dios ni el diablo
Lo han podido enmendar

[Repeat C]

[IV:]

El alma del tirano aguirre
No ha podido nunca descansar
Y como en vida...
Anda en las noches

En su caballo con un tropel infernal

[V:]

No te atrevas...

Ni a mirarlo

Porque se te viene encima [4x]

[VI:]

Cuando ya nada quedaba

Ni a quien mas asesinar

Violo y mato a su propia hija

Y se decide suicidar

[VII:]

Y así escribio

Su nombre en sangre

En la historia del país

[VIII:]

Aunque hoy

Hay mas de un tirano

Que anda suelto por ahí

Banda venezolana "Gillman"

Álbum "Escalofrío" (1994)

Música: "El tirano Aguirre"

<http://www.lector.net/phydic98/eldorado.htm>



Busto de Lope de Aguirre.
Interpretación del escultor obrero Eladio Delgado.

Figura extraída da obra *Lope de Aguirre el peregrino. Primer Caudillo de América*, de Casto Fulgencio López